



ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
AVE

ÍNDICE

O Sítio.....	1
Património Cultural	12
Património Natural.....	43
Acessibilidades.....	51
Equipamentos.....	61
Projectos.....	66
Bibliografia.....	67

Índice de imagens

Burgães

Vale de Burgães

Capela Santa Cruz (Burgães)

Parque Urbano da Rabada

Castro Monte Padrão

Quinta do Mosteiro (Santo Tirso)

Mosteiro de Santo Tirso

Área-entre-Soutos (Trofa)

Azenha da Maganha (Trofa)

Monte de Santa Eufémia (Trofa)

Monte de S. Gens (Trofa)

Ponte da Lagoncinha

Mata das Freiras (Fornelo)

Azenha da Espinheira (Touques)

Agricultura e pecuária (Vila do Conde)

Ermida de Santa Ana (Azurara)

Aqueduto e Igreja de Santa Clara (Vila do Conde)

Capela de N.ª S.ª da Guia (Vila do Conde)

Pórtico manuelino da Matriz (Vila do Conde)

Rio Ave (Vila do Conde)

Dunas na foz do rio Ave (Azurara)

ICONOGRAFIA

Burgães



Vale de Burgães



Capela Santa Cruz (Burgães)



Parque Urbano da Rabada



Castro Monte Padrão



Quinta do Mosteiro (Santo Tirso)



Mosteiro de Santo Tirso



Área-entre-Soutos (Trofa)



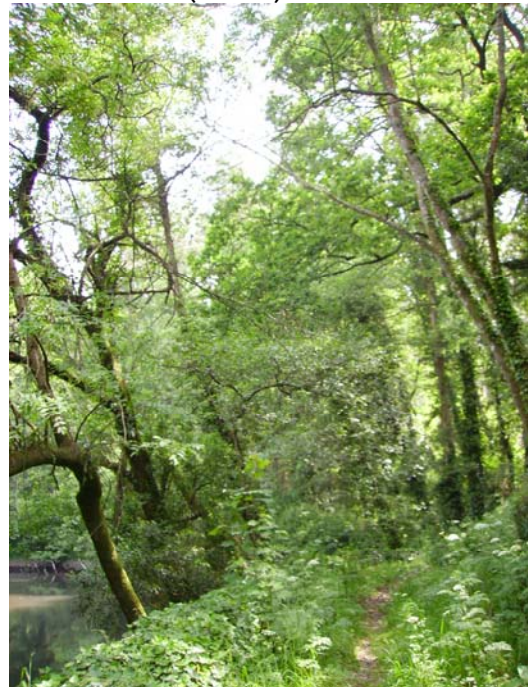
Ponte da Lagoncinha



Azenha da Maganha (Trofa)



Mata das Freiras (Fornelo)



Monte de Santa Eufémia (Trofa)



Monte de S. Gens (Trofa)



Azenha da Espinheira (Touges)



Agricultura e pecuária (Vila do Conde)



Pórtico manuelino da Matriz (Vila do Conde)



Ermida de Santa Ana (Azurara)



Rio Ave (Vila do Conde)



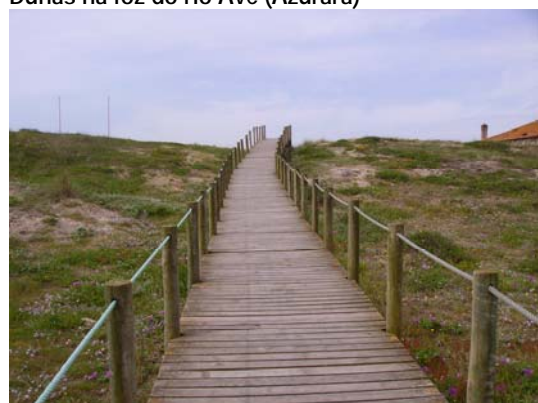
Aqueduto e Igreja de Santa Clara (Vila do Conde)



Capela de N.ª S.ª da Guia (Vila do Conde)

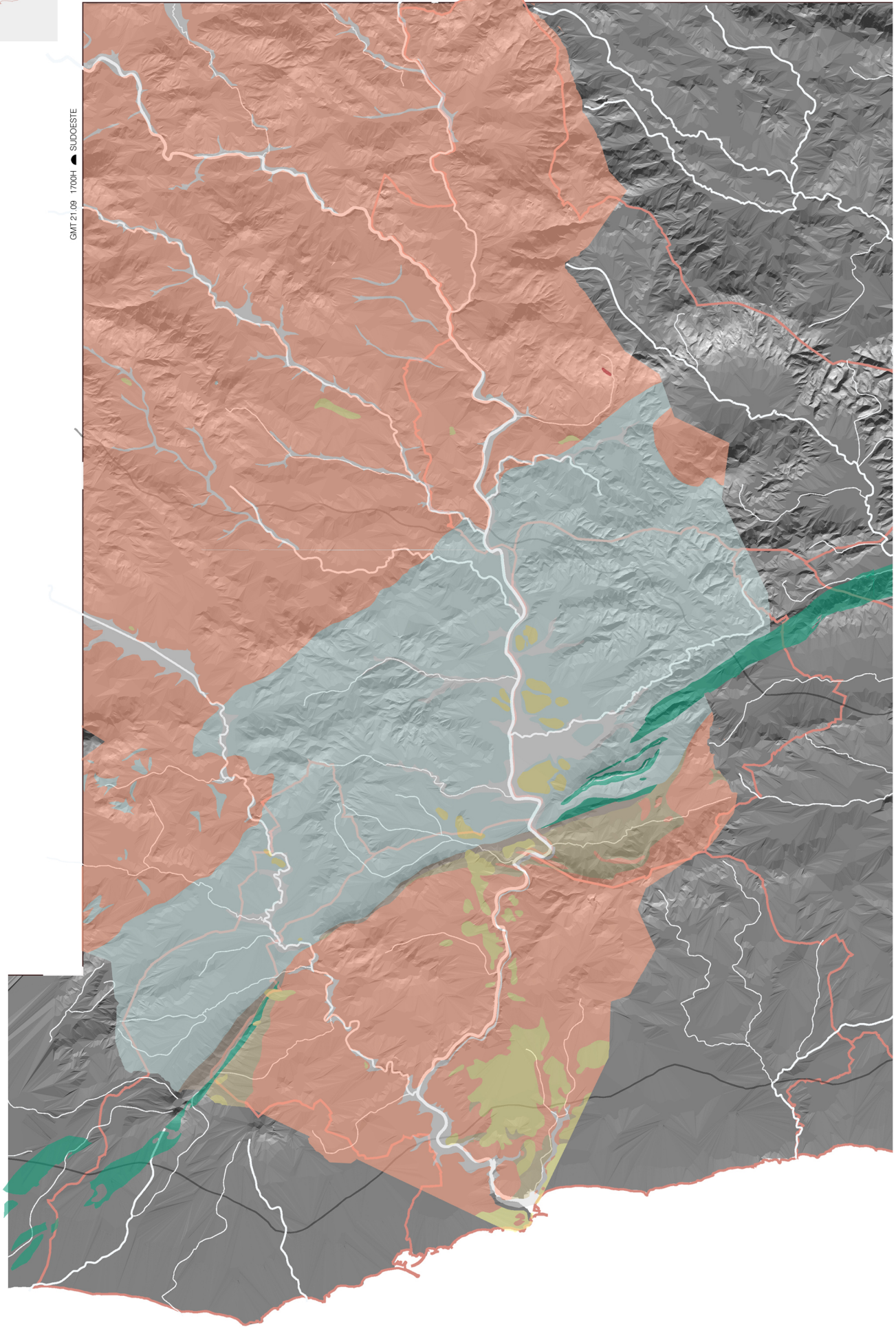


Dunas na foz do rio Ave (Azurara)



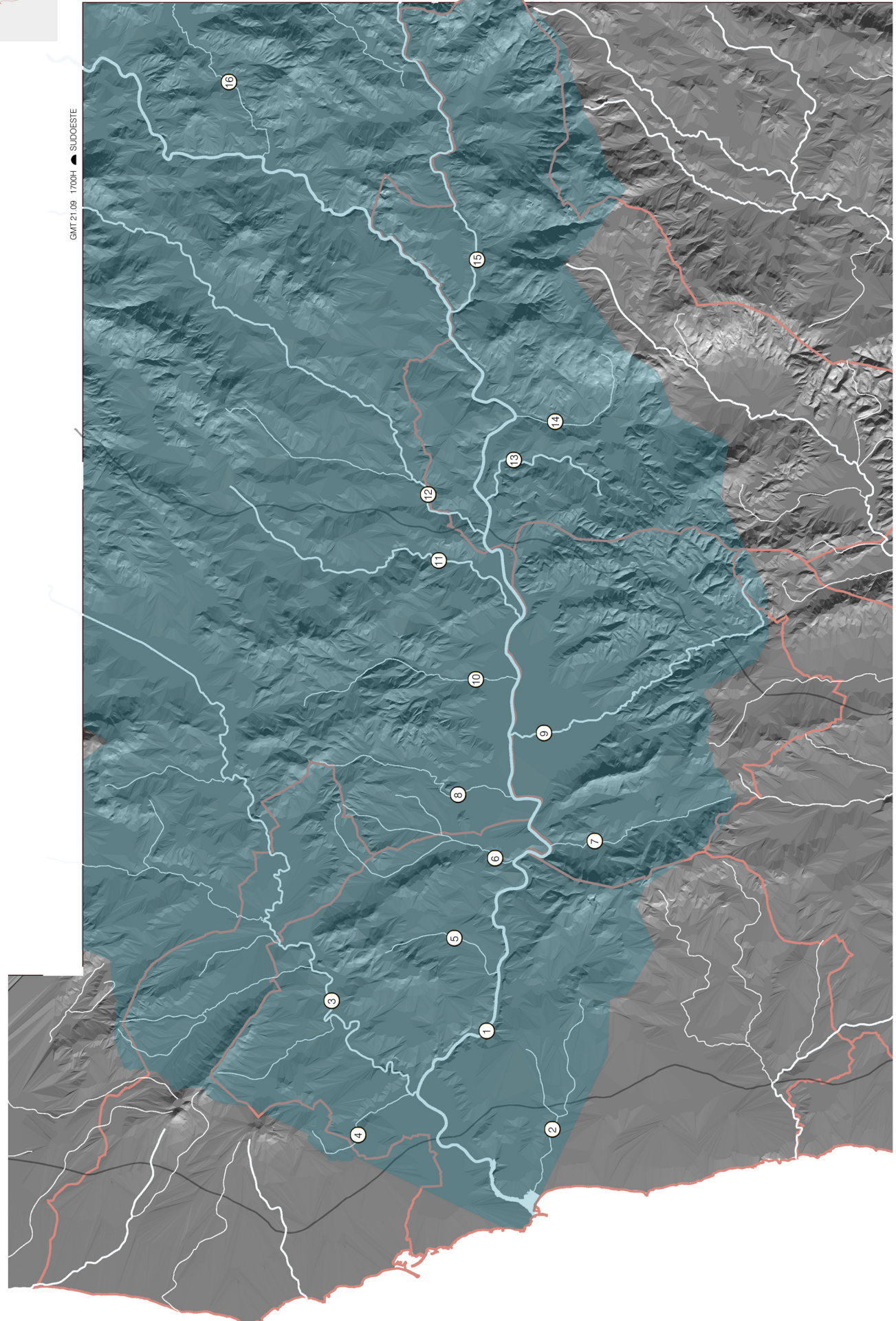


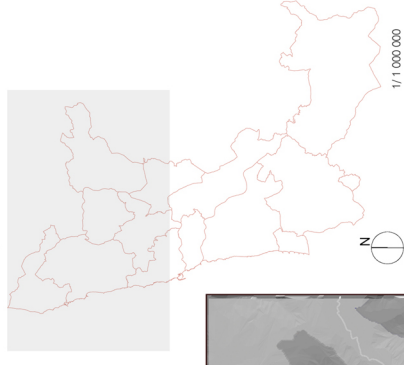
- Carbônico Devônico
- Aluviões e FluviSSoils
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Gravauáquico
- Ordoviciano
- Plio-plistocénico



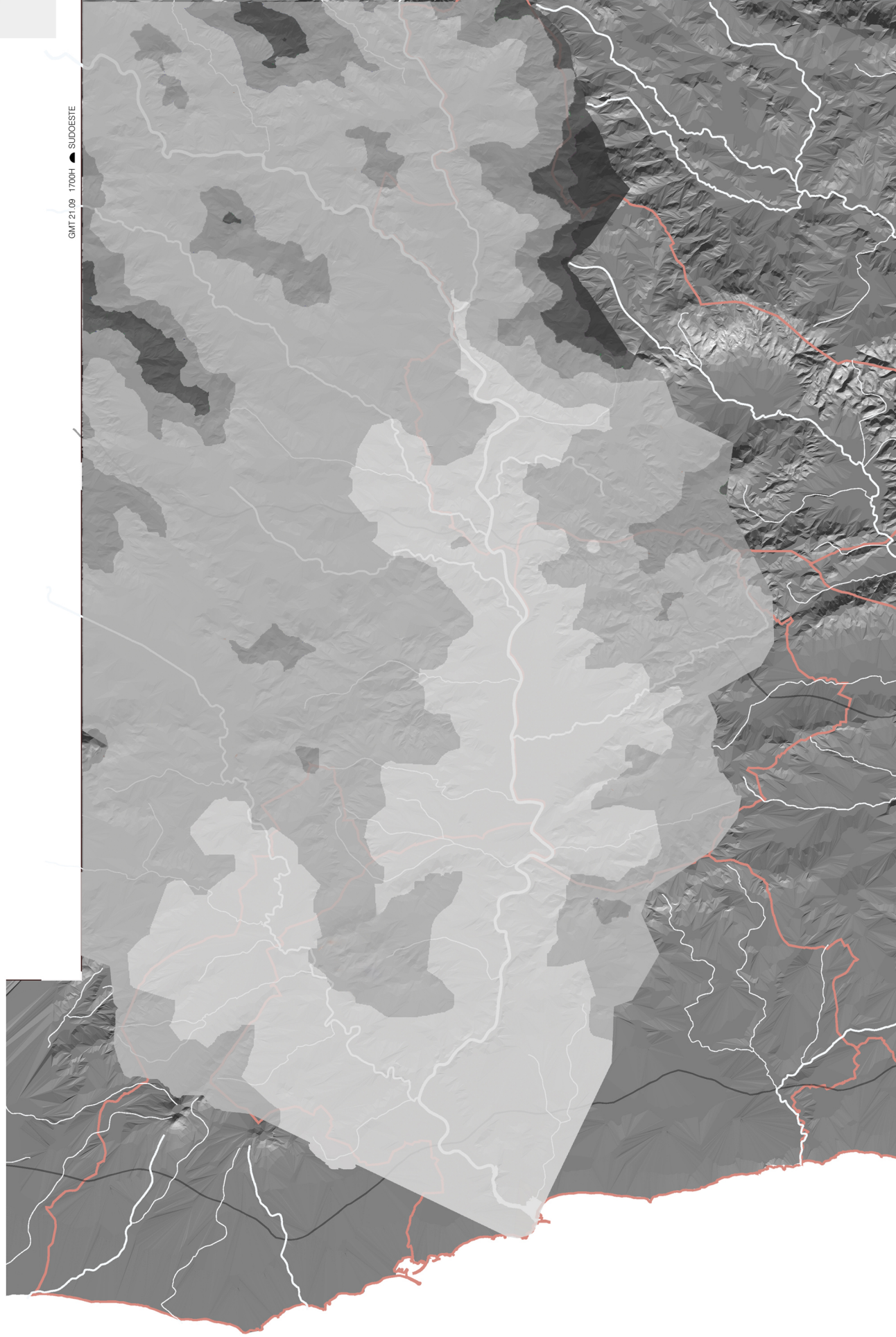


- 1 Rio Ave
 - 2 Ribeira da Granja
 - 3 Rio Este
 - 4 Regajo da Pena
 - 5 Ribeira de Frijas
 - 6 Ribeira dos Peixes
 - 7 Ribeira da Aldela
 - 8 Ribeiro de Fradeiros
 - 9 Rio de Troia
 - 10 Ribeira de Beleco
 - 11 Rio Pele
 - 12 Rio Sanguinedo
 - 13 Ribeira de Matadouro
 - 14 Rio Vizela
 - 15 Ribeira do Selho
 - 16
- Bacia Hidrográfica do Rio Ave





- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- > 400 metros



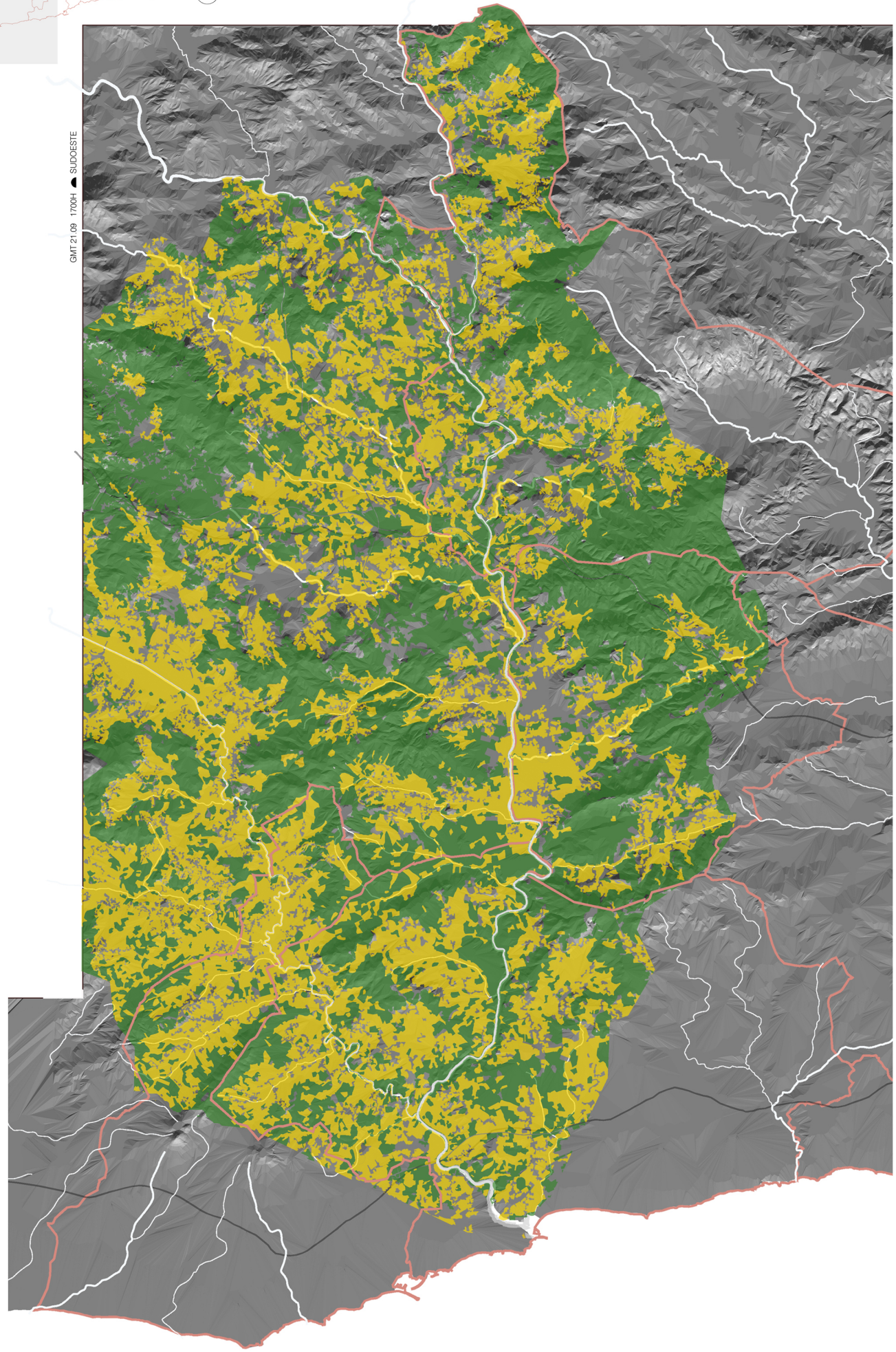
1 km



Agrícola
Florestal



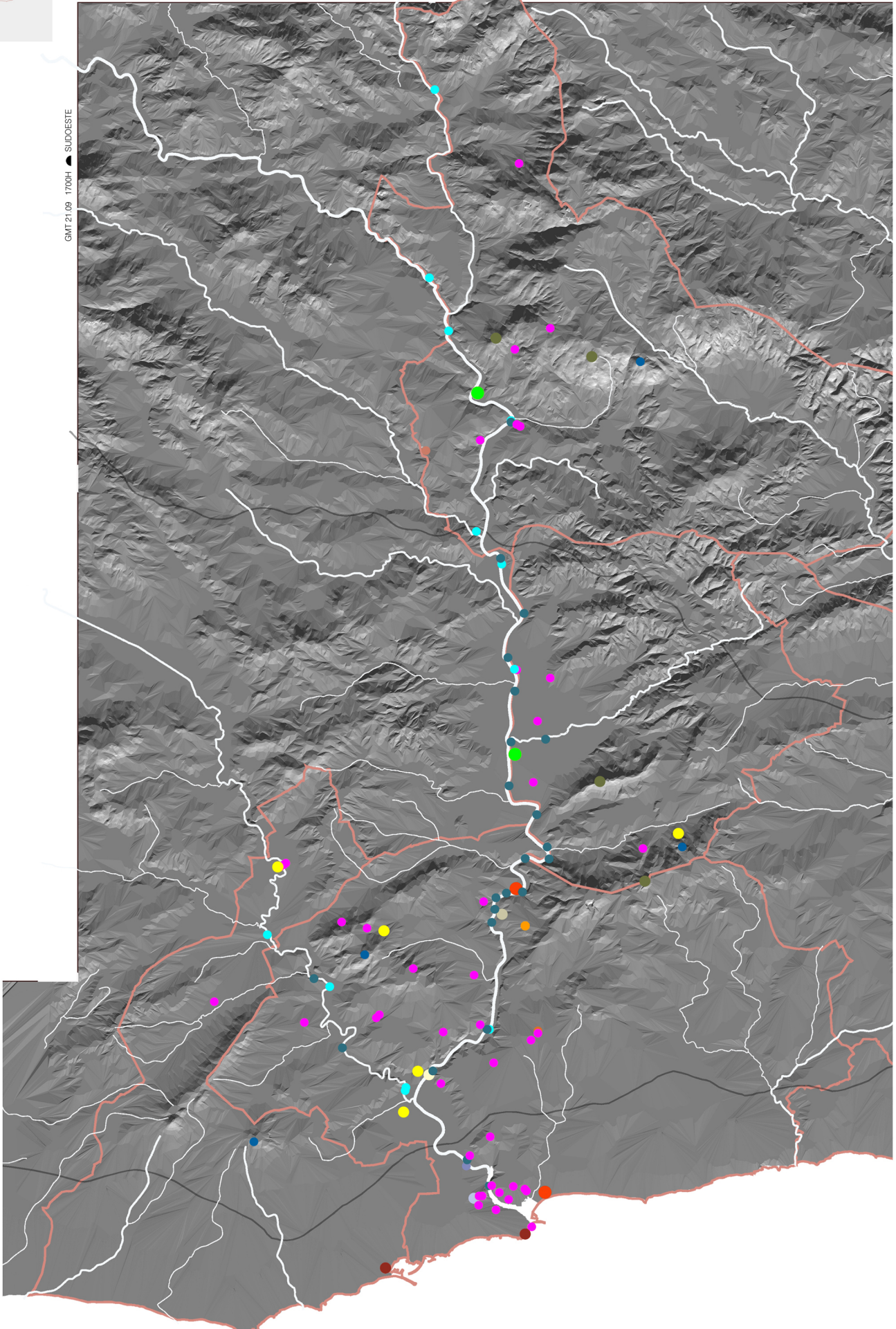
GMT 21.09 1700H SUDOESTE





1/1.000.000

- Património religioso
- Quintas
- Parques
- Mosteiros e azenhas
- Fontes
- Património militar
- Parques de campismo
- Núcleo rural
- Montes
- Aqueduto
- Praia Fluvial
- Maciço florestal
- Estação aquícola

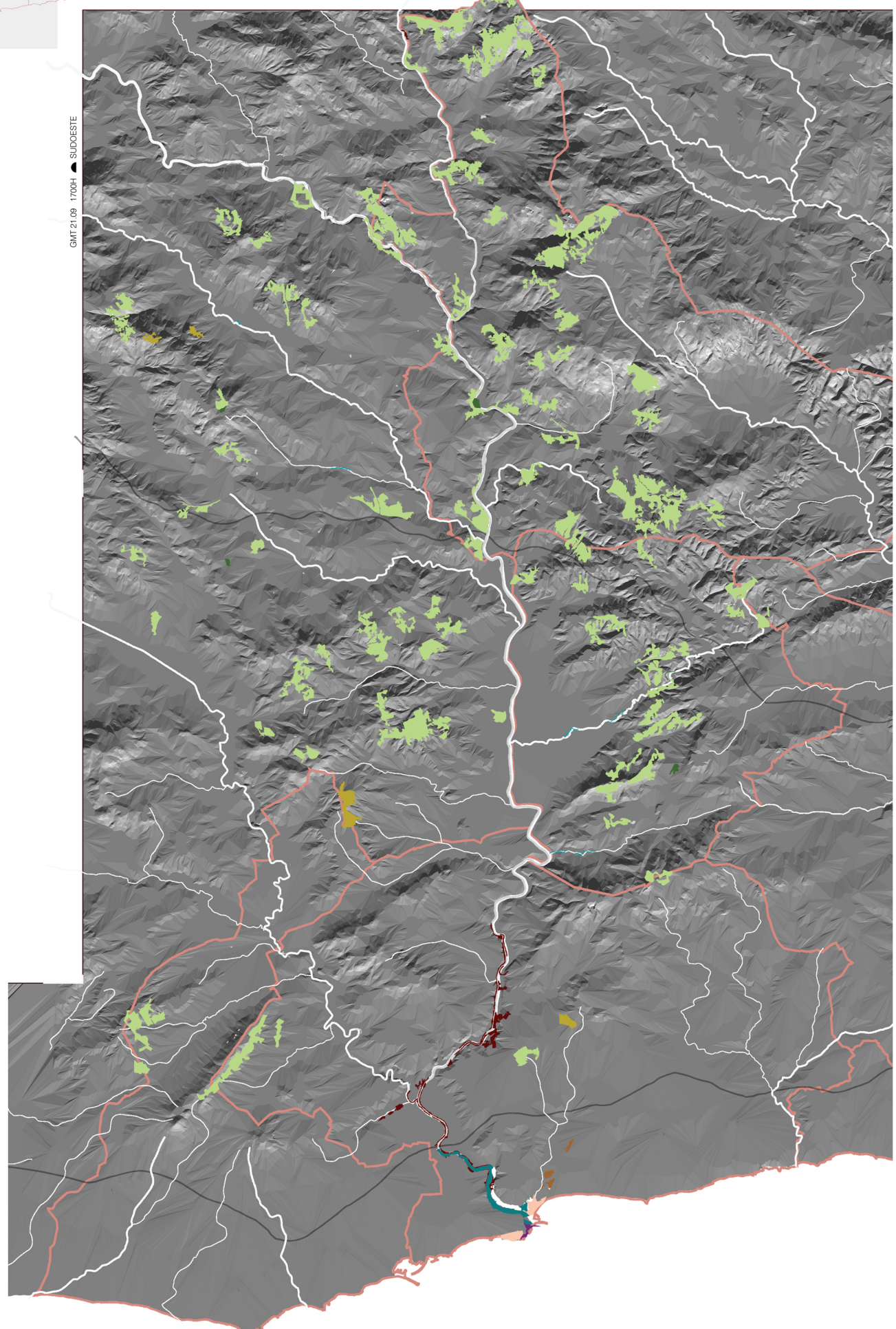


GMT 21.09 1700H SUDOESTE

1 km



- Galeria Ripícola
- Matos rasteiros
- Matos pinhais litorais
- Matos alforamentos
- Litoral rochoso
- Litoral arenoso
- Estuários
- Carvalhais
- Bosques palustres



IDENTIFICAÇÃO

Nome: Rio Ave

Área (ha):

Freguesia (s): Aves, Sequeiró, Lama, Areias, Palmeira, Rebordões, Burgães e Santo Tirso (Santo Tirso); São Martinho Bougado, Santiago Bougado, Guidões, Alvarelhos (Trofa); Balazar, Beiriz, Argivai, Póvoa de Varzim (Póvoa de Varzim); Fornelo, Macieira da Maia, Tougues, Retorta, Azurara, Árvore, Ferreiró, Parada, Outeiro Maior, Bagunte, Arcos, Touguinhó, Junqueira, Touguinha, Vila do Conde (Vila do Conde).

Concelho (s): Santo Tirso, Trofa, Póvoa de Varzim e Vila do Conde

DESCRIÇÃO

O Sítio

*"De onde ouvindo estava o som divino,
Que faz correndo o Ave cristalino"* Manuel Faria in Pinto (2006)

"É doce e macio como a plumagem de uma asa, harmonioso como o prelúdio de um gorgoejo, o nome deste rio lindo e manso, que vai deslizando entre amieiros, cantando nas azenhas, quebrando nos açudes [...] Ele é o acidente, o trecho e o aspecto mais belo do panorama tirsense [...]" Pimentel (1902).

"...Boa dádiva representou também o Ave para os povos da sua região. Descendo lá dos altos da Cabreira, vem seguindo o seu destino, desdobrando-se em perspectivas encantadoras, quer contornando graciosas colinas, quer deslizando suavemente por entre tufos de salgueiros ou tapetes de verdura. Mas, a par da mensagem de beleza que das suas margens nos vem [...] Criava (os peixes), moía, regava, lavava, refrescava (no Verão) [...] sem se falar já nos estaleiros, dos mais antigos do país [...]" José Pereira da Silva in Pinto (2006).

"O Ave é entre os rios do norte um dos mais modestos e, também um dos mais encantadores [...] a formosura de ambas as margens, a galanteria das suas ínsuas verdes [...] Em Santo Tirso não pode ser mais belo, nem mais alegre e festivo. As margens são vestidas de uma correnteza ininterrupta de amieiros, salgueiros e freixos. Verdejam ínsuas com bosquesinhos fluctuantes, onde as aves se occultam para cantar melhor. A cerca do mosteiro, alinhando-se sobre a margem esquerda rio acima, coberta do seu parreiral, faz parapeito dividido em sucessivos mirantes d'onde os frades vinham gozar a beleza do sítio e a frescura das suas águas." Alberto Pimentel – Santo Thyrsos de Riba D'Ave (1902) in (Vale do Ave, 1997).

"Também gostava de subir àquela espécie de pequeno terraço onde se ergue a Capela de Nossa Senhora do Socorro, com a sua cúpula branca, e daí gozara a larga vista sobre o Ave, para os campos

de Azurara, para os pinhais longínquos do Mindelo. Outras vezes, ia direito à praia. No outro lado do rio a Torre do Monteiro punha uma nota romântica sobre os campos tranquilos, na paisagem nua e rasa, melancolicamente amena. Sempre os seus olhos eram atraídos para esses lados, que eram os seus; e Lelito deixava-se ir devagar, acompanhando o Ave que às vezes parecia nem correr, de sereno. A água, o ar, o céu, tudo se abria em volta com a nitidez de um espelho...” José Régio in (Carmo, 2006).

O rio Ave nasce na vertente Noroeste da serra da Cabreira a uma altitude de 1260 metros, depois de percorrer 93,5 km (Araújo, 1990), atravessando os concelhos de Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso, Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Santo Tirso, Trofa e Vila do Conde, desagua no Oceano Atlântico em Vila do Conde com um caudal médio na foz de 30,6 m³/s (Carmo, 2006). O rio Ave atravessa ou delimita vários concelhos da área Metropolitana do Porto: Santo Tirso, Trofa e Vila do Conde e passa muito perto do limite concelhio da Póvoa de Varzim.

A bacia hidrográfica do rio Ave ocupa 1390 km² (Araújo, 1990), com direcção predominantemente de Nordeste para Sudoeste, e está delimitada pela bacia do rio Cávado a Norte, pelas bacias do rio Leça e do rio Douro a Sul e pela bacia do rio Douro a Leste. Os maiores tributários do rio Ave, na margem direita são os rios Péle, Pelhe e Este, e na margem esquerda são o rio Selho, o rio Vizela, a ribeira de Ervosa, a ribeira de Real, o rio Trofa e a ribeira da Aldeia.

Etimologicamente, já Ptolomeu (século II d.C.) se referia a ele por *Avus*, supondo-se que o nome deriva de uma saudação romana, talvez saudando a beleza do rio e das suas margens (Carmo, 2006). O rio Ave ao entrar no concelho de Vila do Conde, torna-se mais encaixado, desde o Bicho até à confluência com o rio Este, aqui o seu perfil sinuoso entre afloramentos graníticos propiciou a instalação de açudes e moinhos, exemplo recente: o açude e a antiga moagem industrial no rio Ave na Retorta (Gomes, 1997).

O rio Ave foi desde sempre um rio de açudes e azenhas, o que no seu troço final contribuiu para o assoreamento do rio, principalmente desde que as freiras do Convento de Santa Clara assentaram um açude para moagem (Carmo, 2006). Em 1896, o cineasta Aurélio da Paz dos Reis filmou um documentário chamado «Azenhas no Rio Ave».

Na foz do rio Ave, aproveitando as excelentes condições da bacia do Ave, a construção naval e o comércio com o exterior tiveram um grande impulso na época dos descobrimentos (principalmente a partir do século XV), sendo já no início do século XVI a zona ribeirinha de Vila do Conde um dos principais centros económicos de Portugal. O rio Ave e as actividades económicas que dependiam do rio, como a pesca, a moagem, as salinas assim como as férteis planícies aluviais serviram de pólo de atracção à instalação de comunidades das suas margens (Gomes, 1997). Por pressão do Mosteiro de Santa Clara que explorava a travessia do rio Ave, entre Vila do Conde e Azurara, em barcas suas, apenas em finais

do século XVIII foi erguida uma ponte entre as duas margens do Ave, a qual ruiu durante uma cheia em 1821 (Gomes, 1997). O rio Ave era o limite Norte das “Terras da Maia” (Silva, 1981).

Na **bacia hidrográfica** do rio Ave (com uma altitude média de 280,4 metros) (Araújo, 1990) os principais afluentes são o rio Vizela (com uma sub-bacia de 340 km²) que desagua na margem esquerda e o rio Este (com uma sub-bacia de 247 km²) que drena na margem direita. O **rio Vizela** nasce em Fafe e tem uma extensão de cerca de 50 km, desaguando no rio Ave em Vila das Aves a cerca de 40 km da foz do rio Ave. O **rio Este** nasce a nordeste de Braga, possui cerca de 45 km de comprimento e desagua no rio Ave a cerca de 7 km da foz, em Touguinha no concelho de Vila do Conde (INAG, 2000).

O **rio Vizela** tem um percurso bastante encaixado no concelho de Santo Tirso, existindo inúmeras unidades fabris instaladas nas suas margens, o que condiciona e dificulta o acesso às suas margens. Além do impacto visual das construções de grande volume que é bastante negativo e prejudicial, há ainda as condutas de saneamento que acompanham o rio no seu curso, e que pela cor berrante (vermelho) e visibilidade são um factor intrusivo das margens do rio. Por vezes existe uma estreita faixa de terrenos agrícolas, nas margens do rio, ocupada essencialmente com prados de Inverno. Alternam trechos do rio com majestosa e variada galeria ripícola, com trechos sem galeria ou muito incipiente. Ainda existem bastantes açudes, azenhas ou moinhos no seu curso, no entanto, na maior parte das vezes estão dentro de propriedades privadas sendo impossível aceder às margens. A linha de comboio que liga Porto a Guimarães acompanha o rio Vizela na margem direita, constituindo uma barreira que impede e dificulta o acesso à sua margem. O **rio Vizela desagua no rio Ave** no lugar de Caniços, aqui o rio Vizela apresenta uma vegetação luxuriante nas suas margens, avistando-se mais afastada, na margem esquerda do rio, a torre da igreja de Rebordões. Aqui existe uma represa no rio Vizela, de onde a água do rio se precipita criando um efeito de cascata, abundando nas margens acidentadas do rio Vizela as oliveiras (*Olea europea*). As instalações fabris na foz do Vizela e o viaduto da linha de caminho de ferro que cruza o rio Ave obstruem a visão da confluência do rio Ave com o seu maior tributário da margem esquerda. Os freixos, amieiros, salgueiros, sabugueiros são as espécies arbóreas mais representadas na galeria ripícola do rio Vizela.

O **rio Este** que entra na Área Metropolitana do Porto (AMP), pela freguesia de Balazar (Póvoa de Varzim), possui ao longo do seu curso inúmeros meandros pois o seu leito atravessa principalmente uma vasta veiga agrícola com pouca inclinação. Em **Balazar**, junto à igreja paroquial, a montante e a jusante da ponte que cruza o rio Este, a galeria ripícola é quase inexistente, o mesmo se verificando ao longo de grande parte do curso do Este na AMP, a excepção é o troço a Sul do viaduto da A7 que cruza o rio a Sudoeste da Ponte dos Arcos (Arcos, Vila do Conde).

A **qualidade da água do rio Ave**, segundo dados da DRA Norte, para os anos 1995/1996, nas estações de controlo a classificação era *muito poluído* ou *extremamente poluído*. Sendo o CBO5 (carência bioquímica em oxigénio), o OD (oxigénio dissolvido) e os parâmetros bacteriológicos os parâmetros que apresentam os piores resultados (INAG, 2000). O SIDVA (Sistema Integrado de Despoluição do rio Ave) considerado um projecto essencial à recuperação do rio Ave como espaço natural de excelência e de lazer pelas populações (Vale do Ave 1997), é à escala da bacia hidrográfica com uma solução integrada de drenagem e tratamento conjunto das águas residuais urbanas e industriais (UNAVE, 2000).

O rio Ave apresenta graves problemas de poluição da água, quer a nível físico-químico como a nível biológico, repercutindo-se nas comunidades aquáticas e na cortina riparia com a sua depauperação. Os efluentes domésticos e industriais (o vale do Ave possui uma elevada concentração de indústrias têxtil) são a principal causa da degradação da qualidade ambiental verificada no rio Ave. Foi mesmo considerado *“o rio mais fabril do Norte do País”* (FCG, 1985). No final da década de 80 do século XX, houve um agravamento da poluição do rio Ave, tendo sido na altura classificada como «má ou péssima» a qualidade da água, sendo impróprio qualquer uso da água (Vale do Ave, 1996).

No século XX, o território do vale do Ave, sofreu grandes transformações devido ao rápido fomento das indústrias têxteis e à exploração intensiva da agricultura, os quais aliados à forte pressão demográfica característica da região, reverteu na depauperação da qualidade da água do rio Ave e dos seus afluentes, bem como dos ecossistemas ribeirinhos. A má qualidade ambiental do rio Ave levou ao abandono progressivo das populações das actividades económicas e de lazer nas margens do rio. As vivências e os saberes em torno do rio Ave foram desaparecendo, assim como as azenhas, os engenhos de linho, as serras hidráulicas e os pisões. As praias fluviais do Bicho, de Bairros e da Barca (concelho da Trofa) desapareceram (<http://www.mun-trofa.pt/>).

Na bacia hidrográfica do rio Ave, a precipitação oscila entre os 900 e os 3900 mm, calculando-se uma **precipitação** média anual de 1791 mm, verificando-se os valores médios anuais mais elevados na zona de cabeceira do rio enquanto na área mais próxima da foz regista-se um valor médio anual de precipitação inferior a 1500 mm. O **clima** do troço, englobado na Área Metropolitana do Porto (AMP), pode ser considerado do tipo marítimo de fachada atlântica, apresentando no trecho final valores médios de **temperatura** que rondam os 15°C, a influência atlântica permite o registo de Verões de tipo moderado e Invernos do tipo fresco, verificando-se na cabeceira do rio um clima mais rigoroso. Segundo a classificação climática de Thornthwaite, no alto Ave o clima é super húmido, mesotérmico, com pequena eficiência térmica no Verão, no médio Ave (Guimarães, Santo Tirso e Trofa) é do tipo muito húmido, com moderada falta de água no Verão e, no baixo Ave, junto ao litoral é do tipo sub-húmido húmido (INAG, 2000).

Quanto ao **relevo** da bacia hidrográfica do rio Ave, apresenta na parte mais a montante características de um rio de montanha, correndo o rio mais encaixado e com declives acentuados entre 3,8 e 16,7% (Araújo, 1990), mais a jusante o vale é mais largo, com margens de aluvião bastante espaçosas, com declives suaves, chegando mesmo a formar meandros (Araújo, 1990). Quanto ao declive, nos últimos 82 km de percurso do rio o declive é pouco acentuado e relativamente constante, o que já não se verifica mais a montante (INAG, 2000).

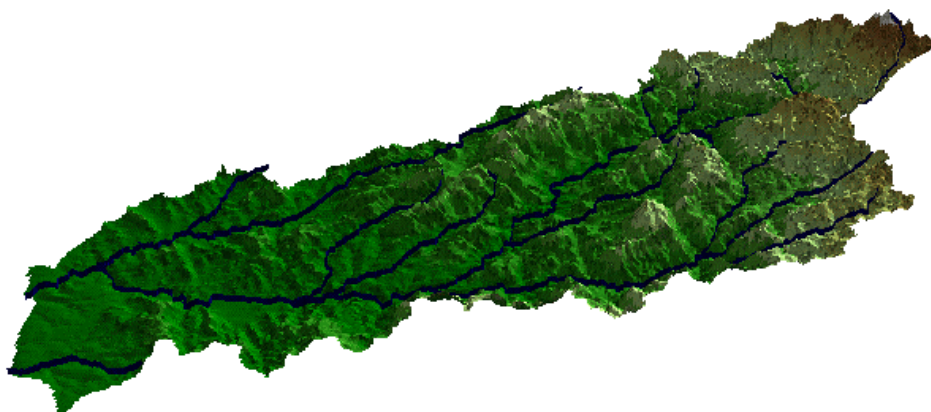


Fig. 1 - Perspectiva tri-dimensional da área do plano de bacia hidrográfica do rio Ave (INAG, 2000).

Sob o ponto de vista **geológico**, na bacia hidrográfica do Ave dominam os granitos de rochas eruptivas: granitos de grão médio ou grosseiro a jusante e granito porfiróide de grão muito grosseiro ou apenas grosseiro a montante, intercalados por uma faixa de metassedimentos (essencialmente os xistos e grauvaques do Silúrico) (Carta Geológica de Portugal, 1965). Os cambissolos de rochas eruptivas dominam o tipo de **solo** considerando a bacia total do rio Ave, mas no troço final tem grande representatividade os cambissolos húmicos-xistos associados a Luvisolos (INAG, 2000).

Juntamente com o rio Vizela, o vale do rio Ave é referenciado por possuir das mais belas **paisagens** agrícolas do Entre Douro e Minho, com uma paisagem rural ordenada e diversa e com um rico património cultural (INAG, 2000). Existem algumas obras (álbuns fotográficos), que nos dão a conhecer imagens bucólicas do vale do Ave (Imagens do Vale do Ave, 2001; Machado, 1993), destacando-se os postais antigos com panorâmicas do rio Ave, dos seus açudes, pontes, azenhas e praias fluviais (Machado, 1993).

Segundo DRAEDM *et al.* (2007), os concelhos de Santo Tirso, Trofa, Vila Nova de Famalicão, Vila do Conde e Póvoa de Varzim pertencem à Bacia Leiteira Primária de Entre Douro e Minho (BLPEDM). Ao todo são considerados 11 concelhos, mas estes pela sua relação primordial com a bacia do rio Ave

merecem destaque. A **paisagem** da BLPEDM, que engloba os concelhos acima referidos, é uma paisagem essencialmente agrícola, onde dantes imperava o sistema agro-bouça característico da região, mas que actualmente devido à intensificação e modernização dos métodos produtivos dos sistemas agro-pecuários intensivos e ao abandono da agricultura, tem-se verificado um abandono da relação de complementaridade existente entre as áreas agrícolas e as matas ou bouças.

Na elaboração do Plano da BLPEDM, foram identificadas várias **unidades de paisagem** no vale do Ave pertencente à AMP, identificou-se: a nascente a unidade que corresponde a uma zona periférica, que apresenta um relevo mais acentuado, com uma ocupação dominante não agrícola, correspondendo ao maciço de Monte Córdova (término da serra da Agrela) e vale do rio Vizela. A unidade 6, que abrange a área do concelho de Santo Tirso na margem direita do Ave e uma pequena parte na margem esquerda, além de uma área considerável ribeirinha do concelho da Trofa, e que corresponde de grosso modo ao vale do Ave, em que apesar do avanço das áreas urbanas o padrão dominante da paisagem mantém-se agrícola. O vale do rio Este e o vale do Ave a jusante de Fornelo, exceptuando a recta final na margem direita do rio Ave (que está inserida na unidade de paisagem 2, correspondendo a parte da Zona Vulnerável na zona litoral), está incluído na unidade de paisagem n.º4, sendo caracterizada por grandes explorações agrícolas direccionadas para a actividade leiteira (DRAEDM *et al.*, 2007).

Na área abrangida pelo Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Ave, utilizando cartografia do ano de 1990, a vocação agrícola do vale do Ave está bem representada com 42,6% do solo ocupado por culturas anuais, bem como as zonas florestais com 46%. As áreas artificializadas ocupavam 5,2% da área, possuindo na área da AMP maior representatividade em Vila do Conde (INAG, 2000). No vale do Ave, nos troços médio e baixo, a paisagem é bastante compartimentada, de povoamento tipo disperso, em que existe uma maior ligação entre a habitação e os terrenos agrícolas do que entre vizinhos, onde domina a pequena propriedade, com campos cercados com sebes arbóreas ou por vinha em ramada (Gomes, 2001).

Na **agricultura**, destaca-se o cultivo do **milho** (Vale do Ave, 1997), cultura de regadio de Verão que alterna com **prados de Inverno** e a vinha em ramada nas bordaduras dos campos (ADRAVE, 2000). Mas nos últimos tempos tem-se verificado o arranque de ramadas de vinha e às substituições do cultivo do milho por vinhas (em bardo) e pomares (culturas mais rentáveis) (ADRAVE, 2000). No Outono, Inverno e parte da Primavera a água do clima húmido, permite a existência de prados, que produzem forragem para alimentos dos animais, que produzem estrume que vão depois fertilizar os campos agrícolas, principalmente cultivados no Verão com milho, hortaliças, legumes e árvores de fruto que abundam (Pinto, 2006). Os monges do Mosteiro de Santo Tirso tiveram grande importância para o fomento da vinha na ribeira do Ave, já em doações (remonta ao ano de 1163 o documento mais antigo) era exigido aos monges que renovassem e fizessem novas plantações de **vinha** (o foro do mosteiro correspondia a

1/3 do vinho colhido), assim como de outras **árvores de fruto** (Cruz, 1982). Em documentos do século XIII é referida a colheita de frutos, como peras, figos, maçãs, noqueiras e castanhas entre outros, correspondendo o foro do mosteiro de São Bento a metade da fruta, bem como cereais como o milho, cevada e centeio (Cruz, 1982). O rio Ave também era utilizado pelos lavradores das terras limítrofes para por de molho o linho, o que durava em média durante cinco dias (Pimentel, 1902).

"A alternância do campo-prado e a larga parte das forragens que se tira das culturas de Verão..." potencia o grande número de cabeças de gado bovino desta região (Ribeiro, 1987).

Já quanto às **culturas forrageiras** temporárias, domina na Primavera/Verão a produção de milho para silagem, sendo o sorgo cultivado em apenas 27 das 1978 explorações, já no Outono/Inverno aparecem as cultivares, ferrã e azevém que predomina. A superfície forrageira tem uma representatividade esmagadora na SAU (Superfície Agrícola Utilizada) dos concelhos da BLPEDM, atingindo valores superiores a 93,8% no vale do Ave, com o valor máximo de 99,4% registado para o concelho da Póvoa de Varzim (DRAEDM *et al.*, 2007).

Os concelhos onde se verifica uma maior concentração de **explorações pecuárias** em regime intensivo são: Barcelos, Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Vila Nova de Famalicão, exceptuando o primeiro que pertence à bacia do rio Cávado, os restantes drenam para o Ave. Dados de distribuição regional de quotas leiteiras referentes a 2004, referem que todos estes quatro concelhos possuem quotas leiteiras superiores a 50 000 toneladas. Segundo dados do IFADAP/INGA referentes ao ano 2004, para o vale do Ave, em Vila do Conde, havia 388 produtores de leite com uma quantidade atribuída de 117 773,66 ton, na Póvoa de Varzim o número de produtores era de 223 para 61 867,03 ton, na Trofa existiam 105 produtores com 22 789, 94 ton, em Santo Tirso havia 48 produtores com 9 144,84 ton e em Vila Nova de Famalicão eram 199 produtores para uma quota leiteira atribuída de 50 017, 22 ton (DRAEDM *et al.*, 2007).

Na análise estatística de distribuição, densidade e dimensão física das explorações pecuárias dos concelhos que nos interessam no âmbito do vale do Ave na AMP, no concelho de Santo Tirso, na bacia do Ave as explorações concentram-se nas freguesias da margem direita do rio e nas freguesias de Santo Tirso e Burgães, com um **número médio de densidade** de 2 a 4 **explorações por km²**. Já no concelho da Trofa no vale do Ave é na freguesia de Santiago de Bougado que se observa maior densidade de explorações por área, com 6 a 8 por km². No vale do Este, no concelho da Póvoa de Varzim, assim como nas freguesias de Vila do Conde no troço a montante do rio Este, atinge-se o valor máximo, 8 a 10 explorações por km². No restante território de Vila do Conde, na margem direita do rio Ave, exceptuando a zona próxima da foz, o valor dominante é 6 a 8 explorações por km². Na margem esquerda do Ave, em Vila do Conde o número de explorações nas freguesias ribeirinhas do Ave (exceptuando as marítimas) alterna entre 4 a 6 e 6 a 8 por km² (DRAEDM *et al.*, 2007).

O **número médio de vacas leiteiras** por exploração à altura da realização dos inquéritos era de 40,2 para um total de 1935 explorações, sendo o número médio de cabeças normais de 51,8 bovinos. O quadro n.º 1 apresenta os resultados apurados do número de explorações e de cabeças normais de bovinos por concelho. Quanto ao número médio de vacas leiteiras por exploração, em Vila do Conde e Póvoa de Varzim é superior a 47 efectivos, enquanto na Trofa fica-se pelos 36 e em Santo Tirso não atinge as 32 vacas leiteiras por exploração (DRAEDM *et al.*, 2007).

Quadro n.º 1- Número de explorações pecuárias e de cabeças normais de bovinos nos concelhos do Vale do Ave na AMP.

Concelho	Número de explorações	Número de cabeças normais de
	pecuárias	bovinos
Santo Tirso	46	1801
Trofa	96	3998
Póvoa de Varzim	204	12317
Vila do Conde	368	24297

DRAEDM *et al.*, 2007

As **culturas temporárias**, principalmente **os prados e forragens**, dominam a ocupação agrícola do solo da área do vale do Ave, principalmente nas áreas com grande vocação leiteira, como é o caso de algumas freguesias da Póvoa de Varzim, concelho que em 1999 possuía um efectivo pecuário bovino de 18048 animais, dos quais 9495 correspondiam a vacas leiteiras (Borges, 2003), e em que do total de 3242 ha de Superfície Agrícola Utilizada (1999) com culturas temporárias, os cereais para grão ocupavam 114 ha e os prados e forragens 2301 ha (Borges, 2003). Em Vila do Conde, no coração da bacia leiteira, existem cerca de 350 a 400 explorações leiteiras, com cerca de 30 mil vacas leiteiras (Suplemento do Jornal de Notícias n.º 325, 21/04/2008).

No Recenseamento Geral de Agricultura de 1999, o milho para silagem foi a principal cultura em área regada, como se observa no quadro n.º2. A cultura de milho regional e milho híbrido para grão possuía alguma importância no concelho de Santo Tirso, com 236 ha de variedade regional e 411 ha de milho híbrido (INE, 2001).

Quadro n.º 2- Área regada de milho para silagem nos concelhos do vale do Ave na AMP.

Concelho	Área de milho para silagem (ha)
Santo Tirso	748
Trofa	1067
Póvoa de Varzim	2051
Vila do Conde	4918

Recenseamento Geral de Agricultura de 1999 (INE, 2001)

Devido à produção pecuária comercial implicar graves problemas de contaminação dos solos, principalmente com a aplicação de adubos orgânicos, fertilizantes, pesticidas na produção agrícola de matéria vegetal para forragem ou pastagem e pelos efluentes dos processos de transformação e silagem das explorações leiteiras, foi elaborada uma **zonagem** da área da BLPEDM por **bacias críticas**, com base nos resultados de campo (inquéritos nas explorações realizados no âmbito do Plano), nas condições edafológicas, enquadramento das explorações e outros factores. Assim, verifica-se que todo vale do rio Este na Área Metropolitana do Porto e as freguesias de Vila do Conde a montante da foz do rio Este na margem direita do rio Ave, pertencem à zona mais crítica, a 1.1, onde há uma maior concentração de explorações e também mais casos de explorações com problemas. De seguida, está a zona crítica 1.2, em que o problema não está tão concentrado como na 1.1, que engloba a área a jusante da foz do Este, na margem direita do Ave e inclui a Zona Vulnerável do "Aquífero Livre de Esposende Vila do Conde". A zona crítica 2.1, que abrange a maior parte das freguesias de Vila do Conde na margem esquerda do rio Ave, exceptuando a freguesia de Fornelo e a parte oriental de Macieira da Maia, é uma zona que ainda possui um número considerável de explorações problemáticas, o que conjugado com o tipo de solo predominante (Cambissolos) aumenta a sensibilidade à contaminação dos solos e aquíferos. A zona crítica 3.2 que abrange a margem esquerda do Ave desde Macieira da Maia, inclui as freguesias ribeirinhas do Ave do Concelho da Trofa vai até ao concelho de Santo Tirso, reúne um número significativo de explorações problemáticas, o que em associação com o tipo de solo predominante (Leptossolos), atribui a esta zona alguma sensibilidade. A zona crítica 3.1 inclui as freguesias de Santo Tirso na margem direita do rio Ave, e é caracterizada por abranger núcleos urbanos, possuindo ainda um número significativo de explorações problemáticas e um predomínio dos Antrossolos e Regossolos. Já o restante território do concelho de Santo Tirso na envolvente do Ave e Vizela, pertence à zona crítica 4, a qual apresenta ainda alguma preocupação, mas muito menor do que a causada nas anteriores zonas críticas (DRAEDM *et al.*, 2007).

A **Área-entre-Soutos**, é uma área essencialmente agrícola, numa extensa **veiga** na margem esquerda do rio Ave no concelho da **Trofa**, que engloba desde leste o Souto da Lagoa, seguindo para oeste até Souto de Bairros. A actividade agrícola é em função das explorações de vacas leiteiras, existindo bastantes silos de forragem, bem como fardos de palha por toda a área, assim no Verão os campos estão semeados com milho para silagem e no Inverno com forragem fresca para os animais. Os campos estão todos cultivados e alguns mesmo até à margem do rio Ave, mantendo-se no entanto uma cortina ripária de árvores de grande porte. Em Sequeiró, Lama, Areias e Palmeira (Santo Tirso), aparecem propriedades agrícolas com uma dimensão razoável, cultivadas, algumas com novas plantações de vinha, como entre Casal e Vila (perto da Igreja de Palmeira), de onde se tem uma vista privilegiada para o vale do rio Ave. Em Sequeiró abundam grandes propriedades agrícolas e quintas, bem como matas de folhosas como carvalhos e castanheiros.

Já na vertente que desce de Cabanas para Negrelos, para **o vale do rio Vizela**, destacam-se os sobreiros que marcam uma presença quase constante, embora o eucalipto domine os solos florestais. No vale do Vizela, a vinha é uma cultura agrícola de importância comercial, observando-se ainda, principalmente nas parcelas agrícolas em socalcos que bordejam as encostas declivosas, o pastoreio de cabeças de gado (ovino, bovino) em campos semeados com prados de azevém e pequenas hortas e culturas agrícolas de auto-suficiência, como batata.

Nas últimas décadas, no vale do Ave, tem decrescido o número de explorações agrícolas e aumentado o abandono de terras (Costa & Gonçalves, 2002), mas ainda domina a policultura, em que o campo de milho serve de núcleo alternando com prados de gramíneas. A propriedade é bastante fragmentada, dominando a pequena e média propriedade, excepto em algumas zonas com maior implantação de uma agricultura comercial como a verificada em certas zonas da Trofa, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, onde dominam as explorações de vacas leiteiras.

Segundo o INE (2007), quanto à **produção vinícola** do ano de 2006, nos quatro concelhos em análise na bacia do Ave, apenas no concelho de Santo Tirso esta tem alguma relevância, com quase 15000 hl de produção total, enquanto no concelho da Póvoa de Varzim não atingiu os 2000 hl, no concelho de Vila do Conde não atingiu os 1500 e no concelho da Trofa a produção vinícola ficou-se pelos 204 hl. Outro dos dados fornecidos pelo Anuário Estatístico da Região Norte de 2006, é a quantidade de **árvores de fruto** vendidas por viveiristas por município de destino, aqui também o concelho de Santo Tirso, registou o maior número com 4114, seguido de Vila do Conde com 1818, Póvoa de Varzim com 1740 e Trofa com 1095. As laranjeiras, macieiras e cerejeiras ocupam as três primeiras posições nas vendas a Santo Tirso, para Trofa foram os limoeiros, laranjeiras e macieiras, na Póvoa de Varzim as pereiras, macieiras e as ameixeiras e laranjeiras (ex-aqueo) ocupam as posições cimeiras, e em Vila do Conde foram as laranjeiras, limoeiros e pereiras que obtiveram as três primeiras posições de venda.

A **floresta** do vale do Ave na AMP é maioritariamente constituída por povoamentos mistos de pinheiro-bravo e eucalipto, ocupando as zonas de encosta onde os solos são menos profundos, mais pedregosos e mais secos, verificando-se ainda a regeneração espontânea de carvalhos e outras espécies da flora climácica. Devido à elevada frequência e dimensão dos fogos florestais nas últimas décadas e, ao abandono de grande parte da floresta, grandes áreas florestais foram substituídas por manchas de matos (ADRAVE, 2000). No sub-bosque, dominam o tojo (*Ulex europeus*), a giesta (*Cytisus sp.*), o fetudo-monte (*Pteridium aquilinum*) e a *Genista triacanthos* (Pinto, 2006).

Segundo estatísticas, da Direcção Geral dos Recursos Florestais, de área ardida de povoamentos florestais entre os anos 1999-2006, nas freguesias do vale do Ave em estudo, nos quatro concelhos da

Área Metropolitana do Porto (Santo Tirso, Trofa, Póvoa de Varzim e Vila do Conde), merecem destaque (www.dgrf.min-agricultura.pt):

- No concelho de Santo Tirso, as freguesias de Rebordões com um total de 92,5 ha (tendo ardido 60,1 ha apenas em 2006 ou seja quase dois terços da área total), Burgães com um total de 402,4 ha no período 1999-2006 (em 2002 arderam 272 ha) e Monte Córdova com 449,7 ha (sendo que em 2002 arderam 122,6 ha e em 2005 o fogo consumiu 156,5 ha).
- No concelho da Trofa, as freguesias de Guidões com um total de 83,5 ha (tendo ardido apenas em 2005 49,7 ha de povoamentos), São Tiago de Bougado com 108,9 ha de povoamentos florestais dizimados pelo fogo (só em 2001 arderam 75,4 ha) e São Martinho de Bougado com 265,4 ha (tendo ardido em 2002 um total de 167,1 ha).
- No concelho da Póvoa de Varzim, as freguesias de Terroso com um total para 1999-2006 de 53,1 ha dos quais arderam 48,7 ha em 2006 e Póvoa de Varzim com 146,8 ha de povoamentos florestais ardidos entre 1999 e 2006 (no último ano arderam 116,1ha).
- No concelho de Vila do Conde, na área do vale do Ave, apenas a freguesia de Fornelo registou uma área ardida com alguma importância, nomeadamente um total de 203,8 ha, para o período de 1999-2006 (só no ano de 2005 arderam 153,5 ha de povoamentos florestais).

A Associação dos Silvicultores do Vale do Ave (ASVA) pretende constituir uma Zona de Intervenção Florestal (ZIF), que abrange áreas de São Martinho e Santiago de Bougado na Trofa, com uma área de 2570,5 ha (www.mun-trofa.pt/floresta/pdf/planta_localizacao_zif.pdf).

Actualmente está em curso um projecto da Câmara Municipal de Santo Tirso, financiado pelo AGRIS, com vista à requalificação florestal do monte de São João do Carvalhinho (Burgães), do monte de N.ª Sr.ª da Assunção e do Carvalhal de Valinhas e área envolvente (15 ha) (Monte Córdova) (www.cm-stirso.pt). Também no rio Ave, no concelho de Santo Tirso, foi efectuada a gestão de combustíveis, juntamente com a Associação de Pesca Além-Rio, tendo decorrido uma intervenção nas margens do rio Ave, de modo a permitir acolher provas de pesca. A requalificação florestal dos terrenos municipais, designadamente a Quinta do Verdeal, em Vila das Aves (junto ao rio Vizela) (cerca de 2 hectares), e a Quinta de Geão (junto ao rio Sanguinhedo) (2ª e 3ª fase num total de 12 hectares), são outras das intervenções em curso). A Assembleia Municipal da Câmara de Santo Tirso aprovou a isenção do imposto municipal sobre imóveis (IMI) para os proprietários que limpem os seus terrenos, de modo a reduzir a carga combustível e prevenir os incêndios florestais, esta medida obteve grande adesão por parte dos proprietários florestais (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf).

Património Cultural

No **património cultural**, principalmente no relacionamento das populações com o rio Ave, destacam-se as pontes romanas e medievais, bem como um grande número de açudes, azenhas e moinhos, e ainda a presença constante de quintas e solares (INAG, 2000). Já nos núcleos urbanos, principalmente em Vila do Conde encontra-se uma grande concentração de monumentos, de estilo românico, gótico, renascentista, maneirista, barroco, romântico, etc. Os machados de bronze encontrados na Abelheira (Trofa) são um importante achado arqueológico, que assinala a ocupação remota do vale do Ave (Silva, 1981). Os **castros** e outros monumentos que remontam à Idade do Ferro e vão até a romanização são dos mais antigos vestígios da ocupação humana deste território, principalmente por comunidades organizadas.

No **património religioso** destacam-se os **mosteiros, igrejas, capelas, ermidas, cruzeiros e passos** cuja abundância testemunha a grande influência das ordens religiosas e da fundação dos mosteiros com os seus grandes domínios na organização administrativa do território, bem como na sociedade e cultura das povoações abrangidas. Os conventos instalavam-se em locais ubérrimos e deleitosos. *“...em Santo Thyrso...procuraram fértil torrão, servido pelo rio Ave, que regaria os pomares e hortas, daria peixe e frescura, faria mover produtivamente a rodas das azenhas...”* (Pimentel, 1902).

“O frade, em Portugal, foi uma civilização e ainda hoje, depois de extintas as ordens religiosas, é uma literatura [...]” (Pimentel, 1902).

Importante na história do vale do Ave foi São Rosendo, que nasceu no ano 907 em Vila de Salas na freguesia de São Miguel (São Miguel-do-Couto, Santo Tirso), a sua mãe foi a condessa Dona Aldara ou Ilduara que o criou com fervor católico, e o seu pai era Guterrres Arias, conde do Porto e de Tuy que se notabilizou na luta contra os mouros e os normandos. São Rosendo foi bispo de Dume aos 18 anos e foi o fundador de vários mosteiros no noroeste peninsular (Lima, 1971).

As **pontes, azenhas** e os **moinhos** juntamente com os **açudes** marcam a paisagem do vale do rio Ave e dos seus principais afluentes (rio Vizela e rio Este), segundo as Inquirições de 1258, em Vila do Conde, já funcionavam azenhas no rio Ave (Silva, 1981). A força motriz da água do rio Ave e dos rios e ribeiros seus afluentes, era utilizada para moer o pão, para pisar a lã, triturar a casca de árvores (carvalhos, etc.), macerar o linho, serrar madeiras e alguns dos engenhos hidráulicos ao longo dos cursos de água ainda possuíam a finalidade de retirar água para regar os campos agrícolas. Os açudes, as levadas, as azenhas, os moinhos, os pisões e as serrações eram importantes para a economia das populações no vale do Ave (Município da Trofa, 2006). A **energia hidráulica** fornecida pela água do rio Ave e dos seus principais afluentes teve uma grande importância para a **história da indústria do vale do Ave**, pois esta fonte inesgotável e barata de energia constituiu um factor de atracção de indústrias, algumas das quais se instalaram no início do século XIX, como é o caso da Real Fábrica de Papel de Vizela (São Martinho do Campo, Santo Tirso) e a Fábrica da Torre (papel) (Areias, Santo Tirso). Por vezes, o açude e a roda

hidráulica constituíam a quota de um dos sócios da indústria, existindo a referência da existência em 1890, no concelho de Santo Tirso, de 78 rodas hidráulicas. Antes do fomento da indústria algodoeira, no vale do Ave já era importante a indústria do linho (Pereira, 2002).

"...para fixar a tecelagem contribuía a grande abundância de água onde se deixava o linho a macerar, se lavava a lã e se faziam os caldos da tinturaria, primeiro com o entrecasco e bagas das árvores, e depois com corantes sintéticos [...]" Ribeiro (1987).

"A fiação e tecelagem de algodão...instalou-se principalmente ao longo do rio Ave...que dão a este vale amplamente aberto, a inconfundível fisionomia de forte implantação industrial que vivificou a agricultura..." Ribeiro (1987).

As **quintas, solares brasonados e casas agrícolas** também marcam a paisagem do vale do Ave em grande número, e com grande valor arquitectónico, cultural e paisagístico. Existe ainda **outro património notável de função civil ou militar**, tais como **pelourinhos, aquedutos e fortalezas**.

Para uma melhor compreensão da **distribuição geográfica do património cultural**, do vale do Ave e dos vales dos seus principais afluentes (rio Vizela e rio Este) na AMP, optou-se por apresentar o mesmo de montante para jusante, como acompanhando os cursos dos rios.

Assim, no vale do rio Vizela encontra-se a **Ponte romana de S. Martinho do Campo (Santo Tirso)**, também conhecida por Ponte de Negrelos. É uma ponte da época romana construída em alvenaria de granito com um tabuleiro horizontal com cerca de 3 m de largura e 32 m de comprimento, a cerca de 10 m do afloramento granítico do leito do rio, assente em três arcos de volta perfeita, iguais entre si (Câmara Municipal de Santo Tirso,-). Sobre o rio Vizela, o acesso pela margem esquerda é pela Rua Flor do Campo. Ponte em granito com guardas e pavimento em blocos de granito, possui nos pilares a montante talhamares. O espaço envolvente foi requalificado, com alargamento e pavimentação dos passeios e acessos à ponte com placas de granito e com plantação de árvores. O trânsito automóvel faz-se à vez em ambos os sentidos. O montante da ponte existe um açude e um sistema de condutas (levadas) em granito. Nesta zona entre espaços urbanos e industriais, que pressionam o rio, surgem espaços agrícolas, principalmente de vinha, prados e hortas agrícolas, verificando-se por vezes a quase ausência completa da galeria riparia nas margens do rio Vizela (a montante da ponte), enquanto por vezes o rio apresenta uma galeria riparia já com alguma importância, principalmente de freixos e amieiros (a jusante da ponte). O rio Vizela apresenta graves indícios visuais de poluição.

A *"formosa e vetusta"* igreja do **Mosteiro de Roriz (Roriz, Santo Tirso)** localiza-se numa encosta sobranceira ao vale do rio Vizela (FCG, 1985). Fundado no século XI, a construção da igreja românica iniciou-se no século XII e foi concluída no século seguinte (ADRAVE, 2003). Está classificado como Monumento Nacional desde 1910 (www.ippar.pt). O conjunto da Igreja de Roriz e Casa do Mosteiro possui magnitude e indiscutível beleza, o primeiro documento que se refere à sua existência é de 1096

restando apenas a igreja conventual e a torre sineira, isolada e tipicamente medieval. Esta igreja é considerada uma dos melhores exemplares do românico português, sendo constituída por um edifício de uma só nave (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf).

O rio Ave em **Vila das Aves**, apresenta, apesar do declive das margens, uma galeria ripária principalmente constituída por freixos de grandes dimensões, como é possível observar junto da **Ponte da Pinguela** que liga Bairros (Vila Nova de Famalicão) a Vila das Aves, sendo também abundantes os carvalhos-alvarinhos, o sabugueiro, bem como o salgueiro (*Salix atrocinera*). Na margem esquerda do rio Ave, a montante da Ponte da Pinguela encontram-se engenhos hidráulicos desactivados de grandes dimensões, mantendo-se o açude em boas condições. A jusante da junção do rio Ave com o rio Vizela, surge a **Ponte dos Caniços**, entre Bairro e Rebordões, em alvenaria, de granito, com três arcos: o central maior e os laterais menores. É uma ponte estreita que permite o atravessamento num sentido alternadamente e fica muito perto (a Sul) do apeadeiro dos Caniços na linha de caminho de ferro Porto-Guimarães.

Capela de São João do Carvalhinho (Burgães, Santo Tirso), cuja romaria realiza-se no 1.º domingo depois de 24 de Junho (ADRAVE, 2003). Está localizada num outeiro em Burgães, de onde se tem uma vista privilegiada para o vale de Burgães, para o rio Ave e para o maciço arborizado de Monte Córdova. O promontório onde está edificada tem muitos afloramentos rochosos (penedos de granito), e no topo e nas vertentes existem bastantes sobreiros, existindo vestígios de fogo recente na vegetação da encosta virada a Sudoeste. Os freixos, as acácias, os carvalhos-alvarinhos, os carvalhos americanos, a olaia (*Cercis siliquastrum*), a oliveira, o plátano e na subida para o monte surgem também *Robinia pseudoacacia*. A capela (que tem a data de 1702 inscrita na ombreira de uma porta lateral) está no ponto mais alto, virada para Oeste e existe uma escadaria frontal com patamares que dá acesso ao adro da capela, bem como um cruzeiro. À frente da capela, acompanhando o desnível do terreno, existe um edifício de apoio, um palco, e do lado direito da capela existe uma casa de habitação e um depósito de água, havendo também nas proximidades um coreto. À sombra do arvoredor que envolve a capela (principalmente acácias de grande porte) distribuem-se várias mesas e bancos de piquenique, bem como recipientes de recolha de lixo. No vale mais próximo destaca-se, inserida em meio rural, junto de campos com vinha e prados temporários de Inverno, relativamente isolada a **igreja de Burgães**, junto da estrada (Rua Padre Arnaldo) que dá acesso a Santa Cruz (Burgães), localizado numa depressão a meia encosta a cerca de 350 metros de altitude (altitude a que está a capela de Santa Cruz), ou seja a mais de 200 metros de altitude em relação ao vale onde se situa a igreja de Burgães. A encosta arborizada a Sudoeste da Igreja de Burgães, apresenta de ambos os lados da estrada uma mata densa de sobreiros, carvalhos, castanheiros, com eucaliptos e pinheiros à mistura, com um subcoberto de fetos, heras, dedaleiras, giestas (*Cytisus*) e outros.

Capela de Santa Cruz (Burgães, Santo Tirso), localiza-se numa área de encosta, com enquadramento rural. Presume-se que a data da construção da capela seja o século XVII. A estrutura e o pavimento da capela são em granito e possui paredes autoportantes. Todos os anos, no mês de Maio realiza-se a romaria do Bom Jesus que além da capela, ocupa o adro, fonte e recinto arborizado (www.monumentos.pt). Está classificada como IIC desde 1980 (CMST, -). A capela com traça setecentista de aspecto rústico, em cantaria de granito, possui na frente dois cruzeiros, e nas traseiras um brasão inserido na fachada, bem como um cruzeiro junto da mesma, o adro possui um muro de granito dentro do qual imperam oliveiras adultas. A entrada pelas traseiras, faz-se subindo uns penedos que dão acesso aos degraus de granito que levam a um portal no adro com pináculos de granito. Incrustadas no muro do adro existem umas alminhas. Atravessando a rua, tílias e carvalhos americanos jovens ladeiam a entrada que leva à fonte adossada a um grande penedo com uma carranca, junto da fonte existe um amplo espaço arborizado (acácias, carvalhos-alvarinhos) e murado, com um caminho empedrado que leva a um cruzeiro na parte superior do recinto, existindo algumas mesas e bancos de piquenique dispersas pelo espaço. Das traseiras do adro, tem-se uma vista privilegiada para o vale do rio Vizela. Na aldeia de Santa Cruz, surgem campos com plantações de kiwis, e um grande número de folhosas a compartimentar as parcelas agrícolas.

Basílica de Nossa Senhora da Assunção (Monte Córdova), domina o cimo do Monte Córdova, de onde se avista uma grande parte do vale do Ave. Já era uma devoção antiga dos frades do mosteiro de Santo Tirso, a dedicada à Nossa Senhora da Assunção (Pimentel, 1902). Possui na envolvente uma área florestal considerável, onde subsistem espécies folhosas de interesse relevante e uma panorâmica excelente do alto do monte. Este parque desenvolve-se em redor da Basílica de Nossa Senhora da Assunção, encontrando-se equipado com bar, restaurante, loja de recordações, sanitários e uma área para piqueniques, com mesas e bancos e granito. Mais abaixo, junto à Capela Velha, existe um outro parque de merendas, com mesas e bancos em granito, possuindo como infra-estrutura de apoio um restaurante, anexo à capela que aqui se encontra. Foi projectada por Ernesto Korrodi, em 1910, numa encomenda por parte da Irmandade da Nossa Senhora da Assunção, para substituir a Capela Velha, que tinha sido edificada em 1901, na encosta deste monte. O edifício, de planta em cruz grega, possui um estilo romano-gótico com elementos neo-românicos, como rosáceas, a banda lombarda na fachada e as grandes torres e contra-fortes. No interior, existe uma imagem de Nossa Senhora da Assunção, da autoria de João da Fonseca Lapa, que se encontrava na capela velha. Em redor da Basílica, existe um adro pavimentado, onde a ampla bacia visual permite ver Santo Tirso e o Monte Padrão. O monte encontra-se fortemente arborizado, dominando, a Norte e a Nascente, as acácias arbóreas e alguns *Acer pseudoplatanus* (espécies de comportamento invasor), estando o estrato herbáceo coberto por erva-da-fortuna (também exótica e invasora), enquanto a Sul e Oeste, surgem nas encostas sobreiros, carvalhos e outras folhosas de bom porte. Na envolvente, existe um bar de apoio aos visitantes da Basílica, assim

como um restaurante e loja de recordações. O espaço encontra-se também equipado com sanitários públicos. Acima da capela, junto aos afloramentos rochosos existentes, encontram-se algumas mesas e bancos de piquenique, em granito. Descendo o monte em direcção a Santo Tirso encontra-se a **Capela Velha**, onde existe um parque de merendas com mesas e bancos em granito, numa área onde pontuam grandes plátanos. Esta capela encontra-se integrada no edifício que actualmente funciona como restaurante. No dia 15 de Agosto, realiza-se uma procissão em honra da padroeira (www.jf-montecordova.pt), que vai desde a Capela Velha até à Basílica no alto do Monte Córdova. Antes a procissão iniciava-se em Santo Tirso.

O **Castro de Monte Padrão (Monte Córdova, Santo Tirso)**, classificado como monumento nacional desde 1910, encontra-se no cimo do monte com o mesmo nome, a uma altitude de 413 metros, de onde é visível uma ampla secção do vale do Ave. É composto por dois núcleos: um mais pequeno (a Sudoeste) e um de maior dimensão (a Norte). A ocupação do local remonta ao Bronze Final (Século IX a.C.), tal como verificado noutros locais similares do Noroeste de Portugal. Um primeiro núcleo populacional terá evoluído para um castro da Idade do Ferro, do qual subsiste, bem conservada e visível (principalmente a Sul e Leste), a primeira linha de muralha, que defendia a plataforma superior, bem como vestígios de mais duas linhas, detectáveis pelos taludes artificiais. No topo aplanado do monte, observam-se estruturas do período castrejo, nomeadamente casas circulares com ou sem vestíbulo, numa área de grande dinâmica urbana, evidenciada pela sobreposição de estruturas (www.cm-stirso.pt). A ocupação medieval deste local também foi importante, no contexto da cristianização no Noroeste, existindo uma ligação à presença de S. Rosendo, figura emblemática do período da Reconquista. Ainda se encontram, perto da entrada Leste deste conjunto, os alicerces de uma capela alto-medieval, dedicada a este santo, assim como de um edifício posterior baixo-medieval. A necrópole que rodeia os caboucos destas construções data deste período, sendo composta por sarcófagos formados por lajes de granito e tampas, associada a um considerável espólio cerâmico medieval (www.cm-stirso.pt). O castro encontra-se envolvido por uma área florestal, composta predominantemente por sobreiros, podendo, no entanto detectar-se alguns pinheiros-bravos. Junto ao percurso pedonal que dá acesso ao castro, encontra-se a capela da Senhora do Padrão e um cruzeiro. Na rua que dá acesso automóvel ao sopé do castro foi inaugurado o Centro Interpretativo do Castro de Monte Padrão no dia 20 de Abril de 2008.

Capela do Senhor dos Passos (Santo Tirso), surge isolada inserida em meio urbano, na Zona de Protecção do Mosteiro de São Bento. A construção da capela data do século XVIII e a colocação do retábulo data do século XIX, sendo do tipo de arquitectura religiosa neoclássica (www.monumentos.pt).

Mosteiro de São Bento, Cerca e Cruzeiro Processional (Santo Tirso), sendo o mosteiro Monumento Nacional desde 1910, os restantes elementos obtiveram a mesma classificação em 1951. Uma parte é

propriedade pública e outra privada (Misericórdia), e a construção do edifício actual data do século XIV, com alterações introduzidas nos séculos XVII, XVIII e XIX, mas já no século VIII existia um cenóbio (www.ippar.pt), a sua origem remonta ao ano de 978, tendo sido fundado por Dona Unisco Godiniz (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf). Possui elementos de arquitectura gótica (claustro), seiscentista (retábulos) e barroca (frontaria) (www.monumentos.pt, www.ippar.pt). As terras do couto pertença do mosteiro vieram a dar origem ao concelho de Santo Tirso, o mosteiro com a extinção das ordens religiosas foi dividido em dois: uma parte ficou para um particular e outra para repartições públicas, como a Câmara Municipal, Tribunal e Administração do Concelho. Actualmente, corresponde à Igreja Matriz e edifícios anexos da Escola Agrícola Conde São Bento e o Museu Abade Pedrosa. (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf). São notáveis os mirantes da quinta do mosteiro na margem do rio Ave.

Ponte, azenha e açude (Santo Tirso), o acesso da ponte de Santo Tirso, junto ao mosteiro de São Bento, é ladeado por grandes plátanos, existem dois caminhos que levam à margem esquerda do rio Ave um de cada lado da ponte, localizando-se junto à ponte uma azenha desactivada (com portas entaipadas), e com uma mó exposta no exterior. O açude a montante da ponte cria um espelho de água que reflecte a paisagem envolvente. Junto à azenha mantêm-se amieiros, choupos e freixos de grande porte. A jusante da ponte um campo agrícola com forragem de Inverno ocupa a margem esquerda e a montante da ponte estende-se a quinta do mosteiro (actualmente aí funciona a Escola Agrícola de São Bento).

Casa e Quinta de Dinis de Baixo (Santo Tirso), cuja construção data provavelmente do século XVIII (www.ippar) está classificada como imóvel de interesse público desde 1993 sendo de propriedade privada. A casa solarenga tem as paredes em alvenaria de pedras rebocadas, telhados de várias águas em telha de barro, e possui num alçado uma capela privativa (www.monumentos.pt).

Cruzeiro do Senhor do Padrão (Sequeiró, Santo Tirso), no lugar de Gomariz na estrada municipal 510. A data provável de construção é o século XVIII, é um cruzeiro de alpendre quadrangular que assenta num embasamento de uma fonte de mergulho (www.monumentos.pt).

Capela de Nossa Senhora da Torre (Parto) (Areias, Santo Tirso), no 1.º domingo de Setembro realiza-se a festa religiosa (ADRAVE, 2003). Localiza-se numa colina sobranceira ao rio Ave, há vestígios de neste local ter existido um castro. No ponto mais alto deste espaço existe uma capela na qual se realiza a festa religiosa no 1.º domingo de Setembro. Este espaço de culto e lazer, além da capela com alpendre e do cruzeiro (data de 1956) possui ainda um tanque de água, um coreto e um quiosque de apoio (que funciona ocasionalmente para patrocinar o Centro de Dia de Idosos de S.Tiago – Associação de

Solidariedade Social de Areias). Além disso existem espalhadas pela área mesas e bancos de granito, recipientes de recolha de lixo e candeeiros de iluminação pública. Existe uma escadaria e uma rampa de acesso. Possui um grande número de espécies ornamentais, quer nos canteiros ajardinados, quer espalhadas por toda a área, destacando-se o grande número de árvores e o seu porte que no Verão tornam este local idílico para desfrutar a sombra das mesmas.

Ponte do Arquinho (Palmeira, Santo Tirso), localiza-se no lugar da Tapada, no troço final do rio Péle, a cerca de 80 m do rio Ave, na sua margem direita. A ponte encontra-se sobre EM 509-1. A ponte do Arquinho era constituída originalmente por dois arcos, actualmente apenas se conserva o da margem esquerda. Em momento que não é possível precisar, por colapso da construção, as obras realizadas não respeitaram as características originais da construção, tendo sido levantado um pontão de planta rectangular no lugar do arco desaparecido. Integraria a via medieval secundária que ligava Vila do Conde a Guimarães, que se desenvolvia ao longo do rio Ave, cruzando as diferentes vias que se dirigiam para norte, em direcção a Braga e posteriormente entroncava na via romana que ligava Cale a Bracara Augusta (Câmara Municipal de Santo Tirso,-). **Ponte do Arquinho**, ponte em granito com um arco, tendo outro sido substituído por lajes, infelizmente possui guardas em blocos de betão, e não é possível apreciá-la do lado a jusante pois construíram um muro (que passa na ponte) na propriedade que confronta com a ponte, que impede o seu avistamento. Dentro da propriedade que margina o rio Péle (quase até à sua foz) foi eliminada toda a vegetação ripícola, mas a montante a vegetação é compacta e densa, quase não permitindo a entrada, principalmente devido à presença de urtigas (*Urtica dioica*). A encosta com eucalipto, que está localizada entre a margem do rio e a A3, ardeu recentemente.

Ponte da Lagoncinha (Lousado, V.N.Famalicão), ponte no rio Ave no lugar de Garrida, em cantaria de granito com seis arcos desiguais, com tabuleiro de 120 metros de comprimento e 4 metros de largura, era conhecida na época medieval por *ponte velha* e data do século XI. Terá existido inicialmente uma outra ponte durante a ocupação romana (FCG, 1985). Monumento nacional desde 1943, numa das extremidades situa-se a capela de São Lourenço e na outra uma série de alminhas, apresenta o tabuleiro ligeiramente rampante, com guarda inteira e pavimento lajeado. É suportada por três arcos plenos e três em ogiva, e reforçada por contrafortes com quebra-rios de secção quadrada a jusante e triangular a montante. No século XVIII, a barca da Trofa que, depois da construção de um açude nesta zona, atravessava o rio, tornou esta opção mais apetecível, pelo que a ponte foi relegada para um plano secundário, apenas se utilizando em alturas de cheias (www.ippar.pt). A ponte da Lagoncinha no rio Ave, é assim chamada devido ao facto de a sua construção ter sido patrocinada pela Dona Gontinha ou Goncinha (mulher de D. Egas Ermiges) (Silva, 1981).

Liga os lugares do Alto da peça na margem esquerda ao lugar de Garrida na margem direita, com trânsito automóvel, com sinalização apenas permitindo o trânsito ligeiro num sentido de cada vez. O acesso na

margem esquerda, vindo da Esprela (Trofa), faz-se pela Rua da Ponte. Na margem sul, junto a um muro existem umas alminhas com retábulo, datadas do ano de 1761 conforme a inscrição, onde surgem as imagens de Jesus Cristo, N.ª Senhora da Paz, São Miguel e Santo António. A ponte, ou melhor os seus pilares (com talha-mar), cujo efeito de barreira, criou uma ínsua de área considerável, principalmente a montante, onde pontuam árvores de grande porte, principalmente plátanos, freixos, etc. No talude e mesmo junto à estrada que margina o rio a montante, existem carvalhos-alvarinhos de bom porte e junto da linha de água surge o *Populus nigra*, a jusante da ponte na margem esquerda a galeria ripícola é compacta e bem diversificada. O *Iris pseudocorus* e a *Alisma plantago-aquatica* surgem no leito do rio onde a corrente é mais fraca.

Marcos miliários (série Capela) Braga-Porto (Santiago de Bougado, Trofa), classificados como monumento nacional desde 1910, encontram-se em espaço rural perto da EN n.º 14. Faziam parte da Via XVI (Bracara Augusta – Olisipo) do Itinerário Antonino, no troço que ligava Braga ao rio Douro. Alguns destes elementos de arquitectura civil pública romana, que datam desde a época do Imperador Adriano (76-138 d.C.) até ao Imperador Constante (321-356 d.C.), estão colocados na Ponte do Ave na Trofa Velha (www.monumentos.pt; www.ippar.pt).

No concelho da Trofa foi realizado um levantamento concelhio dos moinhos, azenhas e outros engenhos hidráulicos. As azenhas no rio Ave no concelho da Trofa, são construídas em alvenaria, possuindo na sua maioria quebra-mar, de modo que pudessem resistir às cheias no rio Ave, as excepções são as Azenhas da Barca e da Maganha ou Frades). Possuem todos dois pisos, o de baixo ao nível da água e o de cima ao nível da margem, sendo as excepções a Azenha de Real ou Nova, a Azenha de Bairros e a Azenha da Baganha, as quais possuem dois pisos acima do solo. As Azenhas de Bairros e da Maganha possuem telhados de quatro águas, todas as outras possuem telhados de duas águas (Município da Trofa, 2006).

Já nos ribeiros que desaguam no rio Ave, no concelho da Trofa, existem azenhas, azenhas copeiras, que são edifícios mais rudes e sem quebra-mar, excepto quando estão incorporados noutros edifícios agrícolas ou habitacionais (Município da Trofa, 2006). Quanto às serrações hidráulicas há a referência à existência de cinco serrações hidráulicas no concelho da Trofa, duas no Ribeiro da Aldeia na freguesia de Guidões e três no Ribeiro de Covelas (rio Trofa) (Município da Trofa, 2006). Os pisões de lá eram comuns em Guidões, o último a ser desactivado e a deixar de funcionar foi o da Casa Lopes junto à antiga Igreja. Existiam ainda engenhos de macerar o linho na Azenha do Rindo ou da Barca (Município da Trofa, 2006). No **Ribeiro de Ervosa** que desagua no rio Ave no lugar da Ponte em Lousado, Vila Nova de Famalicão, existiam sete moinhos de rodízio ao longo do seu curso (Município da Trofa, 2006). Já o **Ribeiro de Real**, possuía ao longo do seu curso cinco moinhos de rodízio, uma azenha copeira, um combinado de moinho rodízio e azenha copeira e ainda um engenho com moinho de rodízio, azenha copeira e azenha (Município da Trofa, 2006). No **rio Trofa**, ainda existem dois moinhos de rodízio em funcionamento, na

Valinha e em Tedim e seis que são passíveis de recuperação, tendo sido inventariados 28 moinhos de rodízio. Também uma azenha copeira e moinho de rodízio, uma azenha copeira (existiam cinco), uma azenha (existiam três ao todo) e uma azenha e moinho de rodízio ainda estão em estado que permite a sua recuperação. Todas as três serrações hidráulicas estão abandonadas ou mesmo em ruínas (Município da Trofa, 2006). No **Ribeiro da Aldeia**, dos 15 moinhos de rodízio que foram inventariados, dois ainda são passíveis de serem recuperados. A serração (Bicho) já desapareceu bem como quatro azenhas copeiras com moinho de rodízio, restando apenas uma passível de recuperação e ainda são recuperáveis duas azenhas copeiras das 12 que existiam (Município da Trofa, 2006).

A **Azenha da Ponte**, no lugar da Ponte, Lousado, Vila Nova de Famalicão, esteve a laborar até ao ano de 1980 e possuía dois pares de mós, actualmente apenas restam as paredes (Município da Trofa, 2006). A **Azenha da Esprela** (Trofa), existem documentos que atestam a sua existência já no ano de 1492 (Silva, 1981), possuía três pares de mós e laborou até ao ano de 1972, actualmente apenas restam ruínas (Município da Trofa, 2006). Existe uma estrada na margem esquerda do rio Ave, praticamente desde Esprela (em frente desagua o **rio Pelhe**) até à Ponte da Lagoncinha, a maior parte é em terra batida e em mau estado de conservação. Perto da Etar da Esprela há um caminho público que leva à margem do rio Ave, mesmo junto da ponte ferroviária da Trofa, na margem oposta há uma azenha em ruína, em Lousado, no concelho de Vila Nova de Famalicão e ainda se mantém o açude. O loureiro (*Laurus nobilis*), o *Cistus salvifolius*, o tojo, o sobreiro, a *Genista triachantos*, a carqueja (*Pterospartium tridentatum*) , a *Calluna vulgaris*, a *Erica cinerea*, a *Picris echioides*, o codesso (*Chamaecytisus hirsutus*) surgem na encosta junto ao rio, a qual também possui bastantes carvalhos-alvarinhos e alguns pinheiros. Perto do rio surgem freixos em grande número, sabugueiros, amieiros, salgueiros, verificando-se a deposição de algum lixo. O lírio-amarelo (*Iris pseudocorus*) e a *Alismo plantago-aquatica* aparecem na linha de água. **Azenha de Real ou Nova**, a construção da azenha original data de finais do século XVII, e possuía dois pares de mós (Município da Trofa, 2006). Localiza-se perto das Piscinas Municipais da Trofa (em construção), segundo o actual proprietário a construção do actual edifício data de aproximadamente há um século, tendo sido mandada construir pela sua avó, tendo deixando de moer há cerca de 20 anos. O edifício foi restaurado, mas o engenho não está operacional, sendo pretensão dos actuais donos, recuperar integralmente a azenha, que por a propriedade ter sido completamente vedada não possui qualquer acesso público. A **Azenha de Rindo ou da Barca**, possuía três rodas hidráulicas que punham em funcionamento cinco pares de mós. Esteve em funcionamento até ao ano de 1987, actualmente está muito bem conservada, exceptuando o exterior (Município da Trofa, 2006). A azenha do Rindo, também respondia pelo nome da Barca, por nesse local se fazer a travessia do rio Ave numa barca, quer de pessoas, quer de mercadorias (Silva, 1981). Aqui houve uma batalha em 1809, durante as invasões francesas, que ficou conhecida pela Defesa da Barca da Trofa (Silva, 1981). Há acesso público automóvel pela Rua dos Defensores da Barca, fica perto da Urbanização da Barca e localiza-se perto do

Vau onde antigamente era possível atravessar o rio a pé durante os períodos estivais. A área envolvente da azenha ainda é bastante rústica e rural, com campos agrícolas cultivados com prados de Inverno, vinha nas bordaduras, e mesmo pilriteiros (*Crataegus monogyna*) em flor nas margens do caminho que dá acesso à azenha, bem como uma galeria ripícola compacta. O açude ainda está em boas condições e a azenha encontra-se quase completamente envolvida por arvoredos, bem como vegetação herbácea onde se destaca o embude (*Oenanthe crocata*) com as suas flores em umbrellas, a dedaleira (*Digitalis purpurea*), fetos, *Heracleum sphondylium*, etc. A azenha que se encontra abandonada, já não possui a roda da azenha, mas ainda mantém o eixo que ligava ao interior, e no interior ainda estão as mós fixas. O edifício já começa a apresentar vestígios de início de ruína. A jusante da azenha, na margem existe uma pequena área de acumulação de sedimentos, onde pontuam mesmo junto à água aglomerados de *Thypha latifolia*. A **Azenha de Vigenta**, localiza-se na Avenida 1.º de Maio, na margem esquerda do rio Trofa, o qual apresenta um aspecto bastante poluído, água turva e com muita espuma. Os sabugueiros, os amieiros, os carvalhos e os choupos compõem a vegetação que bordeja as margens do rio. No leito do rio aparece a *Alisma plantago-aquatica*. A **Azenha de Sam**, nesta azenha existia um engenho de macerar linho que funcionou até ao ano de 1945/1950, existindo também uma roda para retirar água do rio (funcionou até 1965). Até 1965 possuía cinco pares de mós, depois até 1972/1973 (altura em que foi desactivada a moagem) restaram quatro pares de mós (Município da Trofa, 2006). **Azenha de Sam**, isolada na margem esquerda do rio Ave, a jusante da foz do rio Trofa, a rua mais próxima é a rua 5 de Agosto e o acesso pedonal até à margem do rio apenas é possível atravessando campos agrícolas. Nas bordaduras dos campos agrícolas surge o *Salix atrocinerea* e o *Quercus robur*. A azenha encontra-se abandonada, com o telhado em ruína e quase coberta por heras e silvados, no interior ainda existem algumas mós. Aqui os freixos, salgueiros, sabugueiros, amieiros, choupos, plátanos compõem uma galeria ripícola quase ininterrupta. Junto da margem foi depositado algum entulho de obras. No leito do rio, regista-se a presença abundante de tábua-larga (*Thypha latifolia*). A **Azenha de Bairros (Guidões, Trofa)**, possuía quatro pares de mós, um engenho de macerar linho que funcionou até 1965, uma roda de retirar água e um engenho de pesca (Município da Trofa, 2006). Na margem esquerda do rio Ave, é a única azenha em funcionamento e localiza-se num troço do rio Ave de particular beleza. Tem acesso público automóvel que vai mesmo até junto do leito do rio. Possui uma inscrição em pedra que data a sua construção no ano de 1682, e a sua reedificação no ano de 1901. Na sua frente e sobre o caminho público que dá acesso existe uma ampla ramada curva (com vinha podada) que proporciona um belo efeito e no exterior estão expostas algumas das suas mós. Ao lado da azenha encontram-se três oliveiras adultas junto de uma mesa e bancos em lajes de granito. Aqui o rio possui estreitas insuas com vegetação, e no bico do açude, (que forma um V, pois também servia para desviar a água do rio para outra azenha na margem oposta (em Fradelos, Vila Nova de Famalicão), existe mesmo uma árvore de grande porte. A **Azenha da Maganha ou dos Frades**, apresenta um bom estado de conservação (Município da Trofa, 2006). A Azenha reguenga da Maganha já é referida no foral de 1519 (Silva, 1981).

Localiza-se perto da nacional 104, está dentro de uma propriedade privada, não vedada, tendo acesso pedonal pela margem do rio a partir do parque de um restaurante um pouco mais a montante. Em conversa com a proprietária, diz que é frequente irem pessoas visitar a azenha, e que não se opõe (excepto quando causam prejuízos na propriedade). Neste local, o rio Ave apresenta em ambas as margens uma galeria ripícola majestosa onde abundam os freixos, os carvalhos, os amieiros, os salgueiros (*Salix atrocinerea*, *Salix babilonica*) e o pilriteiro (*Crataegus monogyna*) (vários exemplares de porte arbóreo), o sabugueiro (*Sambucus nigra*), exemplares arbóreos de *Robinia pseudoacacia* (exótica), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) o feto (*Dryopteris affinis ssp. borrieri*), as heras e próximo da azenha os sobreiros, a *Erica arborea*, a erva-de-são-roberto (*Geranium purpureum*), a cidreira (*Mellissa officinalis*), o embude (*Oenanthe crocata*), *Ranunculus repens*, *Lamium maculatum*, etc. A **Azenha do Bicho** laborou até à década de 70 do século XX. Actualmente está convertida numa unidade hoteleira (Município da Trofa, 2006). Já na década de 50 do século XX, havia relatos da presença de campistas e de pessoas a passear ao domingo na margem do rio Ave, no lugar do Bicho (Guidões, Trofa) (Santarém, 1956). Actualmente, na propriedade onde está inserida funciona uma Quinta de eventos (principalmente casamentos). O edifício está em bom estado de conservação, o açude também e funciona mesmo a roda da azenha, apesar de já não existir o engenho de moer. Segundo o actual proprietário, existe o propósito de recuperar e montar o engenho a funcionar. Apesar de estar dentro de uma propriedade privada, é permitida a visita ao local (excepto à segunda-feira, quando está encerrado). Foram avistados patos-reais, garças e gaivotas no rio Ave. O **Ribeiro da Aldeia** que desagua no rio Ave entre a Azenha do Bicho e a Azenha do Cerro de D. Lucinda, apresenta água límpida e uma notável vegetação ripícola, principalmente sabugueiros (*Sambucus nigra*) e salgueiros (*Salix atrocinerea*). Possuía bastantes engenhos hidráulicos ao longo do seu curso. A **Azenha do Cerro de D. Lucinda** cujo edifício está em bom estado de conservação (Município da Trofa, 2006), fica mesmo junto à estrada marginal do rio Ave (EN 104) quase no limite entre os concelhos de Vila do Conde e da Trofa. O acesso pedonal à margem é livre descendo uma encosta íngreme, encontrando-se mesmo algumas pessoas a pescar junto à azenha. O edifício encontra-se abandonado e já está parcialmente coberto por heras, estando a sua envolvente invadida por vegetação arbustiva, silvados, carvalhos em regeneração espontânea e também por *Robinia pseudoacacia*. Mais a jusante fica a **Azenha do Arnado**, actualmente em estado de ruína (Município da Trofa, 2006).

Capela de Nossa Senhora das Dores em São Martinho de Bougado (Trofa), a festa religiosa ocorre no 3.º domingo de Agosto (ADRAVE, 2003). Localizada no Monte da Carriça, a construção da capela original data de 1766, tendo sido construída no século XIX uma capela maior. A romaria da N.ª S.ª das Dores é bastante famosa (Silva, 1981). Na cidade da Trofa junto à linha de comboio, o parque onde se situa a capela da Senhora das Dores, possui um amplo espaço em paralelos com grandes plátanos (*Platanus occidentalis*) e tílias (*Tilia platyphyllos*, *Tilia cordata*) distribuindo-se ainda pelo restante espaço

Robinia pseudoacacia, *Quercus rubra*, *Cupressus*, *Acacia melanoxylon*, *Acer negundo* e junto à linha da CP uma alameda de *Melia azedarach*. A igreja paroquial de São Martinho de Bougado data de 1780, anteriormente existia uma muito mais pequena, o Cruzeiro de São Martinho de Bougado data de 1623 (Silva, 1981).

Em **Santiago de Bougado (Trofa)**, destaca-se no património religioso a **Capela de Nossa Senhora do Desterro**, na várzea de Bairros, junto ao rio Ave, em Souto de Bairros, numa área com cedros, sobreiros e plátanos (Pinto, 2006). A **Igreja Paroquial de Santiago de Bougado**, classificado como IIP desde 1984, que data do século XVIII e foi projectada por Nicolau Nasoni (www.ippar.pt). O **Monte de S. Gens (Santiago de Bougado, Trofa)**, no topo do monte de Cidai, cuja romaria realiza-se no 1.º domingo de Setembro (ADRAVE, 2003). Partindo do rio Ave, o acesso mais directo é pela estrada municipal 535, subindo a Avenida da Maganha. Do lado Norte existe um escadório, com cruzeiros incrustados na parte lateral e com canteiros, que leva ao monte. O Monte de São Gens, estende-se pela cumeada com direcção norte-sul, encontrando-se nos pontos mais elevados, a Norte a capela de São Gens virada para leste e a Sul a estátua da Senhora da Alegria virada para Norte. O monte é um excelente miradouro para o vale do Ave, principalmente para o curso do rio no concelho da Trofa, obtém-se óptimas perspectivas do curso do rio e das áreas de aluvião adjacentes, principalmente a de Entre Soutos. Está rodeado de povoamentos mistos de eucalipto e pinheiro-bravo, verificando-se na envolvente mais próxima infestação por acácias. Possui um parque de merendas, estacionamento com lugares marcados, um restaurante e uma grande variedade de espécies arbóreas (algumas plantadas recentemente) tais como: pinheiro-bravo, plátanos, tílias, acácias, azinheira, sobreiro, oliveira, carvalho-roble, bétula, azevinho, etc. Nos arbustos destacam-se a giesta-branca (*Cytisus multiflorus*) e a giesta-amarela (*Cytisus scoparius*). Por curiosidade, foi observada a presença de pilriteiro (*Crataegus monogyna*) e apiários nas faldas do monte de São Gens.

As **Alminhas de Ervosa (1722)**, de **Real (1786)** e da Barca marcam a religiosidade das gentes da Trofa (Silva, 1981). O **Calvário (Guidões, Trofa)**, conjunto de nove cruzeiros em granito construídos em 1623 (o cruzeiro principal) e em 1735 (os restantes), onde se destaca a rica e variada epigrafia nos plintos dos cruzeiros. O cruzeiro principal possui uma tipologia distinta, com soco de dois degraus de planta quadrada, plinto moldurado, fuste cilíndrico, capitel de inspiração jónica suportando uma cruz latina de secção quadrada com a representação escultórica de Cristo na face. Possui ainda sobre a cruz uma estrutura em ferro com roldanas para suspender a candeia. Na face frontal do plinto existe uma legenda com as datas de construção e restauro (1904) (www.monumentos.pt).

O **Castro de Alvarelhos ou Castro de São Marçal (Alvarelhos, Trofa)**, está classificado como monumento nacional desde 1910. Localiza-se num contraforte da serra de Santa Eufémia, sobranceiro ao

vale da Ribeira da Aldeia, um afluente do rio Ave. A cronologia dos achados arqueológicos permite assinalar o Bronze Final como data inicial da ocupação do local, tendo a fortificação do local sido executada posteriormente (Idade do Ferro), a ocupação romana do território levou à ampliação do castro e inclusão de novas estruturas edificadas (www.ippar.pt), havendo ainda o registo documental no século X da era cristã, de que o local do castro era fortificado (www.monumentos.pt). Presume-se que terá atingido uma área total de cerca de 80 ha na Idade do Ferro (www.ippar). O acesso automóvel faz-se por uma estrada estreita e com mau piso, a partir da estrada nacional 318 em Palmazão, no limite dos concelhos de Vila do Conde e Trofa, pela rua Urbanização Fonte Arcada, ou a partir de Alvarelhos. Localiza-se num local abrigado, praticamente isolado, com uma envolvente florestal, excepto no quadrante noroeste (onde existe uma propriedade agrícola), confrontando a leste com a Quinta do Paiço. Estão a decorrer trabalhos arqueológicos na estação arqueológica do Castro de Alvarelhos, existindo mesmo marcadores (fitas) que marcam as áreas de intervenção. Na área da estação arqueológica, apenas existem sobreiros e os carvalhos-alvarinhos de regeneração espontânea, existindo na envolvente eucaliptal, o que talvez se deva a uma selecção com vista a manter exclusivamente as espécies autóctones. Além do eucalipto também foi observada outra espécie exótica nas proximidades do castro, neste caso a *Robinia pseudoacacia*. Como vegetação arbustiva destaca-se a urze-branca (*Erica arborea*), a esteva (*Cistus salvifolius*), e o tojo (*Ulex* sp.).

Perto do Castro está a **Quinta do Paiço (Alvarelhos, Trofa)**, localiza-se no Parque da Quinta do Paiço, na encosta do Monte de S. Marçal. O parque, onde se encontra um conjunto de árvores notáveis, foi plantado no século XVIII. A casa no século XIX pertencia à família dos Oliveiras Maias, cuja pedra de armas está esculpida na fachada lateral norte (www.monumentos.pt). É uma grande propriedade agrícola e florestal, pertencente ao Seminário Maior do Porto. É uma quinta murada, possuindo mesmo passagens superiores. No edifício fronteiro à rua (em mau estado de conservação), está gravada a data de 1738 em cima do portal de entrada. A quinta mantém actividade agrícola e pecuária, bem como uma área de recreio e lazer onde pontuam pavões e outras aves. O responsável pela quinta, referiu que são permitidas visitas à quinta, quando solicitadas previamente, existindo muitas escolas que o fazem. O bosque, com árvores ornamentais de grande porte, onde se destaca um tulipeiro (*Liriodendron tulipifera*) de grande porte, com uma idade aproximada de 300 anos. Também foi possível identificar uma faia-vermelha, uma magnólia de folha caduca (*Magnolia solangeana*) um cedro (*Cedrus deodara*), entre um vasto número de espécies arbóreas de grande valor ornamental e paisagístico.

No lugar de Cidoi, fica a Capela **dos Magriços (Alvarelhos, Trofa)** que possui na fachada principal a pedra de armas da família dos Oiveiras Maias (as mesmas da Quinta do Paiço) (www.monumentos.pt).

Monte de Santa Eufémia (Alvarelhos, Trofa), cuja romaria à respectiva ermida realiza-se no mês de Setembro (ADRAVE, 2003). A romaria de Santa Eufémia tinha duração de três dias no mês de Setembro

(Pimentel, 1902), actualmente desdobra-se em dois domingos seguidos, no 2.º domingo a Santa Eufénia pequena e no 3.º domingo a Santa Eufémia grande. Localizado no limite entre os concelhos de Vila do Conde e da Trofa, é um excelente miradouro que a oeste abrange o litoral e a leste a veiga de Alvarelhos e o vale da Ribeira da Aldeia. Possui acesso automóvel e um escadório (com uma alameda de carvalho-americano (*Quercus rubra*) do lado da Trofa. Ainda existe o acesso do lado de Vila do Conde, por um calvário (em rampa em ziguezague com alminhas incrustadas nos muros). Na subida para o alto do lado do concelho da Trofa, possui um parque de merendas, distribuído por vários patamares sob o coberto de acácias arbóreas (*Acacia melanoxylon*). No topo distribuídos por uma vasta área, além da capela edificada em 1728, tendo sofrido posteriormente obras de restauro e ampliação, existe um conjunto de edifícios de apoio, dois coretos, um restaurante, bem como sanitários. Os sobreiros (*Quercus suber*) são em número e em porte as árvores mais emblemáticas no largo e terreiro envolvente, existindo ainda alguns carvalhos-americanos, e em menor grau: carvalhos-alvarinhos, tília, salgueiro-chorão, plátanos, bétulas, choupo (*Populus*). Na envolvente florestal do monte dominam o eucalipto e a acácia.

Em **Ferreiró**, na margem direita do rio Ave, encontra-se a **capela de Santa Marinha**, completamente isolada, numa elevação sobranceira aos campos agrícolas e ao vale do Ave, que se avista do adro da capela. Possui frontaria de pedra à vista, e do lado esquerdo um pequeno campanário, de dois sinos, com pináculos e cruz. A capela bastante simples, será talvez do século XVIII, e o seu maior valor será a sua localização privilegiada para admirar o vale do rio Ave que corre a cerca de 300 metros a Sul.

Em Ferreiró, segundo o relato pessoal do actual proprietário de uma das **azenhas no rio Ave**, a da Marinheira uma das últimas a laborar, de montante para jusante existiam as seguintes azenhas: a azenha da Nora, a azenha de Vares (Torrinha), a azenha de Trelazenhas, a azenha do Freire, a azenha da Mocha, a azenha da Marinheira, a azenha da Fonseca, a azenha de Pereiras e a azenha de Gonçalves. Actualmente algumas destas azenhas estão em ruína (como a azenha do Freire) e outras convertidas em casa de habitação ou com acesso proibido, como é o caso da azenha da Fonseca e a Azenha do Mocha. A **azinha do Fonseca**, que pode avistar-se desde mais a jusante, junto à azenha do Pereira, a qual tem acesso por caminho público a partir da rua da Igreja, é um edifício de dois pisos com talhamar a montante. A **azinha de Pereira**, é um edifício de dois pisos com talhamar a montante, em bom estado de conservação, havendo na sua proximidade grandes freixos e carvalhos-roble, junto da azenha observou-se a deposição de aterros de obras. Existe na margem oposta na freguesia de Fornelo uma outra azenha já sem telhado e invadida pela vegetação. A **azinha da Marinheira**, a que se tem acesso partindo do centro de Ferreiró, pela rua de Cimo de Vila de depois pela rua da Azenha, existindo depois um caminho particular estreito ladeado por muros altos e coberto com ramada de vinha, que conduz à margem do rio, o qual, segundo o proprietário, não restringe a passagem dos visitantes. Esta azenha está anexa a uma casa de lavoura, existindo a montante da azenha campos agrícolas com ramadas de vinha nas bordaduras, hortícolas, fruteiras e erva-azevém. Na margem oposta, também servida pelo mesmo açude,

está outra azenha, já na freguesia de Fornelo, abandonada, já sem telhado e semi-coberta por heras e outras trepadeiras.

Do outro lado do rio fica a **Mata das Freiras**, um maciço florestal na freguesia de **Fornelo** na margem esquerda do rio Ave, contabilizam-se, no troço do rio que margina a mata, seis açudes. O acesso faz-se a partir da estrada nacional n.º 104, em direcção ao **lugar de Olaia**, onde se encontra um conjunto interessante de belas casas (algumas oitocentistas) de lavoura e senhoriais, como é o caso do edifício da **Quinta de Porto Maia**, a **Casa do Arco** datada de 1825 e a casa da **Quinta das Águias**, um casarão revestido a azulejos e com uma mansarda com varanda ao centro. Seguindo a rua da Mata das Freiras chega-se à zona de transição entre os campos agrícolas e a mata florestal, daqui partem vários caminhos florestais que levam à margem do rio Ave. No acesso que se dirige para jusante, em direcção a Junces, já em Macieira da Maia, foi registado um apiário, com um número considerável de colmeias. Os eucaliptos e pinheiros bravos dominam o coberto florestal, no entanto nas bordaduras, zonas de acumulação de sedimentos e junto aos caminhos surgem bastantes carvalhos-alvarinhos. Nos matos as giestas-amarelas (*Cytisus* sp.), a *Genista triachantos*, o fetó-do-monte (*Pteridium aquilinum*), o tojo e o Cistus. Na rua de Junces, dentro do perímetro das instalações de uma fábrica encontra-se o edifício de uma antiga azenha na margem esquerda do Ave. O edifício aparenta estar em bom estado de conservação, mas não existe acesso público até à azenha. Nos terrenos agrícolas da margem esquerda do Ave, uma grande parte já está com a lavoura realizada, e alguns mesmo com o milho já germinado, já que esta é a principal cultura anual de Verão. Também foram observados algumas parcelas agrícolas com batatal mas numa expressão muito reduzida quando comparada com a cultura do milho. Nas zonas mais baixas, e nas divisórias entre os campos aparece o amieiro-negro (*Frangula alnus*) e o *Salix atrocinerea*. Na estreita mas compacta galeria ripícola que acompanha o rio Ave, dominam os salgueiros, os amieiros, os freixos, aparecendo também o *Acer pseudoplatanus*, o *Crataegus monogyna*, o *Salix* sp., a *Acacia melanoxylon* e também a *Erica arborea* (nos taludes mais acima), o canabraz (*Heracleum sphondylium*), a urtiga, o chuchapitos (*Lamium maculatum*), o *Myosotis*, a dedaleira (*Digitalis purpurea*), o embude, etc.

Junto ao limite ocidental da **Mata das Freiras**, a montante de um açude formaram-se pequenas ínsuas no rio Ave antes de este inflectir para Oeste. Perto existe uma **azinha** e uma pequena casa, ambos abandonados e a azenha já sem telhado. Há um caminho descendente, ladeado por carvalhos-alvarinhos de porte admirável e também alguns castanheiros, que dá acesso à margem do rio. Junto da azenha surgem muros de granito e pequenas escadas rústicas de granito de acesso às antigas leirinhas. Aqui a vegetação é luxuriante e densa, os grandes carvalhos, freixos, choupos, amieiros, matizam o local de um verde intenso, no local também ocorrem acácias. No leito do rio a montante do açude as pequenas ínsuas que aí se formaram estão cobertas de vegetação. Na envolvente impressiona a quantidade de heras e outras trepadeiras que cobrem os edifícios, os troncos das árvores, os muros e mesmo o chão.

Seguindo a margem esquerda do rio, a cerca de 400 metros a montante encontra-se mais uma **azenha**, esta ainda possui telhado.

O **Largo de Vilarinho** em Macieira da Maia, é um espaço fulcral de ligação entre as margens do rio Ave, sendo uma encruzilhada de estradas. Daqui segue para Leste a estrada nacional n.º 104 que percorre a margem esquerda do rio Ave até Santo Tirso, e para Oeste segue até entroncar na estrada nacional n.º 13 já em Azurara, muito próximo da foz do rio. Para Norte em direcção ao rio Ave, à ponte de D. Zameiro e à ponte mais a jusante, parte a rua Ponte d’Ave. No largo dominam no coberto arbóreo os plátanos, tílias e casuarinas. Existe na sua envolvente a Quinta de Vilarinho com os seus robustos muros, a capela da Senhora da Lapa, a capela de São Brás a cerca de 200 metros a Noroeste, além de alguns edifícios de bela traça arquitectónica.

Ponte D. Zameiro (Macieira da Maia/Bagunte, Vila do Conde) no rio Ave sendo o acesso feito pela estrada nacional n.º 306. Localiza-se em espaço rural rodeada de campos agrícolas e na proximidade existem **duas azenhas, um moinho e um açude**. Terá existido no mesmo local uma ponte romana de que não restam vestígios (www.ippar.pt). A ponte românica, com arco de tabuleiro em cavalete suave, possui oito arcos de volta perfeita mas de tamanhos desiguais, com talha-mar a montante e talhantes quadrangulares a jusante. A data de construção remonta aos séculos XII/XIII e fazia a ligação da estrada romana/medieval conhecida por via veteriz que ligava o Porto a Barcelos/Esposende (www.monumentos.pt). A ponte que liga Macieira da Maia a Bagunte, está inserida em espaço rural, na encosta da margem esquerda existe eucaliptos de regeneração natural, enquanto na margem direita há uma várzea de campos agrícolas e o pequeno lugar de Ponte do Ave. A ponte apresenta graves estragos, com desmoronamento no 3.º e 4.º arco a contar da margem direita do rio Ave, o que impede a circulação viária e pedonal na ponte. A montante da ponte, a margem esquerda do rio Ave apresenta uma mancha de folhosas, algumas de grande porte que bordeja o rio. A jusante da ponte há um açude que desviava a água do rio Ave para as duas azenhas na margem direita e para uma azenha na margem esquerda (onde funciona um bar), com a data de 1825 inscrita no edifício. Junto da ponte na margem esquerda surgem freixos, pilriteiros (de grandes dimensões), carvalhos-roble, loureiros, salgueiros, e amieiros, que criam um ambiente bucólico. Em conversa com um pescador desportivo que se encontrava na zona, o mesmo referiu que naquele local costuma pescar percas, carpas e pimpões, mas apenas nos meses mais chuvosos e em que a corrente de água permite a diluição da poluição, pois nos meses de estio os peixes desaparecem.

Da ponte mais a jusante, onde passa a estrada nacional n.º 306, é possível ter uma vista para o vale do rio Ave, nomeadamente a montante da ponte, a Quinta do Ave, onde os campos descem em direcção ao rio, com plantações de vinha nas cotas mais elevadas e prados com choupos híbridos onde pastoreavam

ovinos nas parcelas limítrofes do rio Ave. A jusante da ponte além da estreita galeria riparia (onde surge o *Populus alba*) que margina o rio Ave, as encostas são dominadas por povoamentos de eucalipto.

Pela ponte de D. Zameiro, passa um Caminho de Santiago. Existe uma proposta de recuperação da ponte, danificada desde 2004, lançada pelas Estradas de Portugal em 2007, com um orçamento de 660 000€ (www.campoaberto.pt).

Na margem direita, junto à ponte está a **capela da Sr.^a da Ajuda**, no lugar de Ponte do Ave em Bagunte, isolada sobranceira ao rio Ave, junto de um cruzamento onde se destacam belas casas e muros senhoriais. Já em Figueiró de Baixo também em Bagunte, a montante da ponte de D. Zameiro, encontra-se em espaço rural e agrícola na rua de Santo António, a **capela de Santo António**, que tem a particularidade de estar inserida no meio do casario. Existem nas redondezas várias casas de lavoura e senhoriais (algumas em mau estado de conservação), algumas das quais oitocentistas. A jusante da ponte, na margem direita do Ave fica **Santagões**, um núcleo rural de Bagunte, com casas senhoriais e uma **capela**. Na margem esquerda do Ave, a cerca de 1 km a Oeste da ponte de D. Zameiro, está completamente isolada, a **Capela do Senhor do Padrão** já em **Tougues**, a lenda diz que a capela foi mandada construir devido à realização de um milagre, quando os mouros avançavam para Norte, foram impedidos neste local de progredir por intervenção divina (www.viladoconde.org/).

Em **Balazar** na margem esquerda do rio Este, está a **igreja paroquial** numa elevação sobranceira ao rio Este e mais abaixo está a pequena **capela de Santa Cruz**, a qual possui gravada a data de 1832, na ombreira da porta de entrada, e dentro em exposição uma cruz em terra que apareceu naquele local e considerada um milagre. A festa de Santa Cruz realiza-se de 2 em 2 anos no mês de Julho (www.povoadevarzim.com.pt). Aqui localiza-se um local de peregrinação religiosa, a casa da beata Alexandrina e o seu túmulo na igreja paroquial. Atravessando a ponte sobre o rio Este, encontra-se na margem direita, na rua D. Benta, a **casa brasonada** setecentista da família Carneiro de Grã, que possui uma capela privativa dedicada a Nossa Senhora da Lapa (www.povoadevarzim.com.pt). O aspecto actual da propriedade denota algum abandono e falta de conservação. De ambos os lados da ponte do lado montante, existe uma fileira de tílias adultas, as quais sofreram uma poda radical e existem vários bancos de madeira dispersos na envolvente. O ambiente é fortemente rural e agrícola.

A travessia seguinte do rio Este é pela **ponte do Vau**, que liga Fontainhas a Casal, desta ponte a visão a jusante é impressionante, pois abre-se uma ampla área agrícola, com campos extensos, observando-se ramadas de vinha na bordadura de alguns campos e inclusivamente manadas de vacas a pastar, aqui as margens do rio Este são muradas e não existe qualquer vegetação ripícola. A montante da ponte existe um pequeno açude e nas margens já aparecem salgueiros, freixos e outras espécies ripárias, possuindo no entanto um porte médio a pequeno. A cerca de 3 km a Noroeste da Ponte do Vau fica a **igreja românica de São Pedro de Rates**.

Igreja Românica de Rates (Rates, Póvoa de Varzim), no lugar do Mosteiro, está classificada como Monumento Nacional. Teve origem numa capela erigida na época da Reconquista, tendo sido reedificada nos finais do séc. XI, por iniciativa dos condes D. Henrique e de D. Teresa. No tempo de D. Afonso Henriques iniciou-se a construção da actual igreja no séc. XII, tendo as obras terminado um século mais tarde. É um apreciável exemplo do estilo românico do nosso país. É de construção pesada, em granito, com poucas aberturas, sendo uma delas, a rosácea, na parte superior da fachada, localiza-se aqui o pólo museológico de S. Pedro de Rates. Perto localiza-se o **Pelourinho** (século XVI, Monumento Nacional) e os **antigos Paços do Concelho de Rates** (século XVIII) (<http://www.cm-pvarzim.pt/turismo/guia-do-concelho/o-que-visitar>).

Deixando a ponte do Vau, seguindo pela margem esquerda do rio Este, pela Avenida da Aldeia Nova, em Casais existe um açude e uma ponte estreita que liga a povoação aos campos agrícolas da margem direita do rio. Continuando pela mesma Avenida e mudando de direcção para a Rua da Ponte chega-se a uma ponte sobre o rio Este no sopé de **Arcos**, a montante da qual se encontra o **moinho do Carreira** na margem direita do rio. Junto ao moinho desactivado e dentro de uma propriedade privada existe um açude bem conservado. A montante da ponte existem ramadas de vinha e campos de milho recém-germinado e alguns freixos de grande porte. A jusante da ponte avista-se o rio Este (quase sem vegetação nas margens) correndo por entre campos agrícolas lavrados de fresco e com os outeiros envolventes dominados por eucaliptos e alguns pinheiros-bravos.

Atravessando a ponte e seguindo pela Rua do Rio Este numa envolvente exclusivamente agrícola, chega-se à **Ponte de São Miguel dos Arcos**, monumento medieval já documentado em 1347 (Gomes, 1997), com três arcos, com talha-mares triangulares a montante e rectangulares a jusante. A montante da ponte o rio Este faz uma curva acentuada e inflecte para a esquerda, muros de granito sustentam os taludes das margens do rio, e nas zonas onde se acumulam os sedimentos transportados pela água do rio surgem as floridas dedaleiras (*Digitalis purpurea*), o embude (*Oenanthe crocata*), as malvas silvestres (*Malva sylvestris*), os pampilhos (*Coleostephus myconis*) além do som impressionante do coaxar de um grande número de rãs-castanhas (*Rana iberica*). No leito do rio abunda a tábua-larga (*Thypha latifolia*). A ponte, localizando-se em espaço agrícola. Esta ponte medieval, que está classificada como IIP desde 1982, de granito em cavalete, possui três arcos desiguais de volta perfeita, contrafortes com talhamares de contorno triangular e talhantes de contorno rectangular e guardas de cantaria de granito (www.monumentos.pt). A cerca de 5 km a Noroeste está a **Cidade de Terroso (Terroso, Póvoa de Varzim)**, povoado castrejo fortificado (www.ippa) a norte do rio Ave a 153 metros de altitude, de onde existe boa visibilidade para outras estações arqueológicas do baixo Ave, por exemplo a Citânia de Sanfins e a Cidade de Bagunte, com a qual o rio Este seria provavelmente a fronteira entre os territórios de ambas as cidades (Gomes & Carneiro, 2005). O povoamento inicial terá ocorrido na Idade do

Bronze, teve influências da Idade do Ferro e mais tarde sofreu os efeitos da romanização a partir do século II a.C. (Gomes & Carneiro, 2005). Regista um longo período de ocupação (séc. VIII a.C. – séc. III d.C.) (www.cm-pvarzim.pt). Além desta cidade, no concelho da Póvoa ainda há o registo do Castro de Laúndos no monte de São Félix, o Castro de Argivai, o Castro de Navais (Gomes & Carneiro, 2005). Está classificada como IIP desde 1961 (www.ippar.pt). O Pólo Museológico da Cidade de Terroso é um equipamento de apoio à visita e interpretação do espaço.

Castro ou Cidade de Bagunte (Bagunte, Vila do Conde), monumento nacional desde 2004 (www.ippar.pt). Está inserido numa área rural, localizando-se numa elevação (no ponto mais alto do concelho) proeminente arborizada. A plataforma tinha pelo menos cinco linhas de muralha e teria grandes dimensões com cerca 325 metros no eixo maior e 150 metros no menor (www.ippar.pt). A ocupação do castro remonta à Idade do Ferro, tendo sido alterada com a romanização, possuindo construções de planta circular e construções de planta rectangular (www.monumentos.pt). A Cidade foi habitada entre os séculos I a.C. e IV d.C., possuindo uma área superior a 20 hectares. É pretensão da Câmara Municipal de Vila do Conde (tendo já apresentado uma candidatura ao PIQTUR), criar um circuito do património arqueológico do concelho, no qual a Cidade terá um novo centro interpretativo, os percursos pedonais e o acesso ao local seriam arranjados e ainda seria reforçada a segurança do monumento de modo a poder candidatar a Património Mundial da Unesco (JN, 21/04/2008). A **Cidade de Bagunte**, localiza-se a cerca de 200 metros de altitude, num monte que domina para Norte e Oeste o vale do rio Este e para Sul e Este o vale do rio Ave. Saindo de Bagunte e tomando a estrada municipal 527, deve-se desviar para a esquerda antes de chegar a Corvos. Existe no sopé do monte um Centro de Recepção para visitantes. A Cidade encontra-se envolvida por uma mancha florestal de espécies de rápido crescimento, principalmente eucalipto e pinheiro-bravo não existindo acesso automóvel até ao cimo (só se for todo o terreno), devendo a aproximação às ruínas dever ser feita a pé. Existe alguma sinalização que indica o acesso à Cidade, não sendo no entanto muito visível. Na área da Cidade, onde surgem casas de planta circular, muralhas, pavimentos, pontuam a *Erica umbellata*, o feto-do-monte, tufos de gramíneas (*Poa* sp.), *Cistus salvifolius*, tojo (*Ulex* sp.), *Calluna vulgaris*, e *Quercus robur*, *Castanea sativa* e *Quercus suber* na bordadura da clareira do campo arqueológico.

A Sudoeste da Cidade de Bagunte, encontra-se a antiga **Quinta dos Cavaleiros** (que terá sido pertença da Ordem dos Templários), cujos edifícios em ruína estão quase completamente envolvidos por silvados e outra vegetação. O acesso até à quinta, desde a rua dos Corvos faz-se por um caminho de terra batida que passa por baixo da auto-estrada que liga Póvoa de Varzim a Vila Pouca de Aguiar. **Paço do Casal dos Cavaleiros (Outeiro Maior, Vila do Conde)**, de propriedade privada, localiza-se isolado em espaço rural num outeiro, de onde se avista toda a freguesia. Tem uma planta rectangular composta e possui inserida na fachada ocidental uma capela. O início da construção datará do século XIII ou XIV

(www.ippar.pt) quando se edificou a torre e construções anexas, já nos séculos XVI e XVII o Paço foi ampliado adquirindo o aspecto actual, renascentista, possuindo colunas da loggia em mármore (www.monumentos.pt).

A Norte da Casa dos Cavaleiros na Rua dos Corvos, à entrada do lugar com o mesmo nome, encontra-se à face da estrada uma **capela particular dedicada ao Santo António**, da família dos Capelas (Gomes, 1997).

Da avenida frontal à **Igreja Paroquial de Bagunte**, abre-se para Sul e Este uma ampla e abrangente perspectiva da veiga agrícola (onde se destacam os fardos de palha) da Ribeira de Friães e dos cerros arborizados que se estendem até ao rio Ave, e avista-se mesmo o pico do Marão (cuja altura máxima ultrapassa os 200 metros) na freguesia de Fornelo na outra margem do rio. Na **Ribeira de Friães**, em Figueiró de Cima, existe um **moinho abandonado**, já invadido pela vegetação tais como silvas, heras, *Convolvulus*, fetos, *Carex*, junça, etc. Nas margens da estreita ribeira impera o *Salix atrocinerea*. Aqui a vinha quer em ramada nas bordaduras, quer em bardo segundo as novas técnicas modernas de plantação também marca a paisagem agrícola.

A **capela de Nossa Senhora das Neves**, que se presume ser seiscentista (Gomes, 1997), pertencente à Casa de Cavaleiros (<http://paroquias.no.sapo.pt/Bagunte.htm>), encontra-se completamente isolada **na extrema de Arcos com Bagunte** (a cerca de 100 metros de altitude) na encosta leste do maciço florestal que atinge um máximo de 183 metros. O acesso faz-se por um estradão florestal que parte de Casais (Arcos) ou também a partir de Corvos em Bagunte, também por um estradão florestal (embora neste caso o grau de dificuldade é maior pois tem de se vencer uma maior inclinação do caminho). No recinto rectangular com um muro circundante pintado de branco e com portão na entrada, onde um passeio ladeado por espaços relvados onde pontuam algumas tílias e um *Pittosporum undulatum*, conduz à capela orientada para Sudoeste, a qual possui um pequeno alpendre com duas colunas de estilo dórico. Exceptuando alguns espaços agrícolas, principalmente a Norte, que rodeiam a capela, a envolvente é fortemente florestal, atribuindo ao local um isolamento perfeito. Defronte do adro murado da capela, que tem a particularidade de estar abaixo do nível da rua, e de a capela estar no local mais baixo, existe um largo onde há um cruzeiro.

No limite entre Junqueira e Rio Mau, na estrada municipal 525-4 está outra ponte sobre o rio Este, aqui o rio tem um percurso mais encaixado e tortuoso, dominando na margem esquerda um outeiro florestal com 55 metros de altitude máxima. A montante da ponte, na margem direita existe um açude e uma pequena azenha, a **Azenha de Baixo**, nos campos e quintais acima da azenha surgem hortícolas, algumas árvores de fruto, campos de azevém, vinha em ramada e vacas a pastar. No leito do rio, aparecem bastantes *Thypha latifolia*, e nos locais de acumulação de sedimentos *Iris pseudocorus*, *Oenanthe crocata*, salgueiros, já na margem esquerda a montante da ponte a vegetação riparia (salgueiros, choupos e freixos) apesar de não ter um porte arbóreo é bastante compacta. A jusante da ponte as

cortinas de freixos são tão densas e de tal porte, que quase não é possível avistar o leito do rio Este. A cerca de 1,3 km a Nordeste em linha recta está a **igreja românica de São Cristovão de Rio Mau**.

A **Quinta do Mosteiro de Junqueira**, localiza-se a cerca de 650 metros a Sul de um dos meandros do rio Este, a estrada municipal 525-4 é o acesso mais próximo desde o rio até ao largo onde se destaca a grandiosa fachada da igreja do mosteiro. A **igreja paroquial da Junqueira**, edifício setecentista que domina o largo da Quinta do Mosteiro e possui na sua fachada dois nichos com as imagens em granito de S. Simão e S. Judas Tadeu. Do lado esquerdo da igreja estão os edifícios do antigo mosteiro, sendo a entrada principal por um portal alpendrado com duas belas colunas de granito e ladeado de bancos de cantaria, destaca-se ainda na fachada degradada de alguns dos edifícios as duas escadarias exteriores. Do lado direito da igreja, incrustado no muro da Quinta do Mosteiro existe outro portal que dá para o bosque frondoso. No exterior da igreja e junto à cerca do mosteiro existem bancos e mesas de pedra. No interior da quinta, actualmente propriedade privada, existem jardins geométricos e um aqueduto que abastecia de água o mosteiro. Actualmente ainda se mantém em pé os muros da quinta. O **Mosteiro de São Simão da Junqueira (Junqueira, Vila do Conde)**, está classificado como Imóvel de Interesse público desde 1975, e localiza-se perto da Igreja paroquial da Junqueira (anteriormente igreja do mosteiro). Foi um convento da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, actualmente é propriedade privada sendo usado como casa solarenga. A sua fundação, pelo Arcebispo da Sé de Braga, data do século XI, sendo dedicado a S. Simão e S. Judas Tadeu. A **Cerca do Mosteiro de São Simão da Junqueira** (jardins, fontes, claustro e chafariz) também está classificada como paisagem pelo mesmo despacho de IIP de 1975 que abrange o mosteiro. A água da cerca provém de minas no exterior, e é transportada por um aqueduto de dimensão razoável. O buxo, os ciprestes, as lílias e as glicínias são as espécies vegetais que dominam nos jardins (www.monumentos.pt). Também na freguesia da Junqueira ficam a **Capela de São Mamede**, a **Capela do Senhor do Padrão**, bem como a **Capela de Nossa Senhora das Graças**, Imóvel de Interesse Público desde 1978, encontra-se isolada em elevação em espaço rural no lugar de Lamelas. A sua construção remonta ao século XVIII (estilo barroco), e pertencia ao domínio do Mosteiro de São Simão da Junqueira (www.monumentos.pt; www.ippar.pt).

As **Azenhas da Espinheira**, localizam-se em Tougues, na margem esquerda do rio Ave, em oposição à praia da Espinheira (Junqueira). Perto fica a **Igreja paroquial de Tougues**, sobranceira ao vale do rio Ave, de onde se tem uma vista desafogada para a várzea agrícola e para pequenas manchas florestais que descem suavemente em direcção ao rio. A igreja é um edifício setecentista, revestido a azulejos, na continuação da rua encontra-se um belo cruzeiro de 1862 no meio do Largo António Vieira de Castro, onde também se localiza um belo edifício oitocentista, que serve de casa paroquial e que actualmente apresenta vestígios de abandono e degradação. Saindo da rua de Trás da Igreja, vira-se à esquerda e depois à direita e desce-se um caminho público estreito empedrado mas em mau estado de conservação

que termina junto ao rio Ave. Na encosta que ladeia o acesso às azenhas, abundam castanheiros, carvalhos-alvarinhos e sobreiros de regeneração espontânea. Junto à azenha existe um edifício já sem telhado, e com árvores a crescer no seu interior, que talvez serviria de habitação ou como edifício de apoio à actividade de moagem das azenhas. O edifício das azenhas possui a montante uma parede curva que desviava a água para as levadas laterais onde funcionavam as rodas hidráulicas. Actualmente já não possui telhado e está bastante revestida de vegetação tal como trepadeiras, sabugueiros, fetos, etc. A montante das azenhas, na marginal do rio, existe um amplo espaço com uma grande variedade de folhosas tais como loureiros, carvalhos, freixos, que aparenta ser utilizado no Verão. O açude está em boas condições, localizando-se na margem oposta várias quintas, tais como a **Quinta da Espinheira** (documentada desde o século XVI) que possui uma casa setecentista que possui as armas num cunhal, e cujo acesso faz-se por uma porta carral, com armas e ameias (Gomes, 1997), tendo uma ramada curva que cria um belo efeito. No exterior do pórtico de entrada, numa plataforma elevada em relação à rua, debaixo de seculares sobreiros, existem de ambos lados da entrada, mesas e bancos de piquenique em betão.

Em **Touguinhó**, perto do desvio da EM 525 e da Rua Beira-rio, o rio Este é cruzado por duas pontes. A montante a **ponte medieval (ponte românica de Touguinhó)** de que resta apenas o arco, tendo já desaparecido as guardas e a maior parte da estrutura superior. Perto existe um pequeno açude e na margem esquerda um moinho (aparentemente a servir actualmente de habitação). Este local encontra-se parcialmente envolvido por freixos, algumas figueiras e bastantes citrinos nos quintais da margem esquerda. As rosas caninas em flor emolduram a vista, existindo a jusante do açude uma pequena ínsua, com um quintalejo murado e tudo, onde ainda se observam algumas videiras já abandonadas. Perto desta ínsua onde florescem bastantes embudes (*Oenanthe crocata*) existe na margem direita uma capelinha devotada a S. João, existindo dentro de um nicho envidraçado uma estátua de São João Baptista em pedra (inaugurada em 1991). Junto ao acesso da margem direita da ponte mais a jusante, construída em 1834, com belas guardas de granito, existem umas singelas alminhas com a inscrição da data de 1726, com um painel de azulejos de Jesus Cristo na cruz. A **ponte d'Este** possui três arcos de volta perfeita e o tabuleiro é ligeiramente em cavalete, possuindo ainda nos dois pegões, talha-mares arredondados. Entre esta ponte e a ponte românica, existe na margem direita do rio um espaço de lazer com alguns bancos de madeira. A jusante da ponte d'Este, o rio Este percorre cerca de 600 metros no meio de uma veiga agrícola, correndo entre freixos, salgueiros e amieiros, sabugueiros e outras árvores ripárias, que por vezes formam uma densa cortina que marca notoriamente o curso do rio antes de desaguar no rio Ave.

Em **Touguinha** na margem direita do rio Ave, existe no lugar de Madorra caminho público (Rua da Madorra) em cubos de granito que dá acesso à margem do rio, num ambiente predominantemente

agrícola, apenas com algumas manchas de povoamentos irregulares de eucalipto e pinheiro-bravo. Aqui neste trecho a galeria riparia do rio Ave é algo intermitente, e rareiam as árvores de porte arbóreo, dominando mais o estrato arbustivo. No lugar da Pena, existe uma bela casa brasonada, a **Casa da Pena** e respectiva quinta, que possui um pórtico armoriado e uma capela particular, construções seiscentistas e setecentistas (Gomes, 1997).

A **azenha da Retorta**, a que se tem acesso da margem direita do Ave pela ponte pedonal ou então, vindo do centro de Retorta na margem esquerda do Ave, seguindo a sinalização que conduz à rua das Azenhas, que termina junto do rio Ave. O exterior do edifício aparenta estar em bom estado, telhado incluído, estando parcialmente envolvido por vegetação como heras, figueiras, salgueiros e freixos. Junto da azenha descansavam alguns patos-reais (*Anas platyphyllos*). Nas margens do rio Ave aparecem sabugueiros, salgueiros, choupos e freixos que compõem a galeria ripária. Junto à ponte pedonal, na margem esquerda do rio Ave, existe um caminho em terra batida que acompanha o rio para jusante, (esta zona está incluída no projecto da Zona Ribeirinha Nascente do programa Polis de Vila do Conde) que atravessa um bosque de carvalhos-alvarinhos (*Quercus robur*), para montante a seguir a uns campos agrícolas destaca-se as encostas arborizadas de um pequeno outeiro (com 39 metros de altitude máxima), onde terá existido um pequeno castro, do qual apenas restam poucos vestígios. Muito perto da margem do rio, na rua da Igreja, num patamar elevado encontra-se a **igreja paroquial da Retorta**, que tem a particularidade de estar orientada para o lado oposto da entrada do adro. Numa parede lateral da igreja aparece uma inscrição com a data de 1742, aparecendo também uma inscrição, gravada no portal de granito da quinta em frente à entrada da igreja, pouco legível, mas referente ao século XVII ou XVIII. Diz a tradição que o poema “O Melro” foi escrito ou delineado por Guerra Junqueiro num banco do passal da igreja desta freguesia (<http://www.viladoconde.org>). O açude que abastecia a azenha da Retorta já está em parte destruído, e não existe um acesso público que permita a visita à azenha. Perto está o antigo **edifício da antiga moagem**, oitocentista, e de grandes dimensões. Actualmente o edifício, bastante degradado serve como casa de habitação para famílias carenciadas. Mais afastada do rio, também em Retorta, está a **capela de Santa Luzia**, setecentista, que fica na confluência da Avenida das Casas Novas e da Avenida Manuel Dias Inserida no centro de um espaço triangular com um espaço relvado com plátanos, carvalhos-americanos e outras espécies, o passeio frontal à capela está enquadrado com ciprestes, intercalados por bancos de madeira. Em frente ao adro da capela, atravessando uma pequena rotunda, existe um pequeno largo arborizado também de formato triangular, com um passeio central empedrado ladeado por bancos de madeira e candeiros, com um cruzeiro no topo, e um coreto do lado direito.

Azenha quinhentista no rio Ave (Azurara, Vila do Conde), localiza-se na margem esquerda do rio sendo o acesso feito pelo Monte de Sant’Ana), na margem oposta ao Mosteiro de Santa Clara. A

referência mais antiga data do século XIII (www.ippar.pt). Em vias de classificação como IIP, possui a pedra de armas dos Marqueses de Vila Real que a mandaram reconstruir no século XVI, possui planta rectangular com coroamento de merlões chanfrados, sendo actualmente propriedade municipal (www.monumentos.pt). Por uma rua estreita com paralelos que desce do largo de Santana em direcção ao rio, chega-se à margem um caminho de terra batida leva à azenha. Perto da azenha encontram-se sabugueiros em flor (*Sambucus nigra*), giesta-amarela (*Cytisus* sp.), acácias-arbóreas (*Acacia melanoxylon*) de grande porte, mimosas (*Acacia dealbata*), junto da azenha num local de águas paradas foi observada uma infestação de jacintos-de-água, uma exótica e infestante dos nossos cursos de água. O açude está em boas condições, mas a azenha está abandonada, com a porta (em cima surge a data de 1589 gravada) e janelas entaipadas, sem telhado e com a envolvente degradada.

Ermida de Santa Ana (Azurara, Vila do Conde), encontra-se isolada no cimo de uma encosta, de onde se tem ampla visão da foz do rio Ave, do oceano e da cidade histórica de Vila do Conde. A sua construção remonta provavelmente ao século XIII, tendo sofrido no século XIX uma remodelação, possuindo estilo românico com remodelação (www.monumentos.pt). Localiza-se no largo homónimo, numa colina sobranceira ao rio Ave e à azenha quinhentista, a 34 metros de altitude. A capela, que possui um nicho na sua frontaria com uma escultura de Santa Ana com Maria ao colo, está virada para Poente, à sua frente existe um cruzeiro com Cristo esculpido em pedra, sobre um patamar de granito, com degraus. Do lado esquerdo da rampa que dá acesso à capela está uma unidade hoteleira, enquanto do lado direito existe um espaço relvado apazível, limitado com pilaretes de madeira, com árvores dispersas (*Platano* sp., *Acer negundo*, *Acer pseudoplatanus*, etc) que proporcionam boa sombra no Verão e mesas de madeira com bancos incorporados. Este espaço arborizado circunda a capela, e do lado direito da mesma tem-se uma vista privilegiada para o convento e mosteiro de Santa Clara na margem oposta do rio Ave. O **Padrão**, uma coluna em granito com capitel e com um cruzeiro no topo, localiza-se na confluência da rua das Figueiras com a travessa do Padrão, a Sul da capela de Sant'Ana. Descendo a travessa Dr. Américo Silva, bastante estreita e com um arco sobre a rua, entra-se na via principal da antiga Azurara onde se localiza a **Casa da Praça**, um solar brasonado com varandas de ferro e com capela privativa adjacente ao edifício principal. A **Casa da Praça** está classificada como IIP desde 1977, é um edifício seiscentista que apenas mantém o modelo original do frontispício (www.ippar.pt).

Ainda no centro de Azurara encontra-se os **Passos da Azurara (Azurara, Vila do Conde)**, quatro deles encontram-se à face das ruas, enquanto um está orientado para a igreja da Misericórdia. Estes cinco passos da Via-sacra de arquitectura barroca (datam provavelmente do século XVIII) e localizam-se no núcleo antigo de Azurara (www.monumentos.pt).

Igreja Matriz de Azurara (Vila do Conde), igreja quinhentista, está classificada como MN desde 1910, de estrutura manuelina, possui repinturas maneiristas do século XVI, sendo que no século XVII foi

acrescentada a torre sineira (www.ippar.pt). Localiza-se na Rua de Nossa Senhora da Conceição, junto da Estrada Nacional n.º 13, orientada para o mar, e de onde a vista abrange a foz do rio Ave. Possui do lado direito da fachada (com pórtico de feição manuelina) uma torre com oito aberturas sineiras e um balcão de balaústres ao nível do 1.º piso. No adro Oeste da igreja existe um cruzeiro manuelino e no adro Norte o pelourinho. O **Cruzeiro de Azurara** que está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1963 (www.ippar.pt), é um monumento de estilo manuelino que estima-se que seja do século XVI, possui um cruzeiro de coluna circular lisa, capitel paralelepípedo com urbe adossada e uma cruz latina com a imagem de Cristo cujos topos rematam em forma de flor-de-lis (www.monumentos.pt). O **Pelourinho de Azurara (Azurara, Vila do Conde)**, está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1933, encontrando-se implantado a Norte do adro da Igreja Matriz de Azurara. A construção deste pelourinho de estilo manuelino, de roca fechada e com fuste circular liso, data provavelmente do século XVI (www.monumentos.pt; www.ippar.pt).

Igreja da Misericórdia da Azurara, edifício quinhentista de reduzidas dimensões, possuindo no interior talha dourada oitocentista (www.ippar.pt). Localiza-se no cimo da Calçada da Misericórdia, muito perto da estrada nacional n.º13 e a cerca de 280 metros do rio Ave. A igreja com uma fachada simples, renascentista, está orientada para Leste, tendo do seu lado esquerdo os alicerces de uma obra (embargada), o que tem um impacto visual negativo na envolvente e do seu lado direito confina com as habitações da rua Dr. Américo Silva. Junto da Igreja, em frente do parque de estacionamento privativo da fábrica de chocolates Imperial, existe um pequeno largo, com bancos de madeira, de onde se avista o troço final do Ave.

A **Ermida ou Capela de São Sebastião (Azurara, Vila do Conde)**, localiza-se isolada num afloramento rochoso próximo da foz do rio Ave. Presume-se que a ermida tenha sido erigida no século XIV/XV, tendo a colocação do retábulo sido realizada nos finais do século XVIII / início do século XIX (www.monumentos.pt). Fica confluência da rua da Junqueira com a rua de São Sebastião, orientada para o rio Ave, com um adro sobrelevado em relação à rua frontal, fazendo-se o acesso por uma escadaria larga de granito. A capela, os muros e acessos (exceptuando o adro envolvente com paralelos modernos) têm um aspecto bastante rústico e singelo, construída com pedras de granito de pequeno tamanho, observando-se nas paredes laterais exteriores restos do reboco branco que cobria as paredes. No portal principal, uma cancela de madeira, impede a entrada mas permite o avistamento do interior da capela, o qual apresenta algum abandono e degradação. Em frente da capela, abundam nos terrenos marginais, com canaviais.

Capela de N.ª Senhora das Neves (Azurara, Vila do Conde), cuja festa religiosa realiza-se no 1.º domingo de Agosto (ADRAVE, 2003), fica na rua Francisco Gonçalves Monteiro junto ao cemitério, é uma

capela sem adro, das mais antigas da povoação, com um grande alpendre com bancos de granito ao correr de ambos os lados da entrada da capela. Está direccionada para Oeste (em direcção ao rio Ave), dissimulada por confrontar com o muro da **Ordem de São Francisco de Azurara**, onde se encontra à **Capela de São Donato**, onde está o túmulo do santo, padroeiro dos pescadores de Azurara (FCG, 1985). Possui uma característica torre ameada quadrangular e de janelas góticas que marca indelevelmente a paisagem do troço final da margem esquerda do rio Ave. No adro pavimentado de acesso à capela encontram-se bancos de descanso encostados ao muro do lado esquerdo, virados para a foz do rio Ave. A **Igreja de São Francisco de Azurara**, está classificada como IIP desde 1978, já em 1518 existia aí um convento como mesmo nome, a conclusão do actual templo remonta à década de 1750 (www.ippar.pt). Perto fica a **praia de Azurara** que converge com a foz do rio Ave, as dunas floridas encontram-se protegidas por vedação e passadiços, ao abrigo de uma intervenção do POOC, existindo também um parque de estacionamento do lado do rio Ave. Aqui está exposta uma pedra enorme que foi dragada do leito do rio (cujos trabalhos de abertura do novo canal de acesso ao rio terminaram em 1994), e que é designada por **Pedra dos Dois Irmãos**. Mais a Sul encontra-se o **parque de campismo de Árvore**. Da margem esquerda do rio Ave, junto à foz, tem-se uma visão do troço final do Ave e da margem de Vila do Conde, onde se destacam junto ao pontão norte, a brancura da capela de N.^a S.^a da Guia, o edifício de Socorro a Náufragos e o forte de São João.

Igreja do Convento de Santa Clara (Vila do Conde), classificada como monumento nacional desde 1910. O convento localizado numa elevação na margem direita do rio Ave, teve a construção inicial no século XIV (1318), tendo sofrido alterações nos séculos XVI, XVII, XVIII e XX (www.ippar.pt). Actualmente só resta a igreja gótica de planta cruciforme (www.monumentos.pt). O **Mosteiro de Santa Clara** é um imponente marco na paisagem, talvez o que mais se destaca, quer pela sua volumetria, quer pela posição no topo de um outeiro a 29 metros de altitude na margem direita do rio Ave. Do adro murado que dá acesso à entrada ocidental do convento obtém-se a melhor panorâmica do rio Ave no seu troço derradeiro. A Sudoeste do convento, a uma cota mais baixa na margem do rio Ave, está a Praça da República, um espaço ajardinado de formato oval, a jusante da ponte que liga Azurara a Vila do Conde. A Igreja gótica de planta cruciforme apresenta uma rosácea na fachada ocidental, e junto da cabeceira poligonal termina o **aqueduto** que trazia a água das alturas de Terroso. A Norte da Igreja de Santa Clara está a **Igreja da Ordem Terceira de São Francisco** e o antigo convento, onde funciona actualmente um lar de terceira idade que formam um belo conjunto arquitectónico, que margina em parte o belo trecho contínuo do aqueduto que percorre a rua de Trás dos Arcos. O **Aqueduto de Santa Clara (Vila do Conde)**, monumento nacional desde 1910, incluído na zona especial de protecção da Igreja de Santa Clara. Foi construído, para resolver definitivamente o problema do abastecimento de água potável, entre os séculos XVII e XVIII e inicialmente possuía 999 arcos que suportavam o canal de água desde a nascente (Terroso) até ao Convento de Santa Clara. Actualmente ainda existe um troço desde o convento

até ao limite do concelho de Vila do Conde que apresenta melhor estado de conservação, sendo que já desapareceram bastantes arcos do aqueduto (www.ippar.pt; www.monumentos.pt).

Ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem ou Capela de Nossa Senhora do Socorro (Vila do Conde), capela seiscentista, possui um conjunto azulejar barroco e retábulo-mor de estilo rococó (www.ippar.pt), está classificada como IIP desde 1978, encontra-se isolada num maciço rochoso na margem do rio Ave (www.monumentos.pt). Localizada num promontório rochoso, revestido quase totalmente por heras, junto ao Cais das Lavadeiras, onde também se situa a **Alfândega Régia, o Museu da Construção Naval e a Nau Quinhentista**, possui uma arquitectura peculiar, com uma cúpula branca, possuindo no seu interior circular azulejos do século XVII. Foi erigida com o patrocínio de um piloto de naus da carreira do Oriente, Gaspar Manuel, que faleceu em 1610 e que jaz nesta capela (FCG, 1985). Do pequeno adro murado quadrado que envolve a capela, tem-se uma vista formidável que alcança para Ocidente a foz do rio Ave, para Oriente avista-se o rio além do Convento de Santa Clara e a zona antiga de Vila do Conde e para Sul espraia-se a Azurara. Perto existe uma pequena marina de atracação de barcos de recreio e numa praça adjacente existe um relógio de sol gigantesco.

Igreja Matriz ou de São João Baptista (Vila do Conde), monumento nacional desde 1910, monumento quinhentista de estilo manuelino possui retábulos barrocos em talha dourada e azulejaria seiscentista prolongando-se as intervenções até ao século XVIII, e mesmo alguns trabalhos e melhoramentos decorreram nos séculos XIX e XX (www.monumentos.pt; www.ippar). Está orientada para a Praça Vasco da Gama onde se localizam os **Paços do Município** (edifício quinhentista com uma escadaria exterior anexa à fachada) e o **Pelourinho manuelino** (também quinhentista), destacando-se as duas araucárias de grandes dimensões que embelezam o recinto. Perto existe um amplo espaço arborizado onde se realiza a feira. Encontra-se completamente isolada e possui na parte frontal um adro murado, com pináculos de cantaria. O seu portal é ricamente elaborado com motivos manuelinos folhagem, esferas armilares, cordoame entrançado e a imagem de São João Baptista no centro. A **Capela do Senhor da Agonia (Vila do Conde)**, edifício seiscentista de estilo barroco e neoclássico, localiza-se junto do Pelourinho e dos Paços do Concelho (www.monumentos.pt). O **Edifício da Câmara Municipal (Vila do Conde)**, edifício quinhentista, criado de raiz para servir como Paços do Concelho, na Praça em frente está implantado o pelourinho (www.monumentos.pt). O **Pelourinho de Vila do Conde**, monumento nacional desde 1910, de estilo manuelino, foi construído no século XVI, actualmente encontra-se implantado nas imediações dos Paços do Concelho na Praça Vasco da Gama (www.ippar.pt; www.monumentos.pt).

Capela de Nossa Senhora da Guia (Vila do Conde), de estilo maneirista e barroco é um monumento classificado de IIP desde 1982 e situa-se junto à foz do rio Ave. Supõem-se que a sua existência date dos

séculos X/XI (na altura denominada ermida de São Julião) (www.ippar.pt), tendo sofrido grandes alterações nos séculos XVII e XVIII, além da utilização religiosa também possuiu um forte para apoio da defesa da barra do rio Ave (www.monumentos.pt). As festas de N.ª S.ª da Guia realizam-se na semana de 28/01 a 02/02 (ADRAVE, 2003). Fica junto ao molhe Norte da foz do rio Ave, datada do século XI, branca, com os muros do adro também pintados de cor brancos e com uma pequena cúpula, encimada por uma pequena cruz. Junto da capela existe uma escadaria com um cruzeiro no topo, que serve de miradouro sobre a foz do rio Ave. A capela, segundo o horário afixado pela confraria de N.ª S.ª da Guia, está aberta ao público de Segunda a Sexta entre as 14 e as 18 horas, e ao fim-de-semana, entre as 9h30 e as 12h30 e das 14 às 18 horas. Perto está a **Casa de Socorro a Náufragos**, na qual de momento estão a decorrer obras de restauro.

O **Forte de São João Baptista (Vila do Conde)**, classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1967 foi mandado construir no século XVI, a sua construção prolongou-se pelo século XVII, e desde o fim da guerra civil (1834) que deixou de ter função militar (www.ippar.pt). Junto da fortaleza existe o Parque Atlântico (www.monumentos.pt). Localiza-se junto da foz do rio Ave em Vila do Conde, na margem direita, e é constituído por cinco baluartes, com algumas guaritas de cantaria de vigia e um portão armoriado. Actualmente ali funciona uma unidade hoteleira, sendo as visitas às muralhas permitidas apenas entre as 16 e 18 horas de Segunda-feira a Sexta-feira, excluindo os dias feriados, os Sábados e Domingos. O forte está construído em pleno areal, implantado em algumas zonas sobre os rochedos, a Norte estende-se a marginal, a Avenida do Brasil, e a praia da Sr.ª da Guia. Perto do forte encontra-se o **Padrão Comemorativo** da Primeira Tentativa de Desembarque da esquadra Liberal em 8 de Julho de 1932, este obelisco de cinco metros de altura foi implantado nesse local em 1841 e foi o que restou da ponte no rio Ave erigida por ordem do corregedor Francisco Almada no final do século XVIII e destruída numa cheia em 1821 (FCG, 1985).

Ainda em **Vila do Conde** notabilizam-se a **Capela de Santa Catarina**, que encontra-se isolada em ambiente rural no lugar de Santa Catarina. Esta capela quinhentista e barroca está classificada como IIP desde 1982 (www.ippar.pt), sendo considerada das mais antigas de Vila do Conde e segundo reza a tradição Antero de Quental passava as tardes no alpendre. A padroeira festeja-se a 25 de Novembro (www.monumentos.pt). A **Capela de Santo Amaro (Vila do Conde)**, a sua construção remonta ao século XVI/XVII, realizando-se uma romaria ao Santo Amaro a 15 de Janeiro (www.monumentos.pt). A **Igreja da Lapa (Vila do Conde)**, no século XVII existia no local uma capela quinhentista erigida a São Bartolomeu (www.ippar.pt) que ruiu, o projecto do edifício actual é atribuído a Nicolau Nasoni (1743) (www.monumentos.pt). A **Igreja e Edifício da Misericórdia (Vila do Conde)**, conjunto classificado como IIP desde 1982 e incluído na ZEP da Igreja Matriz de vila do Conde, composto inicialmente pela igreja e hospital da Misericórdia. Edifício quinhentista, que sofreu intervenções nos séculos XVII e XVIII cuja

tribuna foi projectada por Nicolau Nasoni em 1743 (www.ippar.pt). Possui elementos de vários estilos: renascentista, manuelino, maneirista, barroco e neoclássico (www.monumentos.pt). Os **Passos de Via-sacra (Vila do Conde)**, no núcleo histórico da cidade, estes seis passos em cantaria de granito datam do século XVIII, possuem planta rectangular e cobertura em telhado de duas águas (www.monumentos.pt).

Quanto a **Palácios e casas solarengas ou brasonadas, em Vila do Conde**, existem vários que merecem destaque como a **Casa do Submosteiro ou dos Vasconcelos**, brasonada, na Praça da Republica classificada como IIP desde 1977, edifício setecentista onde actualmente funciona o Auditório Municipal (www.monumentos.pt). O **Palacete Melo**, edifício oitocentista, de propriedade municipal, situado na Av. Bento de Freitas. Fez parte de uma colónia balnear no século XIX, existindo a intenção do município de aí instalar o Museu do Emigrante. De estilo romântico está classificada como IIP desde 1986 (www.ippar.pt; www.monumentos.pt). A **Casa dos Morgados de São Bento**, edifício seiscentista originalmente de arquitectura maneirista (www.ippar.pt), com apontamentos neoclássicos, é de propriedade privada, localizado na Rua da Lapa. A **Casa de São Roque**, edifício setecentista de propriedade municipal, situado na Rua do Lidador (www.monumentos.pt). A **Casa São Sebastião** na Rua da Lapa, antigo palácio dos Viscondes da Beira, edifício setecentista onde funcionou até 2001 a Biblioteca Municipal, estando actualmente em obras para em Junho de 2008 passe a albergar o Centro de Memória e o Arquivo Municipal (JN, 21/04/2008).

Já na **Póvoa de Varzim** destacam-se: o **Pelourinho (Póvoa de Varzim)**, monumento nacional desde 1910, actualmente encontra-se no centro da Praça do Almada. O pelourinho foi mandado erigir no século XVI, aquando da concessão do foral à Póvoa de Varzim pelo rei D. Manuel I em 1514. É uma réplica manuelina do antigo pelourinho que foi demolido em 1854, sendo a esfera armilar original que integra o actual pelourinho que obteve a classificação (www.ippar.pt; www.monumentos.pt). A **Praça do Almada (Póvoa de Varzim)**, cujo nome se deve a uma homenagem ao corregedor D. Francisco de Almada (www.ippar.pt), possui formato oval é a principal praça da cidade com jardim central de consideráveis dimensões, datando do século XVIII, onde se encontra o **pelourinho** do século XVI, o **coreto** classificado como IIM (Imóvel de Interesse Municipal) e um monumento erigido ao escritor Eça de Queirós (www.cm-pvarzim.pt/). A **Fortaleza da Póvoa de Varzim (Póvoa de Varzim)**, está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1960 e existe um decreto que regulamenta a ZEP desde 1982. Esta fortaleza costeira de tipo baluarte foi mandada construir por ordem de D. Pedro II, localizando-se junto ao Porto de abrigo. A sua construção data do século XVIII (1701), tendo sido Sebastião de Sousa quem dirigiu a construção (www.monumentos.pt). Também é conhecida como **Fortaleza de N.ª S.ª da Conceição** (www.cm-pvarzim.pt/; www.ippar.pt). A sua utilização actual é como quartel da Brigada Fiscal da G.N.R., o que condiciona a visita ao seu interior (www.cm-pvarzim.pt). O **Solar dos Carneiros (Póvoa de Varzim)**, solar brasonado do Século XVIII classificado como IIP desde 1986, foi adquirido pela Câmara

Municipal em 1974 e aí está instalado o **Museu Municipal de Etnografia e História** desde 1985 (www.ippar.pt). Nos monumentos religiosos merecem referência: a **Igreja de Nossa Senhora da Conceição ou Igreja Matriz da Póvoa de Varzim**, classificado como IIP desde 1977, dedicada à protectora dos pescadores (www.ippar.pt), foi inaugurada em 1757 e possui uma frontaria imponente, bem como altares barrocos em talha dourada (www.cm-pvarzim.pt/). A **Igreja de Nossa Senhora das Dores (Póvoa de Varzim)**, está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1974 e encontra-se isolada em espaço rural (www.monumentos.pt). Data de finais do século XVIII, embora o seu aspecto actual data de 1866, quando foram concluídas as seis capelas circundantes (www.ippar.pt). A **feira religiosa** realiza-se no **3.º domingo de Setembro**, realizando-se juntamente a típica **Feira da Louça** (www.cm-pvarzim.pt/). A **Igreja da Lapa (Póvoa de Varzim)**, local de veneração a **N.ª S.ª da Assunção**, padroeira dos pescadores, onde se realiza a **15 de Agosto** a festa organizada pela Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, uma associação de defesa da classe dos pescadores, para a qual cada barco contribuía com a “rede da Senhora” (www.cm-pvarzim.pt/).

Nas **tradições e artesanato** destacam-se: a **Lancha Poveira**, embarcação típica que, devido à sua robustez e navegabilidade, permitiu o aumento da actividade piscatória, tornando-se a Póvoa de Varzim (séculos XVIII e XIX) num dos maiores portos de pesca do país. As miniaturas dos barcos poveiros são vendidas como artesanato local (www.cm-pvarzim.pt/). O **Traje Poveiro**, do qual a camisola poveira é a peça mais divulgada e conhecida (www.cm-pvarzim.pt/). A **Renda de Bilros** (Póvoa de Varzim, Vila do Conde), artesanato típico desenvolvido pelas mulheres das comunidades piscatórias.

Na **gastronomia, doçaria conventual e produtos regionais**, em Santo Tirso destacam-se os jesuítas e limonetes (doçaria), as bolachas conventuais do Mosteiro de Roriz e o licor do Mosteiro de Singeverga, já em Vila do Conde destacam-se os doces conventuais como: os beijões de freira, as cavacas, as empadas, os pastéis de Santa Clara, as rosquinhas e as sapatetas (ADRAVE, 2003). Já a **gastronomia poveira** é à base de peixe: arroz de sardinha, caldeirada de peixe, pescada à Poveira, rabanadas à Poveira, e sardinhas assadas à Poveira (www.cm-pvarzim.pt/).

Quanto a lendas, reza assim a **Lenda do Rio Ave** (Meireles, 2004):

“Há muito, muito tempo, no tempo em que não havia ainda fronteiras entre a Galiza e Portugal, existia uma serra conhecida como Serra de Agra. Como não ficava muito longe do mar, recebia a influência benéfica do Oceano Atlântico. Do seu ponto mais alto, como acontece em todas as serras do Minho, avistava-se o cintilar azul do mar. Mas a serra tinha uma magia, um encanto, um tal feitiço que a Primavera chegava ali, muitas vezes, mais cedo. E, numa dessas deslumbrantes Primaveras, a serra cobriu-se de luz, de flores, de cores e de perfumes...”

Um dos seus perfumes entontecia...E levado nas asas de um ventinho quente que corria para norte, chegou muito longe...Tão longe que trouxe à serra uma jovem pastora, vinda de longínquas serranias da Galiza.

- Vem à procura de sol e de bons pastos para as suas cabrinhas! - diziam...

Mas quem verdadeiramente sabe o que se passa no coração de uma jovem e formosa cabreira? [...]

E numa aurora de dedos finos e rosados, que suavemente pintaram a serra, surgiu um belo cavaleiro [...]

- Vem à procura de caça, mas não trouxe os seus monteiros! - diziam...[...]

Mas naquele dia de Primavera, o nobre cavaleiro [...] ao passar junto às águas puras de um riacho, ouviu um lindo cantar [...] Ela vinha na luz clara da manhã. Trazia flores nos cabelos [...] O cavaleiro quedou, nunca vira igual formosura [...] E os dois jovens olharam-se bem no fundo nos olhos e estremeceram! [...] Os dias passaram depressa. Perderam a noção do tempo. A serra escutava palavras de amor [...] E, num desses dias [...] viram chegar, em voo demasiado veloz, o falcão. Pousou na mão do seu senhor. Trazia um outro anel de ouro. O coração do jovem cavaleiro quase parou. Conhecia bem o sinal, teria de regressar ao seu paço [...]

- Meu amor, meu amor, tenho de partir e já! Precisam muito de mim [...] Sou um conde e tenho o dever de proteger as minhas terras [...] Aproximam-se da costa barcos com homens terríveis [...]

- ...é muito maior a minha mágoa, pensava que íamos ficar juntos para sempre! Parte e regressa depressa! Esperarei sempre por ti. Sempre! [...]

No fim do Outono [...] a jovem pastora subiu ao ponto mais alto da serra para ver se podia, ao menos, avistar o cintilar do mar [...] gritou sem poder suster mais tempo a sua imensa dor:

- Tenho de o encontrar! Tenho de o encontrar! Quem me dera ser ave e voar! Voar! [...]

E a formosa cabreira começou a chorar. E chorou tanto, tanto, que as suas lágrimas se transformaram num rio. Então, a serra rasgou-se, abriu grandes fendas de granito e longos caminhos para que as águas do rio chegassem depressa às terras do fidalgo, às areias da sua praia, à vila do senhor Conde [...]

E as gentes da Serra da Agra, sensibilizadas por tão grande amor, mudaram o nome à sua serra: deram-lhe o nome de Serra da Cabreira [...] e ao rio [...] deram o nome de Rio Ave, porque a cabreira desejou ser ave para se poder juntar ao seu amor [...]"

Património Natural

No vale do Ave merece particular distinção a **Reserva Ornitológica do Mindelo**, já que o rio Ave é o seu limite Norte. Este local único no litoral Norte do país, é reconhecido pelo grande número de espécies de aves que aí foram identificadas.

No âmbito do projecto, da CCDR-N em 2004, "Definição da Estrutura Fundamental da Área Metropolitana do Porto", a CIBIO-UP identificou os vales dos rios Ave e Este como locais particularmente significativos para a preservação dos valores naturais (DRAEDM *et al*, 2007). No levantamento da **biodiversidade** da BLPEDM foram seleccionadas 20 quadrículas UTM com 1km² de amostragem, das quais uma no concelho de Santo Tirso, uma no concelho da Trofa, duas em Vila do Conde e duas na Póvoa de Varzim. Uma das parcelas amostradas na Póvoa de Varzim localiza-se na freguesia de Balazar no vale do Este, a referente ao concelho de Santo Tirso localiza-se no vale do Vizela, e as referentes a Vila do Conde localizam-se no vale do Ave, uma em Outeiro Maior na margem esquerda e outra na margem direita perto de Retorta (DRAEDM *et al*, 2007). A associação fitossociológica mais comum nas quatro quadrículas é a *Chrysanthemo segeti-Raphanetum microcarpi*, na quadrícula do vale do Vizela (Santo Tirso) a 2.^a mais comum é a *Airo praecocis-Sedetum arenarii*; na quadrícula referente a Balazar (Póvoa de Varzim) a 2.^a mais comum é a da comunidade de *Dactylis lusitanica* e *Holcus lanatus*; na quadrícula de Outeiro Maior (Vila do Conde) as 2.^{as} mais comuns são a comunidade de *Bromus diandrus* e *Hordeus leporinum*, a comunidade de *Rubus ulmifolius* e a *Parietarietum judaicae*; e por último nas Bouças do Frutuoso (Vila do Conde) a 2.^a associação mais comum é a comunidade de *Rubus ulmifolius*.

Já quanto à biodiversidade, da vegetação natural espontânea apenas surge junto das margens de alguns cursos de água ou nos interstícios entre as florestas de produção e os terrenos agrícolas. Das exóticas invasoras presentes destacam-se as acácias (*Acacia* sp.), os chorões (*Carpobrotus* sp.), a háque-picante (*Hakea sericea*), a erva-da fortuna (*Tradescantia fluminensis*) (DRAEDM *et al*, 2007).

O Vale do Ave incluído na AMP, apesar da densidade populacional, da forte presença da indústria que o caracteriza e dos graves problemas de poluição dos recursos hídricos, ainda possui valores naturais notáveis notáveis. No **património natural** destaca-se a galeria ripícola na **flora**, que é praticamente contínua em todo o seu troço, mesmo nas zonas com um cariz mais industrial, o porte é essencialmente arbóreo dominando os amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros (*Salix* sp.) bem como os choupos (*Populus* sp.) e a cerejeiras-bravas (*Prunus avium*). Na zona do baixo Ave (que faz parte da AMP), pode-se identificar *troços de cursos de água com dinâmica natural e seminatural* (3210) e *vegetação flutuante de ranúnculos* (3260) (INAG, 2000). Nas margens do baixo Ave encontram-se choupos (*Populus* sp.), plátanos (*Platanus hispanica*), carvalhos (*Quercus robur*), magnólias (*Magnolia grandiflora*), bétulas

(*Betula* sp.) sobreiros (*Quercus suber*), carvalhos-alvarinho (*Quercus robur*), pinheiros-bravos (*Pinus pinaster*) (Adrave, 2001). Numa estreita faixa ao longo das linhas de água, nas zonas baixas do vale do Ave, surgem carvalhos (*Quercus robur*), amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix atrocinera*), aveleiras (*Corylus avellanus*), freixos (*Fraxinus angustifolia*) e ainda outras espécies (ADRAVE, 2000).

As margens do rio Ave possuem um património natural de grande beleza e valor, nos quais se destaca no concelho de Santo Tirso o **carvalho da Rabada**, que pelos açudes, **espécies arbóreas climáticas** (*Quercus robur* e *Quercus suber*) e pelo enquadramento paisagístico (Vale do Ave, 1997), foi através do Plano das Margens do Rio Ave (através da inclusão de infra-estruturas de recreio e lazer) transformado no **Parque Urbano da Rabada**.

Os tojais e urzais (código corine 4030) e as formações de *Pteridium aquilinum* (3186) são dos poucos habitats naturais que existem no troço inferior do rio Ave (Gomes, 2001). As espécies de flora associadas à floresta ripícola do troço inferior do rio Ave de tipo de comunidade aquática são a tábua-larga (*Typha latifolia*) e há comunidade rupícola pertencem os fetos (*Blechnum spicant*, *Polypodium interjectum*), as gramíneas (*Brachypodium pinatum*), *juncos* (*Carex elata*), o embude (*Oenanthe crocata*), o botão-de-oiro (*Ranunculus repens*), (*Umbilicus rupestris*). As de comunidade marginal são a acácia-austrália (*Acacia melanoxylon*), a mimosa (*Acacia dealbata*), os fetos (*Blechnum spicant*, *Dryopteris affinis*, *Pteridium aquilinum*, *Polypodium interjectum*, *Osmunda regalis*), as gramíneas (*Agrostis capillaris*, *Antochantum odoratum*, *Brachipodium pinatum*, *Dactylis glomerata* *Holcus mollis*, *Poa trivialis*, *Vulpia myuros*), as espécies de porte arbóreo (*Alnus glutinosa*, *Fraxinus angustifolia*, *Pinus pinaster*, *Quercus robur*), as de porte arbustivo (*Frangula alnus*, *Ilex aquifolium*, *Laurus nobilis*, *Salix atrocinera*, *Sambucus nigra*), as de porte sub-arbustivo (*Crataegus monogyna*, *Ulex minor*, *Calluna vulgaris*, *Ruscus aculeatus*) as de porte herbáceo (*Digitalis purpurea*, *Euphorbia dulcis*, *Galium album*, *Galium brotoreanum*, *Bidens aurea*, *Bormus diandrus*, *Carex elata*, *Hedera helix*, *Humulus lupulus*, *Juncus conglomeratus*, *Leontodon taraxacoides*, *Luzula sylvatica* ssp. *Henriquesii* Endemismo Ibérico, *Polygonum hydropiper*, *Rubus* sp., *Rumex induratus*, *Rumex acetosa*, *Senecio sylvaticus*, *Sonchus asper*, *Teucrium scordium*, *Urtica dioica*, *Viola palustris*. De salientar a presença de exóticas como acácias na vegetação riparia (Gomes, 2001).

Um exemplo do tipo de **flora** que predomina nos **cabeços castrejos do baixo Ave**, é referido para a área da Cidade de Terroso, onde na ocupação florestal arbórea dominam as bouças de eucalipto e pinheiro-bravo e nos matos baixos predominam os tojos (*Ulex europaeus*), os fetos (*Polypodium* sp.) a esteva (*Cistus ladanifer*) e as urzes (*Erica* sp.). Já com um porte mais arbustivo surgem a giesta (*Cytisus scoparius*) e os codessos (*Chamaecytisus hirsutus*), verificando-se ainda a regeneração espontânea de carvalhos (*Quercus robur*), sobreiros (*Quercus suber*) e castanheiros (*Castanea sativa*) (supondo-se

neste caso que tal se deve à acção disseminadora dos gaios). Em lugares mais recônditos e abrigados surgem freixos (*Fraxinus angustifolia*) e aveleiras (*Corylus avellana*) e no sub-bosque aparece a dedaleira (*Digitalis purpurea*), o pilriteiro (*Crataegus monogyna*), a hera (*Hedera helix*), a silva (*Rubus* sp.), a hortelã (*Mentha* sp.) etc. (Gomes & Carneiro, 2005). Mas na análise de vestígios vegetais de carvão encontrados na cidade de Terroso, surgem também espécies como o medronheiro (*Arbutus unedo*), a urze-branca (*Erica arborea*), o amieiro-negro (*Frangula alnus*), o ulmeiro (*Ulmus procera*), a pereira (*Pyrus communis*), o sabugueiro (*Sambucus-nigra*), salgueiros (*Salix* sp.), o amieiro (*Alnus glutinosa*), umas que ainda resistem e outras que já desapareceram da área (Gomes & Carneiro, 2005).

Na área ribeirinha da Trofa, os amieiros, os freixos e as borrazeiras-pretas (*Salix atrocinerea*) dominam no porte arbóreo a galeria ripícola, enquanto o embude (*Oenanthe crocata*) e alpista-da-água (*Phalaris arundinacea*) dominam as formações herbáceas junto do rio Ave, sendo espécies características dos cursos de água ricos em nitratos (Santos *et al.*, 2003). Do que resta dos bosques climatófilos surgem carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), e em menor grau o sobreiro (*Quercus suber*). Nos matos climatófilos, apenas alimentados pela água da precipitação, surgem o tojo (*Ulex europaeus*), o tojo-molar (*Ulex minor*), a giesta (*Genista triachantos*), as ericáceas *Erica cinerea*, *Erica umbellata* e *Calluna vulgaris*. Já nos matos higrófilos, em zonas com maior humidade no solo dominam o tojo-molar (*Ulex minor*) e a urze (*Erica ciliaris*) (Santos *et al.*, 2003).

Na Área-entre-Soutos na Trofa, na zona ribeirinha do Ave foram inventariadas a seguinte flora (Santos *et al.*, 2003):

- Os **fetos**: feto-real (*Osmunda regalis* L.), polipódio (*Polypodium interjectum* Shivas), anograma-de-folha-estreita (*Anogramma leptophylla* (L.) Link), feto-do-monte (*Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn.), fentilho (*Asplenium billotii* F. W. Schultz), avenca-brava (*Asplenium trichomanes* L. subsp. *quadrivalens* D. E. Meyer), feto-fêmea (*Athyrium filix-femina* (L.) Roth) e feto-pente (*Blechnum spicant* (L.) Roth).
- As **plantas de porte arbóreo**: pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), loureiro (*Laurus nobilis*), plátano (*Platanus hispanica* Miller ex Münchh), castanheiro (*Castanea sativa* Miller), carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.), sobreiro (*Quercus suber* L.), amieiro (*Alnus glutinosa* (L.) Gaertner), borrazeira-preta (*Salix atrocinerea* Brot.), mimosa (*Acacia dealbata* Link), australia (*Acacia melanoxylon* R. Br.) freixo (*Fraxinus angustifolia* Vahl), e falsa-acácia (*Robinia pseudoacacia* L.).
- As **ranunculáceas**: ranúnculo-bulboso (*Ranunculus bulbosus* L. subsp. *aleae* (Willk.) Rouy & Fouc.), ficária (*Ranunculus ficaria* L.), erva-belida (*Ranunculus repens* L.), bugalho (*Ranunculus muricatus* L.) e *Thalictrum speciosissimum* L..
- As **papaveráceas**: *Ceratocarpus claviculata* (L.) Lidén, erva-das-verrugas (*Chelidonium majus* L.), *Fumaria bastardii* Boreau, erva-pombinha (*Fumaria capreolata* L.), e erva-molarinha (*Fumaria muralis* Sonder ex Koch).

- As **cariofiláceas**: a arenária (*Arenaria montana* L.), *Cerastium glomeratum* Thuill., araniços (*Illecebrum verticillatum* L.), saboneteira (*Polycarpon tetraphyllum* (L.) L.), nariz-de-zorra (*Silene gallica* L.), assobio (*Silene latifolia* Poirét), *Stellaria holostea* L. e morugem (*Stellaria media* L.).
- As **poligonáceas**: sempre-noiva (*Polygonum aviculare* L.), mal-casada (*Polygonum lapathifolium* L.), erva-pessegueira (*Polygonum persicaria* L.), azeda (*Rumex acetosa* L.), catacuzes (*Rumex bucephalophorus* L. subsp. *gallicus* (Stein h.) Rech. Fil.), labação-ordinária (*Rumex conglomeratus* Murray), labação-obtusa (*Rumex obtusifolius* L.) e labação-sinuada (*Rumex pulcher* L. subsp. *Woodsii* (de Not.) Arcangeli).
- As **urticáceas**: parietaria (*Parietaria judaica* L.), lágrimas-de-anjo (*Soleirolia soleirolii* (Req.) Dandy), e urtigão (*Urtica dioica* L.).
- As **cistáceas**: saganho (*Cistus psilosepalus* Sweet) e piloto (*Halimium lasianthum* (Lam.) Spach subsp. *Alyssoides* (Lam.) Greuter).
- As **crucíferas**: bolsa-do-pastor (*Capsella bursa-pastoris* (L.) Medicus), *Cardamine flexuosa* With., e o saramago (*Raphanus raphanistrum* L.).
- As **ericáceas**: medronheiro (*Arbutus unedo* L.), queiró (*Calluna vulgaris* (L.) Hull), urze-branca (*Erica arborea*), lameirinha (*Erica ciliaris* L.) e torga (*Erica cinerea* L.).
- As **leguminosas**: ranha-lobo (*Genista triacanthos* Brot.), *Lotus hispidus* Desf., erva-coelheira (*Lotus uliginosus* Schkuhr), luzerna-preta (*Medicago lupulina* L.), carrapiço (*Medicago polymorpha* L.), serradela-brava (*Ornithopus compressus* L.), trevo-amarelo (*Trifolium campestre* Schreber), trevo-amarelo-menor (*Trifolium dubium* Sibth), trevo-aglomerado (*Trifolium glomeratum* L.), trevo-dos-prados (*Trifolium pratense* L.), trevo-rasteiro (*Trifolium repens* L.), trevo-subterrâneo (*Trifolium subterraneum* L.), tojo-arnal (*Ulex europaeus* L. subsp. *latebracteatus* (Mariz) Rothm.), e o tojo-molar (*Ulex minor* Roth).
- As **geraniáceas**: agulheira-moscada (*Erodium moschatum* (L.) L'Her.), coentrinho (*Geranium dissectum* L.), bico-de-pomba-menor (*Geranium molle* L.), erva-roberta (*Geranium purpureum* Vill.) e (gerânio-peludo (*Geranium rotundifolium* L.)
- As **umbelíferas**: erva-sarneira (*Angelica sylvestris* L.), rabaça (*Apium nodiflorum* (L.) Lag.), salsa-de-burro (*Chaerophyllum temulentum* L.), erva-coentrinha (*Daucus carota* L. subsp. *maritimus* (Lam.) Batt.), canabraz (*Heracleum sphondylium* L.), embude (*Oenanthe crocata* L.) e bruco (*Peucedanum lancifolium* Lange).
- As **boragináceas**: soagem (*Echium plantagineum* L.), marcavala-preta (*Echium rosulatum* Lange), erva-das-sete-sangrias (*Lithodora prostata* (Loisel.) Griseb.), *Omphalodes nitida* Hoffmans. & Link, miosótis-azul (*Myosotis ramosissima* Rochel) e olho-de-gato (*Pentaglottis sempervirens* (L.) Tausch ex L. H. Bailey).
- As **labiadas**: clinopódio (*Clinopodium vulgare* L.), chucha-pitos (*Lamium maculatum* L.), marroio-de-água (*Lycopus europaeus* L.), erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.), mentrasto (*Mentha suaveolens* Ehrh.), erva-férrea (*Prunella vulgaris* L.) e escorodónia (*Teucrium scorodonia* L.).

- As **escrofuláceas**: ruínas (*Cymbalaria muralis* P. Gaertner, B. Meyer & Scherb.), dedaleira (*Digitalis purpurea* L.), ansarina-dos-campos (*Linaria spartea* (L.) Willd.), esporas-bravas (*Linaria triornithophora* (L.) Willd.), escrofulária (*Scrophularia balbissi* Hornem), erva-do-mau-olhado (*Scrophularia scorodonia* L.), erva-longa (*Sibthorpia europaea* L.), verbasco (*Verbascum thapsus* L. subsp. *crassifolium* (Lam.) Murb.), verónica-dos-campos (*Veronica arvensis* L.) e verónica-da-pérsia (*Veronica persica* Poiret).

- As **compostas**: tripa-de-ovelha (*Andryala integrifolia* L.), artemísia (*Artemisia vulgaris* L.), erva-rapa (*Bidens frondosa* L.), cardo-azul (*Carduus tenuiflorus* Curtis), pampilho-de-micão (*Coleostephus myconis* (L.) Reichenb. Fil.), *Coniza albida* Willd. ex Sprengel, almeirão-branco (*Crepis capillaris* (L.) Wallr.), margaça (*Chamaemelum mixtum* (L.) All.), macela (*Chamaemelum nobile* (L.) All.), vitadinia-das-floristas (*Erigeron karvinskianus* DC.), trevo-cervino (*Eupatorium cannabinum* L.), *Filaginella uliginosa* (L.) Opiz, *Galinsoga ciliata* (Rafin) S. F. Blacke, erva-da-moda (*Galinsoga parviflora* Cav.), alface-brava-menor (*Lactuca serriola* L.), labresto (*Lapsana communis* L.), rapa-saias (*Picris hieracioides* L. subsp. *longifolia* (Boiss. & Reuter) P. D. Sell), perpétua-silvestre (*Pseudognaphalium luteo-album* (L.) Hilliard & B. L. Burt), erva-loira-de-flor-grande (*Senecio lividus* L.), tasneirinha (*Senecio vulgaris* L.), serralha-áspera (*Sonchus asper* (L.) Hill.), serralha-macia (*Sonchus oleraceus* L.), matricária (*Tanacetum parthenium* (L.) Schultz Bip.) e dente-de-leão (*Taraxacum gr. officinale* Weber).

- As **gramíneas**: erva-fina (*Agrostis castellana* Boiss. & Reuter), erva-sapa (*Agrostis curtissi* Kerguelén), *Agrostis x fouilladei*, balanquinho (*Arrhenatherum elatius* (L.) Beauv. Ex J. C. Presl. subsp. *bulbosum* (Willd.) Schübler & Martens), aveia-barbada (*Avena barbata* Pott ex Link), aveião (*Avena sterilis* L.), *Brachypodium pinnatum* Beauv., braquipódio-bravo (*Brachypodium sylvaticum* (Hudson) Beauv.), bole-bole-maior (*Briza maxima* L.), bole-bole-menor (*Briza minor* L.), espigão (*Bromus diandrus* Roth), bromo-doce (*Bromus hordeaceus* L.), panasco (*Dactylis glomerata* L.), *Danthonia decumbens* (L.) DC., milhã-pé-de-galo (*Echinochloa crus-galli* (L.) Beauv.), azevém-baboso (*Glyceria declinata* Bréb.), erva-lanar (*Holcus lanatus* L.), erva-molar (*Holcus mollis* L.), cevada-de-rato (*Hordeum murinum* L. subsp. *leporinum* (Link) Archangeli), azevém-aristado (*Lolium aristatum* (Willd.) Lag.), azevão (*Lolium multiflorum* Lam.), azevém (*Lolium perenne* L.), graminhão (*Paspalum paspalodes* (Michx) Scribner), caniço-malhado (*Phalaris arundinacea* L.), cabelo-de-cão (*Poa annua* L.), poa-comum (*Poa trivialis* L.), polipogom-viçoso (*Polypogon viridis* (Gouan) Breistr.), *Pseudarrhenatherum longifolium* (Thore) Rouy e *Vulpia muralis* (Kunth) Nees.

- As **liliáceas** cravo-do-monte (*Simethis mattiazzii* (Vand.) Sacc.), o lírio-dos-charcos (*Iris pseudoacorus* L.), as **ciperáceas** *Carex muricata* L. subsp. *lamprocarpa* Celak, *Carex pilulifera* L., junção (*Cyperus eragrostis* Lam.) e juncinha (*Cyperus esculentus* L.), as **juncáceas** junco-dos-sapos (*Juncus bufonius* L.), junco-dos-prados (*Luzula campestris* (L.) DC.) e *Luzula multiflora* (Retz.) Lej., as **rubiáceas** amor-de-hortelão (*Galium aparine* L.), *Galium mollugo* L. e *Galium palustre* L., as **caprifoliáceas** madressilva (*Lonicera periclymenum* L.) e sabugueiro (*Sambucus nigra* L.).

- E **ainda**: erva-dos-cancros (*Phytolacca americana* L.), *Atriplex prostrata* Boucher ex DC, catassol (*Chenopodium album* L.), *Amaranthus deflexus* L., *Amaranthus hybridus* L., *Hypericum linariifolium* Vahl, malvão (*Lavatera cretica* L.), *Viola riviniana* Reichenb., norça-branca (*Bryonia dioica* Jacq.), *Sesamoides suffruticosa* (Lange) Kuntze, salgueirinha (*Lythrum salicaria* L.), *Epilobium obscurum* Schreber, *Epilobium parviflorum* Schreber, erva-bonita (*Epilobium tetragonum* L.), ésula-redonda (*Euphorbia peplus* L.), amieiro-negro (*Frangula alnus* Miller), *Oxalis corymbosa* DC., campainhas (*Campanula lusitanica* L.), tanchagem (*Plantago major* L.), lentilhas-de-água (*Callitriche stagnalis* Scop.), erva-da-fortuna (*Tradescantia fluminensis* Vell.), hera (*Hedera helix* L.), trepadeira-das-balças (*Calystegia sepium* (L.) R. Br.) e a corriola (*Convolvulus arvensis* L.).

Apesar de nas últimas décadas a poluição ter aniquilado a grande riqueza piscícola do rio Ave, noutros tempos o rio era rico em peixe. Segundo as Inquirições Afonsinas de 1258, o rei tinha direito a metade de todas as lampreias pescadas no rio Ave (Pimentel, 1902). No século XVIII, havia fartura de **peixe** no rio Ave, pescando-se sáveis e lampreias principalmente até Areias (Santo Tirso), mas às vezes as lampreias conseguiam subir o rio Ave até Vila das Aves, e abundavam as bogas, os barbos, os escalos e as trutas. Os açudes eram utilizados como pontos de pesca, e havia mesmo queixas de que o padre de Fradelos (em Vila Nova de Famalicão na margem oposta a Guidões, Trofa), usava umas engenhocas que capturavam quase todas as lampreias, o que reduzia imenso o número de peixes que conseguia subir o rio mais a montante (Silva, 1981).

Na **fauna** piscícola do rio Ave destaca-se a presença confirmada da enguia, presumindo-se ainda que ocorra a presença de espécies como a solha, a tainha, o peixe-galo, o robalo e o esgana-gato (INAG, 2000). Os ciprinídeos como as carpas, barbos, bogas e escalos, sendo menos exigentes em oxigénio e mais tolerantes a cargas orgânicas mais elevadas, são mais abundantes nos troços médios e inferior do rio, ao contrário do que se verifica no troço superior, onde os salmonídeos dominam (Vale do Ave, 2001). Já na caracterização ecológica das águas do rio Ave, a zona de Ciprinídeos (abrange a área incluída na AMP) era caracterizada por elevados teores de nutrientes, abundância de fitoplâncton e de pigmentos detriticos, elevada densidade de zooplâncton, macroinvertebrados bênticos indicando existência de poluição moderada a muito forte e ciprinídeos abundantes embora ausentes da proximidade da descarga de efluentes e ausência de trutas (Araújo, 1990).

Já quanto à **avifauna**, no estuário do rio Ave foi confirmada a presença de borrelhos (*Charadrius* sp.) gaivotas e guarda-rios (*Alcedo atthis*) (INAG, 2000). O pato-real (*Anas platyrhynchos*) também é muito comum no rio Ave (avistamento durante saídas de campo).

Em Santo Tirso, na área onde se encontra o Monte de Nossa Senhora da Assunção foram inventariadas 58 espécies de aves, 11 espécies de mamíferos, 10 de anfíbios, 4 de répteis e 5 de peixes (Oliveira *et al*,

1999). Já no concelho da Trofa no Parque das Azenhas, foram inventariadas espécies da avifauna importantes como a águia-de-asa-redonda, a graça-real, o gavião e o falcão-peregrino, enquanto nos mamíferos registam-se entre as mais importantes o coelho-bravo, a lebre, a raposa e o texugo, nos anfíbios abundam as rãs e nos répteis, destacam-se o sardão e a cobra-de-água (<http://www.turismoave.com>). No concelho da Póvoa de Varzim, nas freguesias mais afastadas do litoral, ainda há perdizes (*Alectoris rufa*), coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) e codornizes (*Coturnix coturnix*) entre outras espécies cinegéticas (Borges, 2003).

Actualmente, na área da Cidade de Terroso, após uma intervenção de forma a eliminar os eucaliptos e espécies exóticas e/ou infestantes e promoção de espécies autóctones como carvalhos, verifica-se uma maior diversidade faunística, particularmente ao nível da avifauna. Registrando-se cada vez mais um maior número de espécies, residentes e migradoras (Gomes & Carneiro, 2005):

- **Muito abundante** como o pardal-comum (*Passer domesticus*) e a andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*), **muito frequente** como o andorinhão-preto (*Apus apus*), o melro-preto (*Turdus merula*), a felosa-do-mato (*Sylvia undata*), e **frequente** como o cuco (*Cuculus canorus*), o peto-verde (*Picus viridis*), a andorinha-dos-beirais (*Delichon urbica*), a carriça (*Troglodytes troglodytes*), o pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*), a toutinegra-de-cabeça-preta (*Sylvia melanocephala*), a toutinegra-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*), a felosa-comum (*Phylloscopus collybita*), a estrelinha-real (*Regulus ignicapillus*), o chapim-preto (*Parus ater*), o chapim-azul (*Parus caeruleus*), o chapim-real (*Parus major*), o gaio (*Garrulus glandarius*), a pega (*Pica pica*), o estorninho-malhado (*Sturnus vulgaris*), o estorninho-preto (*Sturnus unicolor*), o pardal-montês (*Passer montanus*), o chamariz (*Serinus serinus*) e o verdilhão (*Carduelis chloris*). **Frequente e provável nidificante** é o pombo-torcaz (*Columba palumbus*), a rola (*Streptopelia turtur*) é uma ave **provável nidificante**, e a população de rola-turca (*Streptopelia decaocto*) está **em crescimento**.

- Já **observados frequentemente** são o gavião (*Accipiter nisus*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e a alvéola-branca (*Motacilla alba*), o rabirruivo-preto (*Phoenicurus ochuros*) é **frequente no Inverno**, o papa-moscas-cinzento (*Muscicapa striata*) é **frequente na migração outonal** e o pintassilgo (*Carduelis carduelis*) **aumenta a população no Inverno**. Já a andorinha-das-barreiras (*Riparia riparia*) tem **passagem na migração outonal**, a laverca (*Alauda arvensis*) na **migração primaveril**, tendo sido também registada a **passagem** da gaivota-argêntea (*Larus chachinans*).

- **Observação ocasional** teve a alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*), a ferreirinha (*Prunella modularis*), o cartaxo-comum (*Saxicola torquata*), a fuinha-dos-juncos (*Cisticola juncidis*), a toutinegra-real (*Sylvia hortensis*), a gralha-preta (*Corvus corone*), o tentilhão (*Fringilla coelebs*), o pintarroxo (*Carduelis cannabina*), a escrevedeira-amarela (*Emberiza citrinella*) e a cia (*Emberiza cia*).

- **Observação rara** teve o peneireiro-vulgar (*Falco tinnunculus*), o falcão-tagarote (*Falco subbuteo*), o picapau-malhado-grande (*Dendrocopos major*), o chasco-cinzento (*Oenanthe oenanthe*), o chapim-

rabilongo (*Aegithalos caudatus*), o chapim-de-poupa (*Parus cristatus*) e a trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*).

- Já a garça-boieira (*Bubulcus ibis*) foi observada em **Invernos recentes**, a cotovia-pequena (*Lullula arborea*) é uma **nidificante recente**, a poupa **tem-se vindo a tornar rara**, e houve **registos isolados** de cegonha-branca (*Ciconia ciconia*), milhano (*Milvus milvus*), noitibó (*Caprimulgus europaeus*), sendo ainda **provável a presença** a coruja-das-torres (*Tyto alba*) e o mocho-galego (*Athene noctua*), quanto ao falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) é **insuficientemente conhecido**.

Na Área-entre-Soutos (Trofa), junto ao rio Ave, foram observadas as seguintes espécies de aves: águia-de-asa-redonda, gavião, falcão-peregrino, coruja-do-mato, guarda-rios, picapau-malhado-grande, poupa, peito-verde, gralha-preta (*Corone corone*), pega-rabuda, gaio, pombo-torcaz, rola-turca, estorninho, andorinhão-preto, melro-preto, pardal-comum, tordo, andorinha-das chaminés, cotovia-pequena, andorinha-dos-beirais, cuco, trepadeira-comum, chapim-preto, chapim-real, chapim-azul, rabirruivo-preto, carriça, alvéola-branca, alvéola-cinzenta, alvéola-amarela, cartaxo-comum, pisco-de-peito-ruivo, toutinegra-de-barrete-preto, toutinegra-de-cabeça-preta, tentilhão, verdilhão, fuinha-dos-juncos, felosa-comum, rouxinol-bravo (*Cettia cetti*), chamariz, galinha-de-água, maçarico-das-rochas, garça-real, pato-real e borrelho-pequeno-de-coleira (*Charadrius dubius*). Também podem ser avistados, mais esporadicamente: a garça-branca, o pernalonga, a narceja, a perna-verde e o corvo (Santos *et al.*, 2003). Foram identificadas espécies de avifauna no âmbito do estudo da biodiversidade da BPLEDM (DRAEDM e tal., 2007, em Balazar: *Cisticola juncidis*, *Passer domesticus*, *Serinus serinus*, *Sylvia melanocephala* e *Turdus merula*, nas Bouças do Frutuoso em Vila do Conde, foram assinalados o *Buteo buteo*, *Streptopelia decaocto*, *Troglodytes troglodytes*, *Erithacus rubecula* e *Turdus merula*. Em Outeiro Maior (Vila do Conde) foram identificadas as espécies: *Streptopelia decaocto*, *Dendrocopos major*, *Cisticola juncidis*, *Turdus merula*, *Passer domesticus*, *Chloris chloris* e *Serinus serinus*. Já no vale do Vizela, abrangendo área das freguesias de Vilarinho, São Martinho do Campo, e Negrelos, foram identificados a *Delichon urbica*, *Garrulus glandarius*, *Parus major*, *Passer domesticus*, *Turdus merula* e *Upupa epops*.

Na Área-entre-Soutos (Trofa) são comuns os mamíferos: coelho-bravo, a lebre, o rato-dos-bosques (*Apodemus sylvaticus*) a toupeira, a rata-de-água (*Arvicola sapidus*) e o morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*). O texugo (*Meles meles*), a fuinha (*Martes foina*), a raposa (*Vulpes vulpes*) e o ouriço-cacheiro foram detectados e ainda é provável a presença da doninha (*Mustela nivalis*) e do toirão (*Mustela putorius*) (Santos *et al.*, 2003).

Quanto a **mamíferos** na área da cidade de Terroso, foram observados coelhos (*Oryctolagus cuniculus*), toupeiras (*Talpa occidentalis*), raposa (*Vulpes vulpes*), esquilos (*Sciurus vulgaris*), musaranhos (*Sorex* sp), ouriços-cacheiros (*Erinaceus europaeus*), morcegos, em relação aos **batráquios** surge o sapo-

comum (*Bufo bufo*), a salamandra-comum (*Salamandra salamandra*) e nos répteis as lagartixas (*Podarcis bocagei*) (endemismo do Noroeste peninsular), licranços tridáctilos (*Chalcides chalcides*), lagarto-ocelado (*Lacerta lepida*), a cobra-bastarda (*Malpolon monspessulanus*) e a cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*) (Gomes & Carneiro, 2005).

Junto à ponte D. Zameiro, que liga as freguesias da Macieira da Maia a Bagunte, na margem esquerda do rio Ave, em Cavadas, um local referenciado na campanha dos 50 espaços verdes do Campo Aberto, foram identificados, pelo CIBIO-UP, algumas espécies de morcegos, o *Pipistrellus pygmaeus*, o *Pipistrellus kuhli*, o *Nyctalus leisleri*, o *Eptesicus serotinus* e o *Barbastella barbastellus* (uma das mais raras da Europa) (www.campoaberto.pt).

Nos répteis e anfíbios foram detectados na Área-entre-Soutos (Trofa) o sapo-comum, o licranço, o sardão, a lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*), o lagarto-de água (*Lacerta schreiberi*), a cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*) e a cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*) (Santos *et al.*, 2003). Já em Monte Córdova, no monte de N.^a S.^a Assunção foram identificados em visita de campo, os tritões (*Triturus boscai* e *Triturus marmoratus*), a salamandra (*Salamandra salamandra*) e a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*). O lagarto-de-água está presente nos vales do Ave e do Este (DRAEDM *et al.*, 2007).

O rio Péle, desagua na margem direita do Ave, na freguesia de Palmeira, Santo Tirso um pouco a jusante da A3. Na sua foz, passa a linha de caminho de ferro que liga a Trofa a Santo Tirso e a cerca de 250 metros a montante encontra-se a ponte do arquinho. A montante desta ponte o rio Péle apresenta uma galeria ripícola muito bem estruturada, no entanto a água do rio aparenta estar poluída. Surgem alguns campos agrícolas abandonados, alguns já invadidos por matos e foram observados rebanhos de cabras e ovelhas a pastar em campos limítrofes do rio. A cerejeira (*Prunus avium*), surgem nas bordaduras dos campos. Nesta zona foi observada uma ave de rapina a planar, presumindo-se que fosse um *Buteo buteo*. Em Real junto da ponte que cruza o rio, na rua Albino Sousa Cruz, existe um moinho na margem direita do rio, já em ruína e quintas com pomares.

Acessibilidades

O rio Ave localiza-se numa zona com facilidade de acessos de que se destaca a linha de metro do Porto (vermelha) que serve a Póvoa de Varzim, que serve a zona da foz do rio e a linha de caminho de ferro do Minho, a linha de Braga que cruza o rio Ave na Trofa e a linha de Guimarães que acompanha a margem direita do rio Ave entre a Trofa e Vila das Aves e a margem direita do rio Vizela. As auto-estradas A3 (que liga Porto-Valença e que cruza o rio Ave entre Trofa e Santo Tirso) e A28 (que liga Porto a Caminha e

que cruza o rio Ave a montante de Vila do Conde), são as vias rodoviárias rápidas que ligam o Porto ao vale do Ave. As estradas nacionais nº13 e nº14 que ligam Porto ao Norte litoral e Porto a Braga, também são opções para aceder ao vale do Ave. A estrada nacional 104 acompanha grande parte do vale do Ave na margem esquerda entre Santo Tirso e Vila do Conde, em alguns locais aproxima-se bastante do leito do rio Ave.

Aves (Santo Tirso) localiza-se entre o rio Vizela e rio Ave, na margem esquerda deste, no extremo nordeste do concelho de Santo Tirso. Pertencia à Casa de Bragança, tendo em 1640 com a subida ao trono de D. João IV entrado na posse real. Pertenceu ao julgado de Vermoim e posteriormente ao concelho de Vila Nova de Famalhão, desde 1879 por pedido da população que faz parte do concelho de Santo Tirso (www.cm-stirso.pt). Data de 1845 a instalação da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela (Páginas Verdes, 1990). Antigamente, Vila das Aves chamava-se São Miguel-entre-Aves, já que o Vizela chamava-se «Ave pequeno» ou «Avicella» (Pimentel, 1902).

Rebordões (Santo Tirso), localiza-se na margem esquerda do rio Ave e no século XIX já possuía inúmeros teares manuais. Em 1225 pertencia ao couto do Mosteiro de Santo Tirso, tendo de 1836 a 1838 pertencido ao concelho de Rebordões, de 1838 a 1855 fez parte do concelho de S. Tomé de Negrelos e desde 1855 que faz parte do concelho de Santo Tirso. No património histórico edificado destaca-se a Capela da Senhora do Parto (propriedade privada), a Capela de Mouriscos e a Ponte Romana (degradada). Rebordões, o nome terá origem etimológica em «lugar silvestre» (Pimentel, 1902).

Burgães (Santo Tirso), localiza-se na margem esquerda do rio Ave, na encosta do Monte Córdova. Burgães, segundo Pinho Leal derivaria do plural de burgo, mas o mais certo é que tenha origem em “burgaus” que significa pedras soltas (Pimentel, 1902). Até 1836, a freguesia pertenceu quase na sua totalidade ao extinto concelho de Refojos de Riba d’Ave, de 1836 a 1839 pertenceu ao concelho de S. Tomé de Negrelos, tendo sido incorporada definitivamente no concelho de Santo Tirso em 1839 (www.cm-stirso.pt). Metade de Burgães e de Monte Córdova, pertenciam ao concelho de Refojos, pertencendo a outra parte do território ao couto de Santo Tirso, território privilegiado dos frades do Mosteiro de São Bento (Correia, 1999). Merecem destaque a característica aldeia de Santa Cruz, com a sua capela com um bom trabalho de talha policromada e dourada, o Monte de São João do Carvalhido (miradouro sobre a veiga do rio Ave), e as casas brasonadas setecentistas do Outeiro e do Soutinho (Páginas Verdes, 1990). Em Burgães, segundo as inquirições de 1220 já existiam duas ermidas, havendo a certeza de que uma seria em Santa Cruz e a outra talvez fosse onde é a actual capela velha. Segundo o registo do Tombo de Burgães, que data de 1537, já existiria a devoção à Nossa Senhora da Assunção (Correia, 1999). O Parque Urbano da Rabada situa-se nesta freguesia.

Monte Córdova (Santo Tirso), antigamente estava dividido em Monte Córdova do Monte (pertença de Refojos) e Monte Córdova da Ribeira (pertença do mosteiro) (Correia, 1999). Monte Córdova, segundo Pinho Leal, a origem etimológica da palavra quer dizer monte côncavo (Pimentel, 1902). É berço de um rio, o Leça, e de um santo, São Rosendo (em Sá). (Pimentel, 1902). São Rosendo foi baptizado na igreja do Salvador (já desaparecida), no alto do Monte Córdova (Pimentel, 1902). A romaria da Senhora de Valinhas, em Monte Córdova, era um acontecimento religioso de grande importância para as gentes de Santo Tirso, já que é referido que Santo Tirso ficava praticamente abandonado no dia da romaria (Pimentel, 1902).

Santo Tirso (Santo Tirso), localiza-se na margem esquerda do rio Ave. Nesta cidade foi fundado, junto ao rio Ave, no ano de 978 um Mosteiro Beneditino que foi extinto em 1834 (Páginas Verdes, 1990). D. Sueiro Mendes (irmão de Gonçalo Mendes da Maia, o lidador), doou o couto de Santo Thyrsos ao mosteiro beneditino, definindo a localização do mesmo no lugar de Moraria, perto do rio Ave, no sopé de Monte Córdova (Pimentel, 1902).

Com a extinção do Mosteiro, o couto passou a denominar-se concelho de Santo Tirso, vindo a integrar freguesias que pertenciam a outros concelhos e julgados. Esta povoação teve origem na aldeia de Cidenai, que a partir do século XVIII, evoluiu rapidamente tendo atingido o estatuto de vila em 1863 e expandiu-se englobando terras vizinhas. A padroeira é Santa Maria Madalena (<http://www.cm-stirso.pt/>; Páginas Verdes, 1990). Em Santo Tirso, já no final do século XIX e início do século XX, junto à azenha da ponte, armavam-se as barracas para os banhistas e acima do açude realizavam-se regatas no rio Ave (Pimentel, 1902).

O Conde de São Bento, de seu nome Manoel José Ribeiro, nasceu a 28 de Agosto de 1807 em Vila das Aves tendo emigrado para o Brasil onde enriqueceu em 1818, de onde regressou definitivamente à pátria em 1874. Foi um grande benemérito de Santo Tirso, principalmente por ter adquirido a casa e a quinta do mosteiro em 1882 e tê-la oferecido à Misericórdia local, foi elevado ao estatuto de conde em 1886 (Pimentel, 1902). A este benfeitor se deve também a construção da Escola Primária de Santo Tirso, em 1886; o primeiro Hospital do concelho, a primeira grande empresa industrial – a Fábrica de Santo Tirso – a doação de terrenos para a construção do Parque Dona Maria II; contribuiu para as inúmeras igrejas e capelas espalhadas por todo o concelho, tendo a acção benemérita do Conde extravasado as fronteiras do seu concelho natal (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf).

Quanto a festas e romarias, em Santo Tirso celebra-se o dia do Santo Mártir Tirso a 28 de Janeiro, o São Bento a 11 de Julho, o Sanguinhedo no último fim-de-semana de Julho e o São Bartolomeu a 24 de Agosto.

Sequeiró (Santo Tirso), localiza-se na margem direita do rio Ave, sendo o seu povoamento bastante remoto como asseveram as **ruínas castrejas do Monte dos Saltos**. Desde 1836 que pertence ao

concelho de Santo Tirso, tendo anteriormente pertencido ao couto e concelho de Landim (www.cm-stirso.pt). O território localizado entre o rio Péle e o rio Ave constituía uma unidade agrícola chamada *Vila Nandim* (Correia, 1989). O Senhor do Padrão, no lugar de Gomariz, onde em 1752 nasceu uma fonte considerada milagrosa (Páginas Verdes, 1990). No centro da freguesia mantêm-se grandes propriedades agrícolas como são o caso das Quintas do Jardim, do Rosal, de Gondarim, de Portos, do Ribeiro, do Passal e do Reis. A festa religiosa de Nossa Senhora dos Remédios realiza-se no último fim-de-semana de Julho e a festa religiosa de São Martinho é a 11 de Novembro (Páginas Verdes, 1990).

Lama (Santo Tirso), localiza-se na margem direita do rio Ave e foi pertença da Casa de Bragança, até 1836 pertenceu ao couto e concelho de Landim, tendo transitado nessa data para o concelho de Santo Tirso. A **Casa de Barrimau** é uma interessante casa brasonada existente na freguesia (www.cm-stirso.pt; Páginas Verdes, 1990). Lama, anteriormente pertencia a São Tiago de Landim, tendo o nome derivado da constituição da freguesia no lugar de Lama (um hidrónimo) (Correia, 1989).

Areias (Santo Tirso), localiza-se no extremo Norte do concelho de Santo Tirso na margem direita do rio Ave. Desde 1836 que pertence ao concelho de Santo Tirso, anteriormente pertencia ao concelho de Landim. Na sua área existem as **Termas das Caldas da Saúde** e no lugar da S.^a da Torre junto do rio Ave, junto das ruínas de um castro existe a **capela e o miradouro da Senhora da Torre** (www.cm-stirso.pt). Na Torre existiu um castro romanizado, onde em escavações foram encontrados objectos do período neolítico (Correia, 1989). Nesta capela existe a imagem da Senhora que presume-se date do século XIV e ainda retábulos pintados (Páginas Verdes, 1990). A ermida da Torre (Areias) foi mandada construir no tempo do rei D. Manuel I, o qual contribuiu financeiramente para a sua edificação (Pimentel, 1902). Antigamente, Areias era chamada como São Tiago de Landim (até século XII/XIII), derivando a nova designação do facto de quando foi construída a Igreja, descobriram um lençol de areia, num antigo leito do rio Ave (Correia, 1989).

Palmeira (Santo Tirso), localiza-se na margem direita do rio Ave. Pertença da família dos Palmeiras, antecessores dos Pereiras, em meados do século XVIII este couto foi doado ao Mosteiro de Landim, tendo a partir da reforma administrativa de 1836 sido integrado no concelho de Santo Tirso (Páginas Verdes, 1990). No património edificado salienta-se a Quinta dos Frades do Convento de Coimbra (propriedade privada). No 1.º domingo de Agosto realiza-se a romaria a Santa Eulália. A quinta dos Cónegos de Landim, junto ao rio Ave, em Palmeira (Santo Tirso) (Santarém, 1956).

O rio Ave tem 12 km de extensão no concelho da **Trofa**, sendo representado no brasão do município da Trofa, assim como os outros cursos de água: rio "Mamao" (Vale do Coronado), rio Covelas, rio da Aldeia (atravessa Alvarelhos e Guidões). No século XVIII, quando as freguesias da Trofa ainda faziam parte das

Terras da Maia, nas memórias paroquiais, refere-se os rios Ave e Leça, as serras de Covelas e Cidai e o Vau (Santiago de Bougado) ou ponte da Lagoncinha (Lousado) (travessias da estrada Porto-Braga) (<http://www.mun-trofa.pt/caracterizacao/historia.html>). Em 1835 as freguesias (que compõem o concelho da Trofa desde 1998) foram incorporadas no concelho de Santo Tirso aquando da reforma administrativa. O nome Trofa vem do árabe Tarufa ou Tarifa que significa *coisa extrema, final, última*, ou seja a última localidade antes de atravessar o rio Ave (Silva, 1981).

O rio Ave também foi palco de episódios das invasões francesas, em 1809 as tropas francesas comandadas pelo general Sault, ao prepararem o ataque à cidade do Porto, formaram três colunas, tendo a do meio o objectivo de atravessar o rio no lugar do Vau e na Barca da Trofa, mas devido à feroz resistência das populações locais, apenas conseguiu atravessar o rio Ave mais a montante na ponte da Lagoncinha (<http://www.mun-trofa.pt/caracterizacao/historia.html>).

São Martinho de Bougado (Trofa), com uma área de 12,96 km², forma com Santiago de Bougado a cidade da Trofa. A Superfície agrícola utilizada (dados de 1999) é de 225 ha. A ocupação humana do território remonta pelo menos à Idade do Bronze, tendo sido achados no lugar da Abelheira 34 machados de Bronze, as mamoas que existiam entretanto foram destruídas. A **capela da Nossa Senhora das Dores**, que data de 1879, situa-se no Monte da Carriça, e serve como palco para a romaria que se realiza todos os anos no terceiro domingo de Agosto (<http://www.mun-trofa.pt/>), sendo notável pelos seus enormes e típicos andores, que são os maiores de Portugal (Páginas Verdes, 1990). O **Cruzeiro de São Martinho** (1622) e as **Alminhas de Ervosa** (1772) são outro património religioso que merece destaque e a memória da antiga ponte pênsil da Trofa (1858-1935) permanece nos painéis de azulejo na Casa Lagoa no parque Dr. Lima Carneiro (<http://www.mun-trofa.pt/>).

Santiago de Bougado (Trofa), com uma área de 15,86 km² compõe com São Martinho de Bougado a cidade da Trofa. Possui uma superfície agrícola utilizada de 493 ha (dados de 1999). Anteriormente a povoação era designada por "Terras do Porto" e também é conhecida por Vale de Bougado. A ocupação do território, data, segundo alguns documentos do período megalítico, e há autores que defendem a existência de um castro no **Monte Cidai**. Da época da ocupação romana destaca-se os dois **marcos miliários** (Casa da Cultura da Trofa). No património religioso destaca-se: a igreja matriz cuja construção data de 1754, e cujo projecto é atribuído a Nicolau Nasoni, a **capela de Nossa Senhora do Desterro** (data de 1649), a **capela de Nossa Senhora da Livração** cuja construção remonta a 1803, a **capela de Santa Luzia** (referenciada desde 1678) e a **capela de S. Gens de Cidai** no monte de São Gens de Cidai. A **Azenha de Bairros**, localizada nesta freguesia é a única em funcionamento no concelho da Trofa. **Guidões (Trofa)**, é a freguesia mais a jusante do concelho da Trofa, na margem esquerda do rio Ave, sobre a vertente nascente do Monte de Santa Eufémia. Possui apenas 4,16 km² de superfície. Já no século XIII, aparece referida como "Gidões", mais tarde no século XIV chamavam-lhe "Guydões" e em

1542 surge o nome definitivo, que se mantém até aos dias de hoje. De vocação rural com 84 ha de Superfície agrícola utilizada (dados de 1999) (<http://www.mun-trofa.pt/>), teve até há poucos anos uma indústria com certa importância de tecidos de lã (Páginas Verdes, 1990). Em Guidões, eram famosos os tecidos de lã as «baetas da Carriça», existiam vários pisões de lã na Ribeira da Aldeia, um afluente do Ave (Pimentel, 1902).

Alvarelhos (Trofa), situa-se na margem esquerda do rio Ave, a sul da freguesia de Guidões. Tem uma superfície total de 6,46 km², sendo a Superfície agrícola utilizada de 189 ha (dados de 1999) (<http://www.mun-trofa.pt/caracterizacao/freguesias.html>). No seu património destacam-se o Castro de Alvarelhos, a quinta do Paço, o Monte de Santa Eufémia e a igreja paroquial (seiscentista) (Páginas Verdes, 1990).

Fornelo (Vila do Conde), situa-se na margem esquerda do rio Ave, onde funcionavam até há pouco tempo um grande número de azenhas, que possuíam um valor económico e social para uma freguesia onde imperava a agricultura e pecuária. O aproveitamento da floresta que ocupa uma área significativa da freguesia (produção de carvão em fornos de terra), terá dado o nome à freguesia, já que etimologicamente Fornelo advém de «forno pequeno». O povoamento do território remonta pelo menos ao neolítico (foram encontrados artefactos), a freguesia surge referida em documentos do século X (www.jfornelo.pt.tl/). Possui uma área de 5,64km², e a agricultura e pecuária ainda são importantes na economia local. Do património construído na freguesia, destaca-se a nível religioso a **Capela de Nossa Senhora da Saúde** e a Igreja Paroquial, enquanto como património civil destaca-se a **Fonte de Lama** (monumento romano), os **Pelourinhos do Padrão de Azevedo, de Vila Verde e de Fonte de Olival** (www.jfornelo.pt.tl/). As principais festas e romarias de Fornelo são: a Nossa Senhora da Saúde a 15 de Agosto, o S. Martinho (padroeiro) a 11 de Novembro e o Santo António a 13 de Junho. No artesanato local destaca-se as mantas de lã (www.jfornelo.pt.tl/).

Macieira da Maia (Vila do Conde), com uma área de 5,26 km² localiza-se na margem esquerda do rio Ave. O nome "Macieira" tem origem no baixo latim e significa "maça" e a "Maia" deve-se ao facto desta povoação ter pertencido às Terras da Maia. Aqui encontra-se a **ponte D. Zameiro** ou ponte d'Ave e azenhas ao longo do rio Ave (www.viladoconde.org/). Data do ano de 974 a mais antiga referência documental à freguesia de São Salvador de Macieira, e em 1519 foi abrangida pelo foral da Maia atribuído pelo rei D. Manuel I, tendo incorporado o concelho de Vila do Conde em 1836 (Vila do Conde, 1995). A festa do **Santíssimo Sacramento** realiza-se no **1.º domingo de Julho**, sendo o padroeiro da paróquia o Divino Salvador. Na segunda-feira de Páscoa realiza-se a **Feira da Páscoa**. Os trabalhos em linho são o principal produto artesanal (www.viladoconde.org/). A **Capela de N.ª S.ª da Lapa (Macieira**

da Maia), em 1952 foi transferida para a sua localização actual no Largo do Vilarinho (Vila do Conde, 1995).

Tougues (Vila do Conde), situa-se na margem esquerda do rio Ave e pertence ao concelho de Vila do Conde desde a reforma administrativa de 1836. Data de 1067 a mais antiga referência documental a Tougues, tendo sido abrangida pelo foral da Maia atribuído por D. Manuel I em 1519. A agricultura e os lacticínios são importantes actividades económicas (www.viladoconde.org/). No património local destaca-se a igreja paroquial, a capela e largo do Senhor do Padrão e a Casa do Cruzeiro (www.viladoconde.org/). As festas e romarias realizadas nesta freguesia são as seguintes: a de S. Vicente (padroeiro) no domingo seguinte a 22 de Janeiro, a do Santíssimo Sacramento no 1.º domingo de Julho e a do Senhor do Padrão no último domingo de Julho (www.viladoconde.org/).

Retorta (Vila do Conde), situa-se na margem esquerda do rio Ave, a cerca de 2 km da sede de concelho. A referência documental mais antiga a esta freguesia data do ano de 1088, embora a existência de um castro comprove uma ocupação territorial muito mais antiga. A agricultura, pecuária e os lacticínios ainda são actividades económicas importantes em Retorta. As principais festas e romarias realizadas são a de Santa Luzia e a de Santa Marinha (Padroeira) em Julho. São notáveis as azenhas na margem do rio Ave (www.viladoconde.org/).

Azurara (Vila do Conde), situa-se na margem esquerda do rio Ave, que a separa do centro da cidade de Vila do Conde. A igreja matriz (estilo manuelino) que está classificada como monumento nacional, o mosteiro de S. Donato, a capela de S. Sebastião, são o mais importante património da freguesia. Ainda resiste a agricultura e a pecuária, e as principais romarias são a de Nossa Senhora das Neves de 4 a 7 de Agosto e a de S. Donato em 23 e 24 de Setembro (www.viladoconde.org/).

Árvore (Vila do Conde), situa-se a sul das freguesias da Retorta e Azurara, e apesar de não confrontar com o rio Ave está muito próxima do rio. A agricultura e a pecuária, principalmente a direccionada para os lacticínios tem uma forte presença. No património edificado na freguesia destaca-se a igreja paroquial, o pelourinho e a capela da Senhora de Fátima, no 2.º domingo de Agosto realiza-se a festa do Divino Salvador (orago da paróquia) (www.viladoconde.org/).

Ferreiró (Vila do Conde), localiza-se na margem direita do rio Ave, o seu povoamento remonta a épocas distantes como comprova a existência de uma necrópole. Faz parte do concelho de Vila do Conde desde a reforma liberal de 1836. As festas que se realizam nesta freguesia são da Santíssima Trindade em Junho e de Santa Marinha (padroeira) a 18 de Junho. No património destaca-se o Largo da Trindade e a igreja matriz (www.viladoconde.org/).

Parada (Vila do Conde), localiza-se a norte da freguesia de Ferreiró e a sua existência já está documentada numa doação do século XII feita ao mosteiro de S. Simão da Junqueira. A agricultura e pecuária são importantes actividades económicas da freguesia. A festa de Nossa Senhora de Fátima realiza-se no mês de Junho, mas o orago da paróquia é Santo André (www.viladoconde.org).

Outeiro Maior (Vila do Conde), localiza-se na margem direita do rio Ave a norte da freguesia de Parada e faz parte do concelho de Vila do Conde desde 1836, sendo já referida nas inquirições do ano 1220. Nesta freguesia localiza-se a maior parte da Casa e Quinta de Cavaleiros, uma das maiores de toda a província, que advém de um morgadio instituído em 1393 por Estêvão Ferreira e cujo nome deriva da Ordem dos Templários a quem pertencia, ficando o abade do mosteiro de Junqueira responsável pela retirada da posse da propriedade a quem não fosse Ferreira. A agricultura é uma importante actividade económica e a Casa e Quinta de Cavaleiros é um local de referência da freguesia (www.viladoconde.org).

Bagunte (Vila do Conde), com uma área aproximada de 9,3 km², localiza-se na margem direita do rio Ave. A Cidade de Bagunte, um castro tipo citânia, classificada como monumento nacional desde 1910 e a ponte românica de D. Zameiro no rio Ave são o património mais importante na área da freguesia de Bagunte, que pertence ao concelho de Vila do Conde desde 1836, tendo antes pertencido ao concelho de Barcelos. A agricultura mantém uma importância na economia local. Realizam-se em Bagunte as seguintes festas: Nossa Senhora de Fátima no domingo seguinte a 13 de Maio e festa de Nossa Senhora da Ajuda em Setembro e no último domingo de Março realiza-se a Feira do Desencouco ou do Gado (www.viladoconde.org).

Touguinhó (Vila do Conde), na margem direita do rio Ave e encostada ao rio Este, é contemporânea de Tougues e Touguinha como a etimologia dos nomes depreende. Na sua área existem duas pontes, uma ponte românica parcialmente destruída e que permite apenas a travessia pedonal durante algumas épocas do ano e outra construída no século XIX denominada Ponte d'Este, localizada a poente da ponte mais antiga. Devido à elevada fertilidade dos solos agrícolas de Touguinhó, diz-se que os abades de Tougues e Touguinha ansiando pelos elevados dízimos que a paróquia provia exclamavam:

*“Em Tougues estou
Tougues vejo
Em Touguinhó me desejo.”*

A igreja paroquial, a ponte românica e as azenhas no rio Este são o principal património construído na freguesia. Nas festas e romarias destaca-se o Santíssimo Sacramento no mês de Junho e a Nossa Senhora do Resgate em Agosto (www.viladoconde.org).

Junqueira (Vila do Conde), situa-se na margem direita do rio Ave e pertence ao concelho de Vila do Conde desde 1836. A igreja paroquial (século XVIII), o mosteiro de S. Simão da Junqueira (fundado no século XI pelo arcediogo Arias foi extinto em 1770 por bula papal), a capela da Senhora da Graça, de S. Mamede, o Solar da Espinheira são os principais elementos edificados patrimoniais da Junqueira. A Estalagem das Pulgas, no lugar do Casal do Pedro, outrora pertencente ao mosteiro, adquiriu este nome devido a uma novela de Camilo Castelo Branco “A Filha do Arcediogo”, onde o escritor relata a noite de tormentos que o arcediogo passou ali com um exército de pulgas. No património natural destaca-se a margem do rio Ave e as margens do rio Este. As festas e romarias que se realizam são as seguintes: a de S. Simão (padroeiro juntamente com S. Judas Tadeu) a 28 de Outubro, a do Santíssimo Sacramento no 1.º domingo de Junho e a Senhora da Saúde no 1.º domingo de Agosto (www.viladoconde.org).

Touguinha (Vila do Conde), localiza-se na margem direita do rio Ave a cerca de 3 km da sede do concelho. O seu território encontra-se situado entre dois castros: a cidade de Bagunte a Nordeste e o castro de S. João (na actual cidade de Vila do Conde) a Sudoeste, as primeiras referências documentais a Touguinha datam do século XI. A igreja paroquial e a Casa do Comendador são o principal património construído na freguesia, mas já existiu na freguesia um Paço Real, o Paço da Quintã, referido nas inquirições de 1220 e no lugar da Pena existe uma casa brasonada onde terá nascido Augusto Soromenho (amigo e continuador de Alexandre Herculano). A romaria a Santo António do Monte realiza-se no mês de Junho (www.viladoconde.org).

Vila do Conde (Vila do Conde), situa-se na margem direita na foz do rio Ave. No património arquitectónico da cidade merecem referência o Mosteiro de Santa Clara, o aqueduto, os Paços do Município, o Pelourinho, a Igreja de S. Francisco, a igreja matriz, a igreja da Misericórdia, a Capela de Santa Catarina, a Capela de São Roque e o Castelo de S. João Baptista. Existem ainda os museus e casas-museu, como a Casa de José Régio, o Museu de Arte Sacra, o Museu Etnográfico, o Museu do Bombeiro, o Museu das Rendas de Bilros e o Museu do Mar. As festas e romarias que se realizam nesta cidade são as seguintes: Santo Amaro em Janeiro, Nossa Senhora da Guia em Janeiro ou Fevereiro, o São Brás em Fevereiro, o Corpus Christi (sem data fixa), o São João (festas da cidade no mês de Junho), o Senhor dos Navegantes em Julho ou Agosto, a N.ª S.ª da Lapa em Agosto e a N.ª S.ª do Socorro em Agosto ou Setembro. Destacam-se ainda a Feira Nacional de Artesanato que se realiza em Agosto e a Feira Grande de Janeiro. No artesanato local merecem referência as rendas de bilros, as colheres de pau e os jugos entalhados entre outros artigos típicos artesanais (www.viladoconde.org).

Beiriz (Póvoa de Varzim), a designação desta freguesia advém de uma propriedade rústica medieval “Villa Viarizi” de que existem referências documentais do ano 1044. Esta freguesia com uma população residente de 3223 habitantes, pertenceu até 1836 ao concelho de Barcelos, tendo transitado então para o

concelho de Vila do Conde e em 1853 passou a integrar o concelho da Póvoa de Varzim. Do património cultural da freguesia destacam-se os tapetes de Beiriz, produzidos artesanalmente em teares de madeira, feitos com lã cortada e com pontos que os tornaram famosos: ponto de Beiriz, ponto de estrela e ponto zagal. Realiza-se no sétimo domingo e segunda-feira depois da Páscoa a festa de S. Gonçalo, mas o orago da freguesia é a Santa Eulália. O aqueduto de Santa Clara atravessa a freguesia (www.cm-pvarzim.pt).

Argivai (Póvoa de Varzim), esta freguesia com 2153 habitantes (censos 2001) está parcialmente encravada entre freguesias de Vila do Conde, sendo actualmente a freguesia do concelho da Póvoa de Varzim com menor área, pois a área da cidade da Póvoa (adjacente) foi destacada do seu território. É atravessada em toda a extensão pelo Aqueduto de Santa Clara (monumento nacional), que possuía 999 arcos e transportava a água de Terroso para o Mosteiro de Santa Clara em Vila do Conde, cuja construção data do início do século XVIII (www.cm-pvarzim.pt/). As principais festas e romarias são: a N.ª S.ª do Bom Sucesso que se realiza no 1ª domingo a seguir à Páscoa e o N.º Senhor dos Milagres que se realiza no 6.º domingo a seguir à Páscoa. O Orago da paróquia é S. Miguel-o-Anjo. Mantém-se a tradição poveira de realizar um grande piquenique na segunda-feira de Páscoa, o que leva a população a considerar este dia como feriado municipal. A capela de N.ª S.ª do Bom Sucesso data do século XVIII e foi a antiga matriz da Póvoa de Varzim e a igreja paroquial é dedicada ao N.º S.º dos Milagres (www.cm-pvarzim.pt/).

Póvoa de Varzim (Póvoa de Varzim), situa-se a norte do rio Ave, sendo contígua à cidade de Vila do Conde. A referência documental mais antiga data do ano de 953, com a designação de "*Vila Euracini*" de onde terá derivado o topónimo Varzim. Já em 1308, aquando da entrega do foral, o povoado de Varzim estava incluído na freguesia de Argivai, sendo a posse da terra repartida entre fidalgos (Varzim de Susão) e o rei (Reguengo de Varzim de Susão), e foi aos 54 casais instalados no território real que D. Dinis atribuiu a carta de foral e ordenou que constituíssem uma "*poboa*". Após ter sido sujeito à jurisdição do Mosteiro de Santa Clara em Vila do Conde (1318), o rei D. Manuel I atendeu as queixas dos habitantes da Póvoa de Varzim a quem atribuiu novo foral em 1514, com o qual apenas em 1537, através do retorno à posse da coroa e da anexação à comarca do Porto, permitiu a autonomia jurisdicional da Póvoa de Varzim (www.cm-pvarzim.pt/). As festas da cidade coincidem com a **festa de S. Pedro**, sendo o **dia 29 de Junho** feriado municipal. Por ser o protector dos pescadores, são famosos os tronos e as rusgas organizados por cada bairro. A festa de N.ª S.ª do Desterro realiza-se no último domingo de Abril. Todas as segundas-feiras realiza-se a Feira das Moninhas (www.cm-pvarzim.pt/).

Equipamentos

O Centro Interpretativo do Castro Monte Padrão, em Monte Córdova, que foi inaugurado a 20 de Abril de 2008.

O Pólo Museológico de Terroso, localiza-se na rua da Cidade de Terroso, dispondo o edifício de um pequeno auditório/sala de projecções e uma área de recepção onde se faz uma breve introdução ao espaço da Cidade de Terroso, uma das mais importantes estações arqueológicas da Cultura Castreja no Noroeste Peninsular. (<http://www.cm-pvarzim.pt/turismo/guia-do-concelho/o-que-visitar>).

O Pólo Museológico de S. Pedro de Rates (vestígios arqueológicos), este pólo do Museu Municipal dedica-se à preservação e divulgação da história, lenda, arte e arqueologia da Igreja Românica de S. Pedro de Rates, localizando-se no Largo Conde D. Henrique (<http://www.cm-pvarzim.pt/turismo/guia-do-concelho/o-que-visitar>).

O Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde

Museus (ADRAVE, 2003):

- Museu do Instituto Nun' Alvares (Areias, Santo Tirso) – Colégio das Caldinhas. Mostra de musgos da região e colecção de borboletas.
- Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre (Santo Tirso).
- Museu Municipal Abade Pedrosa (Santo Tirso).
- Casa de José Régio (Vila do Conde).
- **Centro Ciência Viva** (Vila do Conde), funciona na antiga cadeia cuja construção terminou em 1915, um edifício com planta dodecagonal, actualmente é um espaço de âmbito científico e educativo (JN, 21/04/2008).
- **Museu da Construção Naval em Madeira** (Vila do Conde), a Alfândega Régia está instalada junto ao rio Ave, o museu versa sobre a história do comércio por via marítima e a construção naval em madeira, existindo junto uma réplica de uma nau quinhentista (que também é museu) (JN, 21/04/2008).
- Museu das Cinzas (Arte Sacra) (Vila do Conde).

- **Museu das Rendas de Bilros** (Vila do Conde), está instalado num típico solar setecentista e além da exposição de trabalhos de rendas de bilros, no piso superior é possível observar rendilheiras a trabalhar, aí funcionando a centenária Escola de Rendas (JN, 21/04/08).
- **Museu de Arte Sacra** (Vila do Conde), funciona na igreja matriz, um edifício manuelino que possui magníficos retábulos (JN, 21/04/2008).
- Museu dos Bombeiros (Vila do Conde).

Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, na rua Visconde de Azevedo, foi fundado em 1937, e está instalado num edifício brasonado da segunda metade do século XVIII, classificado como Imóvel de Interesse Público, conhecido por Solar dos Carneiros, e que sofreu, ao longo dos anos, várias alterações de estrutura e pormenor. Possui uma grande colecção sobre a original Comunidade Piscatória Poveira (<http://www.cm-pvarzim.pt/turismo/guia-do-concelho/o-que-visitar>).

Circuitos e rotas turísticas

O Percurso n.º 1 (Trofa-Lousado-Santo Tirso), começa na ponte ferroviária que liga Trofa a Lousado, sobe a margem esquerda ao longo do rio Ave até atingir a Ponte da Lagoncinha, onde outrora existiu uma das mais aprazíveis praias fluviais, atravessa a ponte e sobe a margem direita, cruzando o rio Pelhe um afluente do rio Ave, encontrando ao longo do rio vários moinhos e azenhas, e termina na estação ferroviária de Santo Tirso. Com uma extensão de 10 km e grau de dificuldade fácil tem uma duração média de 2 horas e 30 minutos (ADRAVE, 2001).

Na Póvoa de Varzim existe o **circuito “Pequena Cadeia Montanhosa”** que abrange as freguesias de Amoriz, Beiriz, Terroso e Laúndos) e que tem como principais atracões a Igreja paroquial de Amoriz, os Tapetes de Beiriz e Trapos, a Cidade de Terroso, o Monte de São Félix e a Igreja de N.ª Senhora da Saúde (ADRAVE, 2003).

A **Rota do Património Industrial do Vale do Ave** (Rota do Património Industrial do Vale do Ave, 2002) inclui entre outros: a Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso, a Arcotêxteis – Empresa Industrial de Santo Tirso S.A., a Estação Ferroviária da Trofa, a Paulino Ferreira & Filhos Lda. (Trofa) e a Máquinas Pinheiro Lda. (Trofa).

Miradouros e vistas privilegiadas no vale do Ave (ADRAVE, 2003):

- Senhora da Torre (Areias, Santo Tirso).
- S. João do Carvalhido (Burgães, Santo Tirso).
- Monte Córdova (Monte Córdova, Santo Tirso).

- Miradouro dos Carvalhais (Santo Tirso).
- Varanda do Parque D. Maria II (Santo Tirso).
- Miradouro de Santa Eufémia (Trofa).
- Miradouro de S. Gens de Cidai (Trofa).
- Vistas do Monte de Sant'Ana (Azurara, Vila do Conde).
- Vistas da Capela de N.ª Senhora da Guia (Vila do Conde).
- Vistas da Capela de N.ª Senhora do Socorro (Vila do Conde).
- Vistas do Monte do Mosteiro de Santa Clara (Vila do Conde).

A Estação aquícola do Ave, descendo do monte de Santa Clara e seguindo a margem do rio Ave pela Avenida Figueiredo Faria, encontra-se junto ao rio Ave a **Estação Aquícola do Ave**, a montante da qual existe uma ponte que permite a passagem pedonal entre ambas as margens do rio. Actualmente funcionam ali serviços da Direcção Geral das Florestas, estando aberta ao público no horário normal de serviço da função pública. No exterior do edifício há inúmeros tanques (rectangulares e circulares) que antigamente eram usados para a criação de salmonídeos que serviam para repovoar os rios de montanha do Norte de Portugal, função que actualmente a estação já não possui. Nos tanques exteriores apenas estão espécies como carpas e outras mais comerciais, unicamente para exposição. No interior do edifício principal, nas instalações piscícolas mantém-se todo o equipamento utilizado na recolha dos ovos dos peixes, e criação dos alevins, mas que actualmente está desactivado. Nas traseiras da estação aquícola corre o rio Ave e a junto da estação existe um espaço arborizado dentro dos muros da mesma.

O **Parque de Campismo do Ave em Ferreiró**, localiza-se na margem esquerda do rio Ave, sendo o acesso a partir do centro de Ferreiró feito pela rua de Cimo de Vila e depois pela rua em terra batida, a rua da Mocha, que deve o nome à **azinha da Mocha**, a qual apenas tem acesso por um caminho privativo.

As **Termas das Caldas da Saúde (Areias, Santo Tirso)**, ou Caldinhas, localizam-se perto do rio Péle, um afluente do rio Ave. Em 1841, com fama de serem curativas as águas, foi construído uma construção de madeira e posteriormente uma construção mais sólida. Já em 1891 foi construído um edifício novo (Pimentel, 1902). Distam três quilómetros do centro da cidade de Santo Tirso, estando em funcionamento durante todo o ano, e oferecem um conjunto de tratamentos indicados para as doenças do aparelho respiratório, músculo-esqueléticas e reumáticas, anti-stress, tratamentos de beleza e bem-estar, graças às propriedades terapêuticas das suas águas. Após um período de remodelação, reabriram em 1994, mantendo a frontaria de 1891, altura em que o balneário foi construído (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf).

O **Parque D. Maria II**, na cidade de Santo Tirso virado para o rio Ave, possui plátanos, tílias e castanheiros viçosos e de grande porte bem como um lago, um coreto, um parque infantil, uma casa-de-chá, e algumas esculturas (http://www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf).

O **Parque de Lazer Quinta do Olival** (S. Mamede de Negrelos), possui uma mata de carvalhos e espécies arbóreas ripárias que pontuam os cursos de água existentes. Possui um parque de merendas, um circuito de manutenção, uma área de espectáculos, com palco e anfiteatro, e uma eira recuperada (<http://www.turismoave.com>). Localizado junto de uma escola do ensino básico, com um coberto dominante de carvalhos-alvarinhos, onde também pontuam pinheiros-bravos, sobreiros, distribuídos pelos vários patamares que constituem o parque, existindo conjuntos de mesas e bancos de piquenique. Existe um palco para espectáculos e actuações, uma rede de caminhos que percorre o parque, com iluminação.

O **Parque Urbano da Rabada**, com uma área de 96.274 m², abrange uma mata de carvalhos e sobreiros, sobranceira ao rio Ave. A 1.ª fase de intervenção, orçamentada em mais de 1.170.000 euros dotou o parque de infra-estruturas e equipamentos tais como percursos pedonais, parques de merendas, áreas de estadia, infra-estruturas de drenagem, rega e iluminação pública (www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf). Este espaço verde público está inserido na Estrutura Verde Urbana da cidade de Santo Tirso e no plano de Recuperação das Margens do rio Ave, com criação de percursos pedonais, áreas de estadia e lazer (<http://www.turismoave.com>). Localiza-se na margem esquerda do rio Ave, onde o rio faz uma curva pronunciada. Existe sinalização na EN 105 que indica a direcção do Parque, cujo acesso faz-se pela Rua da Rabada e pela Rua dos Portos. Na margem direita do rio, em frente ao parque passa a linha de caminho-de-ferro que liga Santo Tirso a Guimarães. O parque notabiliza-se pela cobertura vegetal, essencialmente constituída por carvalhos-alvarinhos e sobreiros, existindo mesmo em alguns locais uma densidade elevada, formando um bosque. O parque possui uma zona de contacto com o rio Ave de mais de 700 metros de extensão, localizando-se no extremo leste uma azenha (abandonada) e com bastante funcho (*Foeniculum vulgare*) e trevo (*Trifolium repens*) na envolvente) e um açude (em V), as margens do rio a montante apresentam uma galeria ripícola frondosa. Junto à entrada do Parque existe um amplo parque de estacionamento, e um parque de merendas, bem como um edifício de apoio, e no interior há um anfiteatro ao ar livre e bancos distribuídos pelo amplo espaço. No centro do parque foram criadas pequenas depressões que funcionam como charco, onde coaxam as rãs (rã-castanha) e pontuam o lírio-amarelo (*Iris pseudocorus*) bem como patos-reais. Ao longo da margem, cerca de uma dezena de pescadores tentavam a sua sorte, e vários patos-reais e um pato mudo descansavam na margem do rio. Actualmente estavam a decorrer obras de recuperação da rede de caminhos e de colocação de um novo sistema de drenagem e rega.

A 1ª fase do parque foi inaugurada em Outubro de 2005, estando ainda previstas para uma segunda fase do projecto, a ligação por um percurso pedonal ao centro da cidade de Santo Tirso (dista 3 km), áreas desportivas e parques infantis. A ligação pedonal vai ser feita ao logo da margem direita do rio Ave,

pretendendo a autarquia tirsense candidatar o projecto da 2.^a fase ao QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional), pelo que ainda não há data prevista para a conclusão dos trabalhos (http://jn.sapo.pt/2008/04/25/porto/novos_espacos_parque_rabada.html).

O **Parque de Lazer de Nossa Senhora da Assunção** em Monte Córdova, espaço densamente arborizado, o Monte Córdova que faz a divisória das águas dos rios Ave e Leça, e cujo horizonte abre-se para as verdejantes terras de Riba de Ave (FCG, 1985). Possui áreas de piquenique.

A câmara municipal da Trofa inclui na rede de parques concelhios alguns espaços inseridos na área do vale do Ave (Câmara Municipal da Trofa, 2008):

- o **Parque das Azenhas**, que abrange a zona ribeirinha do rio Ave de Guidões, São Martinho de Bougado e Santiago de Bougado numa extensão de 19,11 Km e com uma área total de 56,1 ha; com que se pretende *"a requalificação dos ecossistemas ribeirinhos, a recuperação do património construído, a adequação das actividades económicas (agrícolas, silvícolas e Industriais) a estratégias respeitadoras do ambiente e a criação de percursos e áreas de lazer compatíveis com as necessidades da população [...]"* Enquadra-se numa estratégia de definição e próxima consolidação da *"estrutura ecológica"* do concelho da Trofa, destacando-se aqui a importância de colocar o Parque em contacto com o tecido urbano. Neste contexto, a relação de proximidade da cidade da Trofa com o rio Ave representa uma mais-valia significativa, na medida em que facilita a mobilidade de quantos procuram o contacto com a natureza e constitui um factor de atracção e sensibilização para os cidadãos menos alertados para as temáticas ambientais" (Câmara Municipal da Trofa, 2008). Localizado na margem esquerda do rio Ave, numa área de terras de aluvião, entre Souto de Bairros e Souto de Lagoa. Aqui existem azenhas quer nas margens dos ribeiros, quer nas margens do Ave (de maiores dimensões), que serviam para moer cereais e também existiam engenhos de linho, localiza-se aqui a azenha de Bairros (<http://www.turismoave.com>).
- o **Souto de Bairros**, em Santiago de Bougado, com uma área de 26,1 ha, possui a capela de N.^a S.^a do Desterro cuja edificação data de 1646;
- o **Monte de São Gens**, em Santiago de Bougado, com uma área florestal de 5,3 ha, envolvendo um local de culto com uma panorâmica privilegiada, constituída por parcelas de dimensão reduzida, povoamentos desordenados e com uma elevada carga de combustível;
- o **Monte de Santa Eufémia**, em Alvarelhos, com uma área de 15,3 ha, inclui o Santuário de Santa Eufémia de Alvarelhos, também conhecido por Santa Eufémia da Carriça, e localiza-se no ponto mais alto do Monte Grande, por onde passa a divisória entre os concelhos da Trofa e Vila do Conde;
- o **Parque Florestal do Monte da Paradela**, em São Martinho de Bougado, com uma área de 97,1 ha; é uma área florestal inserida num Maciço Florestal Contínuo.
- a **Estação Arqueológica de Alvarelhos**, com 132,5 ha, povoado fortificado com ocupação desde o período da Idade do Ferro até à época Medieval, com fortes vestígios de romanização. Ocupa várias

plataformas, sustentadas por taludes e cercado por três linhas de muralhas. É igualmente visível, na parte central, a igreja paroquial medieval da freguesia de Alvarelhos, com a respectiva necrópole.

- o **Parque N.ª S.ª das Dores/ Parque Lima Carneiro**, em São Martinho de Bougado, com 4 ha, a actual capela de Nossa Senhora das Dores começou a ser construída em 1879, financiada pelo Conde de São Bento, substituindo a pequena ermida erigida em 1766.

Projectos

Programa Polis de Vila do Conde, com obras de iniciativa pública, e também com oportunidade de investimentos privados, que permitirão a integral fruição das zonas de intervenção que, abrange também uma extensa área ribeirinha do rio Ave, com estudos para as duas margens, desde a Estação Aquícola até à foz do Ave, e incluindo a interligação com o Metro do Porto (<http://cmvilladoconde.wiremaze.com/>)

Parque Temático de Azurara, que vai requalificar a margem sul do rio Ave, que se situará entre as imediações da ponte rodoviária de Vila do Conde e dos estaleiros e terá ainda uma ligação pedonal entre as duas margens do rio, transformando toda a zona ribeirinha - a norte e a sul do Ave - num enorme espaço museológico. Terá 10 hectares de área verde, estruturados em três percursos pedonais a "Rota das Descobertas, de Ceuta ao Brasil"; a "Evolução técnica das embarcações - desde a barca até à nau"; e "A relação entre a vegetação e a construção naval". Ao longo destes percursos, pequenas oficinas, objectos, imagens e vegetação ajudarão a guiar a visita e a recriar ambientes ou factos. Incluirá ainda, através do prolongamento do passadiço de madeira que percorrerá toda a zona ribeirinha sul, a actual azenha, junto ao açude. O parque possuirá duas praças, um centro interpretativo e um restaurante. A entrada ficará junto aos actuais estaleiros, onde se localizará um parque de estacionamento. Existirá ainda um circuito pedonal com ciclovía que ligará o parque ao Cais das Lavadeiras, para que toda a zona ribeirinha possa constituir um único museu das Descobertas, num percurso que se inicia a sul, junto aos estaleiros, e termina a norte, com a visita ao museu da Alfândega Régia e à nau quinhentista (http://jn.sapo.pt/2007/03/22/porto/parque_renova_margem_suldo_ave.html).

O futuro Parque do Verdeal em Vila das Aves, que está previsto ocupar a Quinta do Verdeal, uma propriedade municipal com cerca de 2 ha e a Quinta de Geão junto ao rio Sanguinhedo com cerca de 12ha, também propriedade municipal (www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf). Junto à estação de caminho de ferro de Vila das Aves, abaixo da ponte que liga São Tomé de Negrelos a Vila das Aves (estrada nacional 105), existe um espaço camarário, a **Quinta do Verdeal**, com aproximadamente 2 ha na margem direita do rio Vizela, onde está prevista a instalação de um espaço de lazer.

No âmbito do **Plano de Urbanização das Margens do Ave**, (Resolução do Conselho de Ministros n.º131/2003, de 28 de Agosto (DR, 1.ª Série B)) a câmara municipal de **Santo Tirso**, prevê a criação de vários percursos ao longo do rio Ave. "*O **Passeio das Ilhas** inicia-se na via Panorâmica e tem como objectivo não só ligar as duas margens do rio mas permitir o acesso às ilhas existentes. Estas ilhas possuem uma vegetação densa composta de folhosas diversas entre as quais se salientam os amieiros, salgueiros e carvalhos. O **Passeio do Rio** funciona complementarmente aos projectos em implementação de revitalização do Parque D. Maria II e do Jardim Abade Pedrosa, fazendo deste modo a articulação com a estrutura verde urbana. A intervenção prevista para o **Passeio dos Frades** será discreta, respeitando o seu carácter histórico e tem como objectivo a sua restituição ao uso público na sua dimensão contemplativa. O **Passeio Desportivo** localizado na margem norte do rio Ave, entre este e o Caminho-de-ferro, percorre toda a extensão que medeia entre o Parque de Rabada e o Mosteiro de São Bento, numa extensão de 700 metros, em que a ligação à margem norte, passeio do parque, é feita por uma ponte pedonal. **Passeio Desportivo**, com um programa de actividades desportivas informais das quais se destacam a corrida pedestre, a patinagem, andar de bicicleta ou outras práticas com o mesmo carácter. Neste passeio a componente verde deve ser expressiva propondo-se o ensombramento do percurso em toda a sua extensão. Na extremidade sul deste passeio, aproveitando a plataforma natural que se estabelece no intradorso da curva do rio prevê-se a possibilidade de implantação de uma praia fluvial.*" (www.futurosustentavel.org)

Bibliografia

ADRAVE (2003); Turismo no Ave: oferta turística do Vale do Ave; ADRAVE - Agência para o Desenvolvimento Regional do Vale do Ave; Vila Nova de Famalicão.

ADRAVE (1999-); ADRAVE Informação; Agência para o Desenvolvimento Regional do Vale do Ave; ADRAVE; Vila Nova de Famalicão.

ARAÚJO, Ana Paula (1990); A bacia hidrográfica do Rio Ave; Direcção Geral dos Recursos Naturais; Porto.

BORGES, Júlio António (2003); Paisagem Poveira; Câmara Municipal da Póvoa de Varzim; Porto.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO (-); Plano Director Municipal: Carta Arqueológica; Santo Tirso.

CAMARA MUNICIPAL DA TROFA (2008); Inventário dos Parques do Concelho da Trofa; Informação cedida pela Câmara Municipal da Trofa.

CARMO, Bárbara Palla e (2006); Os mais belos rios de Portugal; fotografia de Augusto Cabrita; Edimpresa; Paço de Arcos.

CORREIA, F. Carvalho (1999); Burgães: elementos para uma monografia; Volume I (até ao século XVIII); Edição da Paróquia de Burgães.

CORREIA, Fernando C. (1989); Areias, até ao século XI; AVE – Cadernos de Cultura; Serviços Culturais da Câmara Municipal de Santo Tirso; Câmara Municipal de Santo Tirso.

COSTA, Francisco S. & GONÇALVES, António B. (2002); Contributo para uma geografia do Ave ou um modelo territorial historicamente construído a (re)pensar; III Congresso Ibérico sobre Gestão e Planificação da Água; Sevilha; (disponível online na página www.en.us.es/ciberico/archivos_acrobat/sevilla5silvacosta.pdf).

CRUZ, António (1982); Santo Tirso de Riba D'Ave; Separata do *Jornal de Santo Thyrso*, N.º 1 (11/05/1982).

DRAEDM, IDARN, ESA-IPVC, UP-CIBIO (2007); Plano de Ordenamento da Bacia Leiteira Primária do Entre Douro e Minho; Vol. I, II e III. Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte, Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e Centro de Investigação e Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1985); Guia de Portugal; Volume IV – Entre Douro e Minho; I-Douro Litoral; Lisboa.

GOMES, José M. Flores; CARNEIRO, Deolinda (2005); Subtus Montis Terroso – Património Arqueológico no Concelho da Póvoa de Varzim; Câmara Municipal da Póvoa de Varzim – Museu Municipal – Gabinete de Arqueologia.

GOMES, Paulino (1997); Vila do Conde: Espreada entre pinhais, rio e mar...; Anegia Editores; Paços de Ferreira.

GOMES, Pedro Teixeira (2001); Património Natural da Bacia do Ave; Projecto ALBA-TER /AVE; Departamento de Biologia; Universidade do Minho (disponível on-line na página <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/2211?mode=full>).

IMAGENS DO VALE DO AVE (2001); Imagens do Vale do Ave: José António Furtado; Fundação Cupertino de Miranda; Vila Nova de Famalicão.

INAG (2000); Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Ave (disponível online na página www.ccdr-n.pt).

INE (2007); Anuário Estatístico da Região Norte 2006; Instituto Nacional de Estatística; Lisboa.

INE (2001); Recenseamento Geral da Agricultura 1999. Entre Douro e Minho: Principais Resultados; Instituto Nacional de Estatística; Lisboa.

LIMA, Fernando C.P. (1971); São Rosendo e o Noroeste peninsular no século X; Separata de Memórias da Academia de Ciências de Lisboa, Classe de Letras, Tomo XIV; Academia de Ciências de Lisboa.

MACHADO, Paulo Sá (1993); Santo Tirso de ontem... e de hoje; AVE Cadernos de Cultura; Câmara Municipal de Santo Tirso; Santo Tirso.

MEIRELES, M.^a José Marinho Queirós (2004); A lenda do Rio Ave; Campo das Letras; Porto.

MUNICÍPIO DA TROFA (2006); Sistemas pré-industriais nas zonas ribeirinhas: região da Trofa; Cadernos Culturais XI; Associação para a Defesa do Ambiente e Património da Região da Trofa; Trofa.

OLIVEIRA, Paulo M. O., SOARES, Cláudia A.C., ALVES, Paulo J. M. (1999); Património Biológico do Concelho de Santo Tirso. Inventariação da fauna e flora em 8 freguesias.

PÁGINAS VERDES (1990); Santo Tirso: roteiro turístico, administrativo e comercial;

PEREIRA, Augusto Castro (2002); História da Indústria do Vale do Ave: (1890-2001); Gráfica Covense; Guimarães.

PIMENTEL, Alberto (1902); Santo Thyrso de Riba D'Ave; Edição «Club Thyrsense»; Santo Tirso.

PINTO, Ricardo Santos (2006); À descoberta do Vale do Ave: rotas do património edificado e cultural...; I Volume; Héstia; Paços de Ferreira.

RIBEIRO, Orlando (1987); Entre-Douro-e-Minho; Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, Volume III, pag. 5-11; Universidade do Porto; Porto.

ROTA DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DO VALE DO AVE (2002); Rota do Património industrial do Vale do Ave; Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave (ADRAVE); Vila Nova de Famalicão.

SANTARÉM, Carlos M. F. (1956); Santo Tirso: ligeiros elementos para uma monografia; Edição da Câmara Municipal de Santo Tirso.

SANTOS, P., MONTERROSO, P., ALVES, P., SARAIVA, T. (2003); O Património Natural da Trofa: A Área Entre Soutos; Edição do Fundo Para a Protecção dos Animais Selvagens (FAPAS) e do Pelouro do ambiente e Serviços Urbanos da Câmara Municipal da Trofa.

SILVA, José P. (1981); São Martinho de Bougado: esboço de uma monografia; Livraria Sólivos de Portugal; Trofa.

UNAVE (2000); Contribuição para a eficácia do projecto e do sistema de despoluição do Vale do Ave; União das Associações Empresariais do Vale do Ave.

VALE DO AVE (1996 -); Vale do Ave: revista da Associação de Municípios do Vale do Ave; A.M.V.A.; Valongo.

VILA DO CONDE (1995); Roteiro IV; Páginas Verdes

Carta Geológica de Portugal (1965) 1:50000
Suplemento do Jornal de Notícias n.º 325, de 21/04/2008

www.mun-trofa.pt/caracterizacao/freguesias.html

www.mun-trofa.pt/caracterizacao/historia.html

www.cm-pvarzim.pt/

www.jfornelo.pt.tl/

www.viladoconde.org/

www.cm-stirso.pt/

www.monumentos.pt

www.ippar.pt

www.dgrf.min-agricultura.pt

www.turismoave.com/

www.adrave.pt

<http://cmviladoconde.wiremaze.com/>

http://jn.sapo.pt/2007/03/22/porto/parque_renova_margem_suldo_ave.html
www.jf-montecordova.pt
www.mun-trofa.pt/floresta/pdf/planta_localizacao_zif.pdf
www.cm-stirso.pt/images/stories/revista_21.pdf
http://jn.sapo.pt/2008/04/25/porto/novos_espacos_parque_rabada.html
www.cm-pvarzim.pt/turismo/guia-do-concelho/o-que-visitar
www.futurosustentavel.org
www.campoaberto.pt